

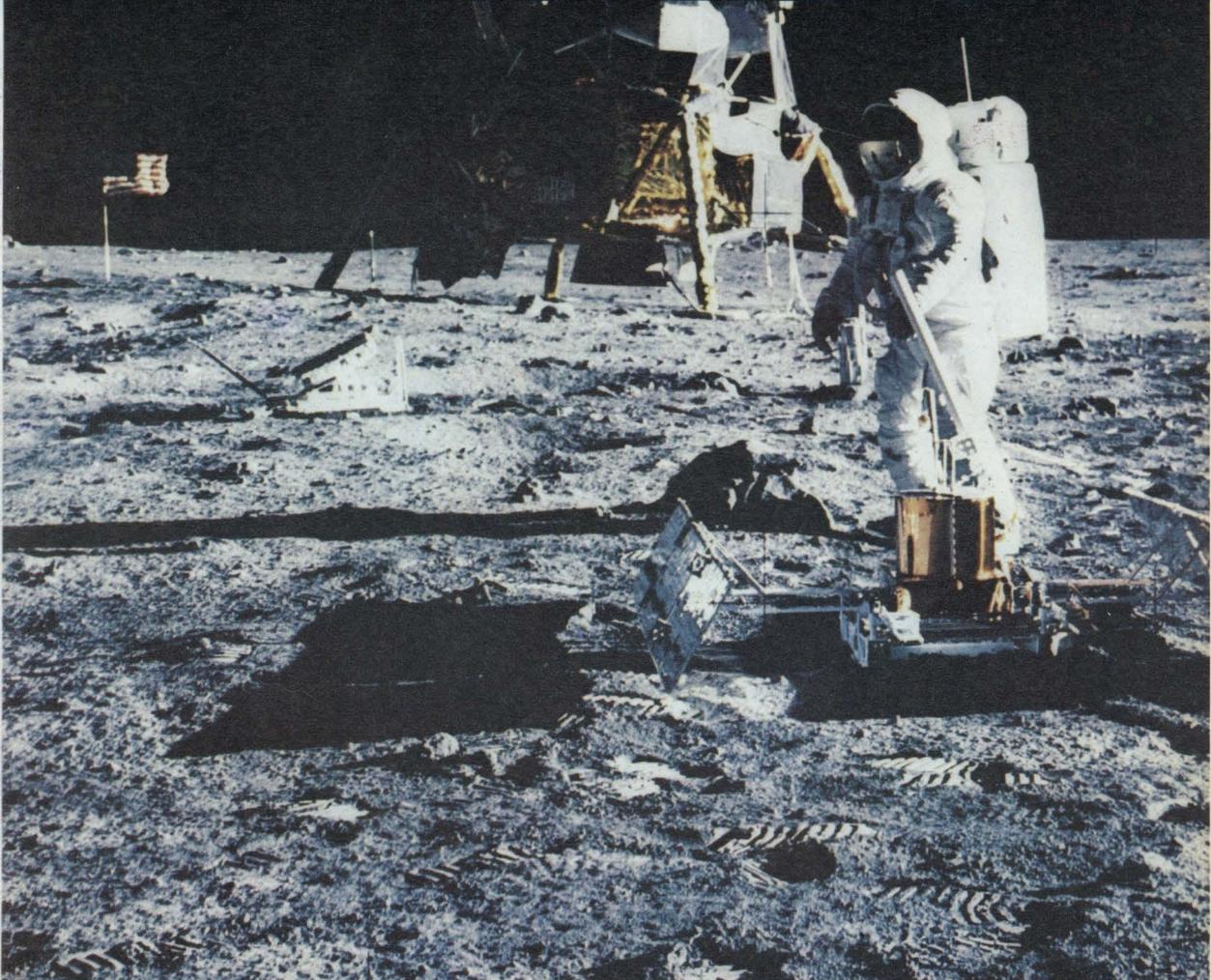
FLAMA

EXCLUSIVO SENSACIONAL

N.º 1120/ANO XXVI/22 DE AGOSTO DE 1969/7.50

16 PÁGINAS A CORES COM AS FOTOGRAFIAS

FEITAS NA LUA



Na Ibéria Linhas Aéreas Internacionais de Espanha só o avião recebe mais atenções que V.

O seu ao seu dono.

Para si a rosa :

A delicada atenção das hospedeiras da IBÉRIA, criadoras desse ambiente cordial e confortável que faz os nossos voos ainda mais curtos.

Sempre ao seu SERVIÇO.

Para os nossos aviões, a chave,

que representa :

a TÉCNICA minuciosa com que centenas de especialistas mantêm a nossa frota, e a comprovada experiência dos comandantes da IBÉRIA, com milhares de horas de voo.

Por isto

uma chave e uma rosa

são o nosso símbolo.

Consulte

o maior perito em viagens:

o seu Agente de viagens,

ou o mais próximo escritório

da Ibéria.



IBERIA

Linhas Aéreas
Internacionais de Espanha



... onde só o avião recebe mais atenções que V.

DEPÓSITO LEGAL
-0. SET. 1969



FLAMA

REVISTA SEMANAL DE ACTUALIDADES • DIRECTOR: ANTÓNIO DOS REIS

SUMÁRIO

COR

O homem na Lua 27-42

NACIONAL

Quem empresta não piora 14-18

7 rapazes desceram o Tejo
numa jangada 43-50

Auto de Floripes 52-55

INTERNACIONAL

A Irlanda à beira da guerra civil? 21-25

Jean-Paul Belmondo em férias 56-57

Mireille Darc 60-61

Anatoly Kuznetsov 62-63

CRÓNICA

Toiros 58

RUBRICAS

Em foco 4-9

TV programas 10

Cartas ao Director 12

Discos 19

Crocodilo 20

Humor 66

Palavras cruzadas 66

CAPA: Armstrong na Lua

EDITOR: ANTÓNIO DOS REIS / CHEFE DA
REDACÇÃO: M. BEÇA MÚRIAS / SUBCHIEFES DA
REDACÇÃO: CARLOS CASCAIS e J. SILVA PINTO
/ PROPRIEDADE DA UNIÃO GRÁFICA, S.A.R.L.

Redacção, Administração e Publicidade: Rua de
Santa Marta, 48 — LISBOA-2 — Telef. 44191/2-
46174/5. Imprime-se na «União Gráfica», S.A.R.L.,
Fotogravura Nacional e na Neogravura, Limitada.

A «FLAMA» declina toda a responsabilidade acerca
dos documentos que lhe sejam enviados. Os ori-
ginais não publicados não serão devolvidos. A
colaboração, geralmente, é pedida pela Direcção.

DIALOGO COM O LEITOR



A LUA AO NOSSO ALCANCE

Dezasseis páginas com as fotos a cores obtidas na Lua pelos astronautas Armstrong e Aldrin constituem o principal centro de interesse deste número da «Flama». Lutando contra todas as dificuldades que nos meses estivais se deparam a todos os órgãos da informação para manter o nível alcançado nos restantes períodos do ano, cremos ter alcançado o nosso objectivo: continuar a oferecer, a quem nos dá a sua preferência, os maiores serviços mundiais sobre os acontecimentos dominantes do nosso tempo. E esta é a era da Lua. Um tempo novo na marcha milenar do Homem, primeiro sobre a Terra e, agora, a caminho do Espaço. Por isso dedicamos tanta atenção à Lua. Porque desejamos ter em atenção, sobretudo, os valores humanos, simples reflexos de Quem tudo criou.

Mas nem por isso desapareceram os problemas da Terra. Continua a haver necessidade de casas de penhores; continua a haver emigrantes; continua a haver crimes espantosos. E há homens com verdadeiras vidas para contar: o padre Fanhais, o escultor popular António Caiola; o actor Raul Solnado que está sempre «em foco». Gente, tanta gente, de quem damos notícia.

Outro exclusivo que oferecemos neste número da Revista refere-se à expedição de alguns jovens escuteiros de Castelo Branco que demoraram um ano a preparar uma viagem de jangada pelo Tejo, desde Vila Velha de Ródão até Lisboa, e a efectuaram numa semana. A sua aventura está nas nossas páginas. Para o leitor.

ATÉ QUANDO, AMÉRICA?

ALMEIDA MARTINS



Data — 9 de Agosto de 1969.
O local — Uma luxuosa vivenda retirada no meio de um pequeno bosque de Hollywood Hills, na Meca do cinema. Propriedade de Roman Polansky, notável realizador de cinema, de origem polaca, casado com a bela actriz Sharon Tate, da qual esperava um filho brevemente. Vegetação e clima mediterrânicos.

País — uma fatia de continente cheia de *chewing-gum* que se chama E.U.A., estado da Califórnia (pronuncia-se «Calafónia»).

As vítimas — Cinco, nem mais nem menos. Uma delas dava em vida pelo nome de Sharon Tate, era bonita e tinha casado o ano passado com Roman Polansky. Os outros quatro eram convidados de Sharon para um pequeno e ameno *party*. Trajo de Sharon: *bikini* coberto por um diminuto robe. Os corpos foram encontra-

Ao embarcar para a América, pouco depois de saber da morte brutal da mulher. Roman Polanski era um homem destruído.

À DIREITA: imagem distante de uma felicidade destruída.

dos crivados de punhaladas e de balas.

Polansky — Ausente em Londres.

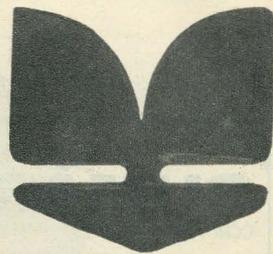
Ambiente — Macabro, como compete. Uma corda de *nylon* prendia Sharon Tate ao cabeleireiro Sebring, sobre cuja cabeça de cadáver foi colocado um capuz negro. Dois outros corpos jaziam à entrada. O último pendia sobre o volante do seu automóvel. À volta, um país que se chama América, com polícias e ladrões, estupefacientes, tiros, agentes da ordem, Al Capone, leis secas, recordações de Buffalo Bill, ideias de Superman e Batman, e Organizações dos Estados Americanos. E



também histórias aos quadrinhos.

Moralidade — Chamava-se Sharon Tate e vivia em Hollywood

Pergunta final — Até quando América? Até quando?



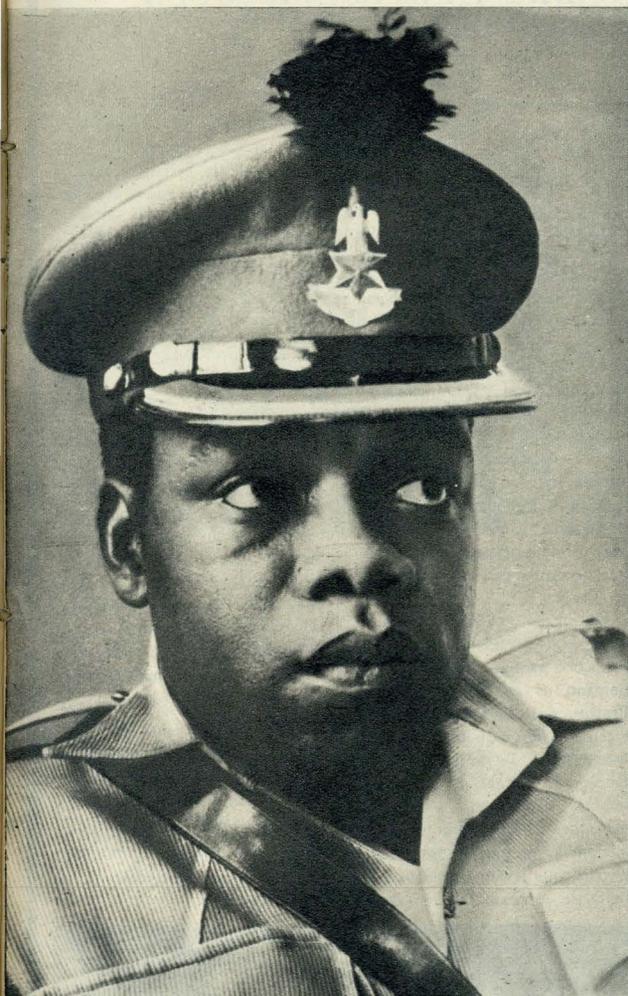
FOME NO ARSENAL DA NIGÉRIA

ESPECIAL

Ao princípio chamavam-lhe a guerra esquecida do continente africano. Agora todos falam dela, mas 800 biafrenses continuam a morrer diariamente de fome. As pressões exercidas sobre ambas as partes pretendem duas coisas: acabar com o conflito e estruturar o auxílio de que o Biafra necessita. Mas a Nigéria utiliza a fome como arma, acusam alguns observadores. E a guerra continua.

A crise que, desde os começos de Junho, se desenrola entre o Governo Federal nigeriano e o Comité da Cruz Vermelha Internacional e que conduziu à interrupção, talvez definitiva, dos socorros desta organização à Nigéria e ao Biafra, ilustra com exactidão, mas também com uma certa cruzeta, a dificuldade de manter uma acção humanitária num conflito onde as paixões se desencadearam e onde as partes se recusam a toda e qualquer concessão.

Como poderia um organismo internacional como a Cruz Vermelha distribuir equitativamente, sem ser acusado de favoritismo, o seu auxílio a ambos os adversários num clima de desconfiança como aquele que se gerou? O Direito da guerra, desenvolvido nos finais do século passado, com o fito de humanizar os conflitos,



O general Ojukwu, chefe dos rebeldes biafrenses, que todos os dias vê o seu povo diminuir de oitocentas pessoas.

estabelece que sejam prestados os cuidados necessários aos feridos e que as populações civis sejam poupadas. No entanto, tal direito, aparece-nos várias vezes como algo de ilusório, nas modernas formas da guerra total. É o caso do conflito biafrense, no qual os secessionistas se encontram numa situação desesperada, só podendo subsistir através do auxílio exterior.

A tentativa de construir um bloqueio perfeito, capaz de pôr

fim aos combates, é demasiado grande.

Os dirigentes federais começaram já a sucumbir a esta tentativa e, se ainda hesitam, é sem dúvida por razões de ordem política.

É conveniente notar que a crise entre Lagos e o Comité da Cruz Vermelha Internacional remonta a 6 de Junho, data em que o avião desta organização foi abatido. No dia 14, Lindt, delegado do Comité da Cruz Vermelha In-

ternacional foi considerado como «persona non grata» pelas autoridades federais. A 30 de Junho, Lagos punha fim ao papel coordenador da C. V. para o envio de socorros à Nigéria. A questão corresponde a um período de resistência dos biafrenses que, tendo perdido a sua capital provisória, Umuahia, no dia 23 de Abril, reconquistavam, no dia 24 do mesmo mês, a cidade de Owerri. Foi em Maio que ocorreu a captura de 18 técnicos de petróleos, europeus, em Kwale, localidade situada a oeste do rio Niger. Ao mesmo tempo, os Biafrenses fizeram alguns progressos para sul, na direcção do porto de Harcourt. Recentemente, anunciavam — sem dúvida com um pouco de optimismo — a reconquista de Umuahia, o que, na realidade, parecia significar a existência de combates nalguns pontos da cidade. Nos começos de Junho, o general Ojukwu afirmava ter retomado a iniciativa nas operações.

EM GUERRA COM A CRUZ VERMELHA

Depois de dois anos de guerra, no decorrer dos quais a resistência biafrense parecia quase um desafio a qualquer tentativa de nacionalismo, é fácil de compreender que os federais não vissem com bons olhos o prosseguimento da obra da Cruz Vermelha, no Biafra, obra essa que vinha reforçar o potencial humano do adversário.

É segundo este prima que se torna necessário analisar o insucesso das negociações realizadas em Londres sobre o restabelecimento dos envios de socorros e das conversações bizantinas sobre as condições de voo e «controle» de cargas.

É preciso reconhecer que os biafrenses não estão, de modo nenhum, predispostos à conciliação.

No dia 18 de Julho, em Nova Iorque, o conselheiro económico do Governo biafrense, o dr. Pius Okigbo, admitia os voos diários da Cruz Vermelha, com decisão no aeródromo de Uli, impondo, porém, como condição que esta zona fosse protegida por uma terceira potência e que a inspecção das cargas não tivesse lugar em território nigeriano, como foi pedido pelas autoridades federais.

Na mesma ocasião, solicitavam aos Americanos que se comprometessem um pouco mais numa obra de socorro, mostrando que se tratava de impedir que centenas de milhar de mortos viessem juntar-se ao milhão e meio de biafrenses que já morreram de fome. Actualmente, calcula-se que 800 biafrenses morrem, todos os dias, de fome. Mas nem estes terríveis factos conduzem à renúncia de uma ou outra das partes.

Os federais, que dispõem de uma enorme superioridade de meios de toda a espécie não hesitam em tomar a responsabilidade de interromper os socorros da Cruz Vermelha. Um dos objectivos do general Yacoubu Gowon, chefe do governo federal, é demonstrar aos Ibos que foram rejeitados por uma comunidade nacional da qual, segundo a opinião dos nigerianos, sempre fizeram parte. Esta atitude seria encarada como uma falta de firmeza por alguns dirigentes nigerianos como, por exemplo, Anthony Enahoro e Obafemi Awolowo, os quais acham que a fome é uma legítima arma a utilizar na guerra.

É deveras significativo o facto de um jornal de grande projecção como o «Times», ter escrito, recentemente que «os factos tornam agora evidente que a principal arma de guerra utilizada pelo Governo nigeriano é a fome».

RÁUL SOLNADO: «GOSTO MUITO DE BALADAS»

ALMEIDA MARTINS

Raul Solnado é, mais do que nunca, um homem em foco. As suas *charges* no *Zip-Zip* têm levado o seu humor e a sua queda histriónica aos pequenos *écrans* disseminados pelo País. Há, porém, quem interprete mal as referências humorísticas a certos tipos de actividade. Ora, o humor sempre existiu desde que o homem é homem. «O Homem é um animal que ri», escreveu Platão. Quando ri, é claro que se ri de alguma coisa que lhe provocou o riso. E o riso surge da caricatura de uma realidade ou da deformação de um modelo fixo rigidamente aceite.

No último *Zip-Zip*, Solnado caricaturou as baladas e os jovens trovadores. De barba postiça e camisa arregaçada, Solnado foi, durante cerca de um quarto de hora, um jovem insatisfeito. Menos-prezo? Não. É Solnado quem nos diz:

«Só se fazem *charges* a coisas com muita importância!»

A ideia de Solnado tem várias interpretações possíveis. É claro que também um gatuno (e foi o caso) pode ser considerado muito importante. Mas, por outro lado, a ideia de Solnado é linear, simples, quase pura. Não há valores morais; há importâncias. E Raul Solnado, à uma da manhã, no átrio do «Villaret», declarou-nos naquele seu modo sério de dizer coisas como quem brinca:

«Eu gosto muito de baladas! Gosto!»

Em Raul Solnado é difícil (se não impossível) descobrir intenções para além das suas próprias palavras: ele diz (e faz) o que é. E Solnado é, essencialmente, um artista cómico que pretende divertir o público.

Lembrámo-nos das palavras impressas de Mário Castrim no seu «Canal da Crítica». A única dúvida deste crítico, em relação a um total aplauso à *charge* do trovador como *charge*, é o possível retraimento de muitos jovens baladistas em se dirigirem, futuramente, ao *Zip*.

Solnado não vê as coisas assim: «Acho que não, que eles não terão retraimento nenhum. Tenho a certeza disto porque são tipos



Solnado - Cloaldo:
apenas humorismo sem intenção.

que possuem sentido de humor...»

Será de tentar descobrir alguma espécie de crítica oculta nas dobras da rábula do trovador? A palavra é de Raul Solnado:

«A gente criticou o próprio programa. O trovador da *charge* foi apresentado como qualquer outro dos que nós temos divulgado. Criticámo-nos a nós próprios.»

Resumindo: Solnado interpretou um número humorístico. Mais um. Solnado é um ator cómico. Solnado é português. Solnado vive neste nosso tipo de mundo. Logo, Solnado tem o direito de fazer rir. Rir por rir. E para rir. Em absoluto, poderá ser condenável (nunca em relação ao trovador da rábula) mas tudo se integra justamente num certo tipo de estruturas das quais se mantém alheio o realismo crítico como fim.

As perguntas e as respostas feitas ao badalista, as músicas de Fernando Alvim e as letras de Fialho Gouveia, Carlos Cruz, Nuno Martins e Solnado — foram os elementos da mistura quase explosiva que esteve na origem de mais um número cómico do *Zip-Zip*. Solnado mantém-se tranquilo. Toda a equipa se mantém tranquila. Só quem usa por bem rugas na testa e beigo descaido poderá ter levado a mal esta *charge* — dirigida a um certo tipo de baladistas e a um certo tipo de entrevistas. Numa certa zona do Mundo.

PADRE FANHAIS NÃO QUER SER VEDETA

ALEXANDRE MANUEL

Francisco Fanhais, 28 anos, sacerdote, é de algum tempo a esta parte um dos vultos grandes das baladas domésticas. A sua voz, as suas canções, a sua presença simpática facilmente encontram aceitação num meio que anseia por consagrar reais valores. Padre Fanhais procura, nas baladas que interpreta, transmitir as esperanças das pessoas, o seu dia-a-dia — esse um novo factor para explicar o êxito obtido.

Mas canta também porque gosta, porque sente que cantar é uma forma de expressão diferente, porque cantar é a sua maneira de ser padre.

«A missão do Padre concretiza-se a vários níveis, sacramental, litúrgico e naquilo que ele tem de humano: os seus gostos e anseios. Procuro exercer a minha função sacerdotal servindo-me de música interpretada à minha maneira. Para mim cantar é *dizer*, em música, texto, poemas, letras. Não quaisquer textos, mas aqueles que ajudam as pessoas a tomar consciência, que levam os outros a libertar-se. As pessoas sentem imen-

sua vivência de cantor, cantor de José Gomes Ferreira, de João Apolinário, de Sebastião da Gama e de tantos outros (conhecidos ou não, com a condição de terem mensagem).

Um padre que canta, mas não quer ser vedeta. Desconhecido do público, a Televisão transportou-o a milhões de pessoas. Passou a ser solicitado para cantar aqui e ali, sobretudo em reuniões de jovens «essa juventude bestial» que o ajudou imenso a pensar e agora não permite que contemporize. Saiu há pouco um disco seu. Há dias cantou na Tapada da Ajuda, num anfiteatro com muitas centenas de jovens apinhados, e todo ele era alegria, todo ele era comunicação, via-se que se sentia em casa. Ele confessa que se sente imensamente feliz quando sente as pessoas libertarem-se através de si.

«A crise da juventude (que não é nada crise) consiste apenas na procura do infinito. Uma busca, calma ou turbulenta, conforme o ânimo de cada um. A juventude é uma chicotada para aqueles que dormem com a morte por travesseiro. Sofro com ela no seu desejo de busca para transformar as sociedades».



Padre Fanhais é um homem jovem: que sabe sorrir.

nos problemas para os quais precisam de uma resposta. Muitas vezes chegam à minha mão textos que vão ao seu encontro. Quando dou com eles, musico-os ou, se estão musicados, adopto-os como veículo do que verdadeiramente sinto.

Assim exprime Padre Fanhais a

Feliz, de uma felicidade interior, Padre Fanhais vai buscar esse estado de espírito ao Cristianismo.

«Se há uma força revolucionária de que eu quero ser testemunha é a do Evangelho. Ele é acima de tudo o testemunho duma comunidade que viveu com o Senhor.



António Caiola, pedreiro e escultor de madeiras.

ANTÓNIO CAIOLA: A ESCULTURA ESTÁ NO ARVOREDO

DANIEL RICARDO

Comencei a trabalhar a madeira há quinze anos, porque na escola ouvia falar tantas vezes em D. Afonso Henriques, em D. Nuno Álvares Pereira, em Pedro Álvares Cabral, que desejei ser como eles. E uma sombra desses senhores, pelo menos, já sou», diz-nos António Brito Caiola, antigo pastor de Santa Eulália, hoje pedreiro e escultor.

Como numa visão apocalíptica, entrelaçam-se, defronte do receptor de televisão, multiplicadas pelo vidro do *écran*, estranhas figuras de animais e homens, talladas em troncos de árvore, colhidos, ao acaso, nos campos. A pequena sala, com os seus sofás de napa e as paredes vazias, povoa-se de angústia, de ironia, de ambiguidade. Caiola tem as calças salpicadas de poalha branca e, no chão, há serradura e aparas. Para além da janela, alongam-se os telhados de Santa Iria de Azóia e, ao fundo, marginando o rio, estendem-se os campos, verdeja a mata.

O escultor retira os objectos que criou, de caixas de papelão. Coloca-os, depois, desordenadamente, sobre a mesa. Eram troncos. Ele transformou-os. Com um canivete, feriu a madeira. Com

os dedos encortiçados de trabalhador afeiçoou-lhe, levemente, a forma tosca. Mas os volumes monstruosos de onde arrancam, em movimentos bruscos, corpos que se distendem, esguios ou retorcidos, já existiam antes: «São as árvores que transmitem pensamentos à gente». Caiola, apenas, descobriu esse magnífico espectáculo, sem espectadores, que está na Natureza.

UMA CERTA LÓGICA INTERNA

«Tempos antigos» é um conjunto de três peças — três homens sentados — e uma história: «o meu sogro esteve em França, na guerra. Dizia, então, que os soldados costumavam catar as lêndas com um pente fino, esmagá-las entre as unhas dos polegares e metê-las em caixas de fósforos. Era um serviço sujo que eu descrevo, assim, nestes bonecos... O último tem a cabeça coberta: está envergonhado».

Para o escultor, a criação representa uma síntese de experiências e emoções mesmo quando conta uma história ou retrata um objecto, traduz, na madeira, a iniquitação e a ironia amarga que a vida de operário lhe ensinou. A sua arte, embora não seja

figurativa, possui, pois, uma lógica interna que a concretiza.

Caiola começou por trabalhar o buxo, executando pequenos objectos utilitários e decorativos. Um dia, alguém lhe disse que estava a laborar em erro. «As coisas bem feitas já não se usam, explicaram-me. Passei, então, a utilizar os troncos, e, mais tarde, apresentei os bonecos ao D. Manuel de Melo, do Museu de Arte Popular. Em 1963, expus, pela primeira vez, no S.N.I. Gosto de ser conhecido».

Contudo o escultor não quer vender os seus trabalhos. Executa-os como quem lança um grito, ainda que ninguém o ouça.

«Comunicar, para quê? Se eu morrer, a família pode dar aos bonecos o destino que lhe aprouver. Entretanto, guardo-os comigo. Só sairão de minha casa para um museu de arte regional».

Por isso, Caiola não se apresentou na Feira do Artesanato. Por isso, e também «porque

custa caro. O ano passado quando expus, pela segunda vez, no SNI, convidaram-me a montar uma barraca, em Cascais. Teria de pagar o aluguer, de contratar pessoal... Isso não dá para a gente. Somos pobres».

Com a 4.ª classe da Instrução Primária e muita sensibilidade, o pedreiro de Santa Iria de Azóia tornou-se escultor de figuras bizarras. Mergulha no arvoredo percorre os troncos com o olhar ávido de beleza e recria. Só trabalha em madeira «para não tirar o lugar à nossa simpática Rosa Ramalho» e, embora nunca tenha visitado um museu, procura integrar-se nas modernas correntes da escultura.

Na sua simplicidade de camponês desenaizado, Caiola não percebe que se transformou num símbolo — símbolo do país que, em plena era espacial, ainda realiza o milagre de preservar o primado da intuição sobre a técnica ...

QUAL A VERDADE SOBRE DEFREGGER?

«LA CROIX»

Atitude, durante a guerra, do actual bispo-coadjutor de Munique, mons. Matthias Defregger parece ser bastante diversa daquela que a revista «Spiegel» deu a conhecer. Com efeito — escreve o jornal «Die Welt» de Hamburgo — o então capitão Defregger nada mais fez do que cumprir ordens.

As instruções recebidas exigiam, primeiro, que matasse os habitantes de Fileth e incendiasse a aldeia, sendo depois alteradas no sentido de serem mortos apenas os homens dos 16 aos 60 anos. No entanto, para que o capitão Defregger transmitisse estas instruções a um dos seus subordinados, foi necessário que dois oficiais de Estado-Maior lho impusessem.

Ao ser entrevistado para a televisão, mons. Defregger declarou estar inocente, acrescentando que a acusação que lhe fazem é um peso que o sobrecarrega e do qual dificilmente se poderá libertar.

Por outro lado, um porta-voz do cardeal Doepfner declarou há dias que este não havia julgado necessário, quando da elaboração do processo para a nomeação do bispo-auxiliar de Munique, apon-



Mons. Matthias Defregger

tar o facto da participação de Defregger nas execuções.

O direito canónico prevê como impedimento para a ordenação sacerdotal o homicídio ou o pronunciamiento de sentença de morte e sua execução. Ora mons. Defregger não pode ser acusado de nenhum deles, segundo os seus defensores.

Mas as questões levantadas pelo caso da morte dos 17 reféns da pequena aldeia situada a 100 quilómetros de Roma continua de pé. Não interessa tanto saber se as leis foram ou não observadas, como esclarecer o sentido dessas mesmas leis: qual é a imagem do bispo, colocado à cabeça duma comunidade cristã, dada através do Evangelho?

VOLTA A PORTUGAL: COMPETIÇÃO «À ESCALA»

DANIEL RICARDO



...«que sabemos, só ainda não há corridas de comboios...»

Começou a Volta a Portugal em Bicicleta. Ao longo das estradas, por esse país fora, multidões aglomeram-se para ver os ciclistas pedalar. Como nos dias de festa, há arcos e bandeiras nas povoações e os altifalantes dos carros atroam os ares. Cartazes esvoaçam a toda a largura das ruas e avenidas, «slogans» publicitários martelam os ouvidos das pessoas. Durante dezoito dias a nossa mais importante prova velocipédica concentrará todas as atenções.

UMA FORMA DE EVASÃO

O homem gosta de jogar. Por isso, transforma tudo em competição. A bicicleta começou por ser um meio de transporte tal como os carros de tracção animal, os automóveis, os aviões, os barcos e os combóios. Que sabemos só ainda não há corridas de combóios...

«É bom seguir, a par e passo, as fases da Volta, fazer previsões, apostar», disse-nos um estudante universitário, que, todavia, não sabe andar de bicicleta. À noite, defronte do «écran» da televisão e de manhã, debruçado sobre os jornais, ou com os «transistores» pendurados nas orelhas, milhões de portugueses alimentam a sua admiração por Joaquim Agostinho, Fernando Mendes, João Roque, Mário Silva, Leonel Miranda. Os ídolos rolam na planície, trepam as montanhas, giram na pista, há alterações na classificação geral, muda de corpo a camisola amarela. E, para além dos proble-

mas quotidianos o povo encontra na Volta (à mingua de futebol, neste pachorrenco período de defeso) uma nova forma de evasão.

ENTRE ALCAINS E SEIA

Pista das Antas, 9 quilómetros; Padrão da Légua-Azurara, em contra-relógio e circuito de Vila do Conde; Vila do Conde-Guimarães, 215 quilómetros, 141 quilómetros de Guimarães a Chaves; Chaves-Bragança, 100 quilómetros e Bragança-Vila Real; Vila Real-Porto, 116 quilómetros e novas provas de pista, nas Antas; Porto-Viseu, 214 quilómetros — e está corrido um terço da competição.

Depois, virá a etapa mais difícil — a 23.ª — entre Alcains e Seia, com uma contagem de segunda categoria e duas de primeira para o prémio da Montanha. Mas, até lá, os ciclistas terão de rolar ao longo de 1239 quilómetros, por Esgueira, Caldas da Rainha, Lisboa, Grândola, Loulé, Tavira, Monte Gordo e Évora e de enfrentar quatro circuitos, um em estrada (circuito de Loulé) e três em pista (Sangalhos, Alvalade e Tavira). Entre Seia e Avelar, o percurso é plano. Até Lisboa, de resto, a principal dificuldade parece situar-se na tirada de contra-relógio individual, de Vila Franca de Xira ao Estádio José Alvalade, no último dia da prova.

UM POUCO DE TUDO

Sem o rigor do «Tour de France» onde Joaquim Agostinho se superou a si próprio, a Volta a Portugal tem, no entanto, um pouco de tudo. Traçada de forma a abranger uma parte considerável do País, conta com sete etapas de montanha e três tiradas cuja extensão ultrapassa os 200 quilómetros.

Sob o sol tórrido de Agosto, mais de 70 ciclistas pertencentes a sete equipas pedalam e suam. O primeiro da classificação geral ganhará 25 contos (cerca de 1.500\$00 por cada dia de esforço muscular); ao segundo caberão 16 contos, ao terceiro 13 e ao quarto 11. Até ao 10.º os prémios diminuem de 1 conto, por lugar. O 11.º receberá 3.500\$00; o 12.º, 3.000\$00; o 13.º, 2.500\$00, o 14.º, 2.000\$00 e o 15.º, 1.500\$00. Os restantes, até ao 20.º, ganharão mil escudos. Mas para os corredores que vencerem cada uma das etapas de estrada, haverá 1.500\$00 e, respectivamente, 500\$00 e 300\$00 para os segundo e terceiro. Nas etapas de pista, os prémios são menores: 500\$00, 250\$00 e 150\$00. Foram, ainda, instituídos três prémios para a classificação por pontos (5.000, 2.500 e 1.500 escudos); três prémios para os vencedores das metas volantes (3 mil, 2 mil e mil escudos) e vários prémios particulares cujo total, até agora conhecido atinge 15 mil escudos. Quer dizer: se um ciclista

conquistar o primeiro lugar em todas as classificações e metas poderá receber, no final da prova, cerca de 125 contos, além dos prémios particulares. Este cálculo é, contudo, puramente teórico...

MIL E CEM CONTOS DE DESPESA

São os clubes que tratam do alojamento, da alimentação e do abastecimento dos ciclistas. Mas a Federação Portuguesa de Ciclismo concede-lhes 250\$00 diários por cada atleta — bem como paga 200\$00 diários por cada acompanhante e as despesas dos respectivos carros de apoio. No total, o custo da Volta cifra-se em 1.100 contos que a publicidade e as receitas dos circuitos sempre cobrem.

Quem vencerá a prova? Quem perderá? O montante total dos prémios não seria suficiente para «fazer correr Sammy». Nem as despesas parecem justificar as preocupações que se lêem nos olhos sombrios de alguns «entusiastas». Em França, estava em jogo um peso muito maior de metal sonante (além disso o franco não tinha sido ainda desvalorizado) e o preço da organização atingiu verbas para nós insuspeitadas. A Volta a Portugal é, apenas, uma competição «à escala» — tal como são «à escala», embora noutra dimensão, os problemas que afectam o ciclismo e os ciclistas, o desporto e os desportistas.



A BELA E... O BURRO — Deidre Baker, gentil inglesinha de 20 anos, dedica um especial afecto a este burrico que dá pelo nome de Charlie e cujos três meses de vida tem acompanhado a par e passo. Na foto, Deidre leva Charlie a passear, a conhecer novas terras. Talvez burro novo aprenda línguas...

HÁ EMIGRAR E EMIGRAR, HÁ IR E FICAR...

MÁRIO CALDAS

Um estudo estatístico recentemente publicado pelo Ministério francês dos Assuntos Sociais revela que vivem em França 330 mil portugueses, entre 3 100 000 estrangeiros. Os imigrantes representam 6 por cento da população total e 10 por cento da população activa do país.

Em conjunto, os nossos compatriotas constituem a quarta comunidade estrangeira mais importante. A principal é a espanhola, com 695 000 pessoas; seguem-se a italiana e a argelina com 660 000 e 600 000, respectivamente. Mas os 144 000 polacos, os 100 000 marroquinos e os 60 000 tunisinos também ocupam posições de relevo, na escala.

Entretanto, de ano para ano, não diminui o afluxo de imigrantes. Segundo o boletim da Junta Nacional de Imigração, fixaram-se, permanentemente, em França, entre 1946 e 1966, 554 mil trabalhadores italianos, 420 mil espanhóis e 201 mil portugueses. Estes últimos englobavam 14 por cento do total dos estrangeiros que atravessaram a fronteira galesa durante o período considerado. Por outro lado, em 1967, Portugal foi o país que forneceu à França maior número de imigrantes. «Os portugueses invadiram as regiões de Paris e do Rodano-Alpes», lê-se no referido boletim. Ainda em 1967, a imigração somou 54 500 pessoas, 80 por cento das quais oriundas de Portugal, da Espanha e da Itália, cujas populações atingiam, então, respectivamente, cerca de 9 123 000, 31 339 000 e 50 849 000 de habitantes.

A FUGA DO CAMPO

A emigração, que não é, pois, um fenómeno exclusivamente português, e corresponde a um movimento que abrange as classes sociais menos favorecidas e, dentro destas, sobretudo, o campesinato. «Emigrar», escreveu um conhecido economista, «representa a decisão mais grave na vida de um pequeno agricultor. Ela significa romper com quanto lhe é



Emigrantes: «uma secreta ou confessada esperança de voltar um dia».

querido: a terra que cultivou, a região onde nasceu, a família.

Entre 1958 e 1967, foi dos concelhos de Viana do Castelo, Braga, Fafe, Guimarães, Guarda, Sabugal, Castelo Branco, Covilhã, Fundão, Vila Nova de Ourém, Leiria, Pombal e Loulé (regiões onde predomina a pequena propriedade) que saíram os maiores contingentes de emigrantes. Não podendo continuar a sua limitada exploração e não se conformando com o trabalho assalariado, os camponeses procuram, noutros países, melhorar a sua situação económica, movidos por «uma secreta ou confessada esperança de voltar um dia para recompor o pequeno pecúlio arruinado ou perdido».

SEMPRE A SUBIR

O número de emigrantes que se distribuíram pela Europa, em 1967, cifrou-se em mais de 60 mil. Destes, 59 415 fixaram-se em França. Se contarmos com a emigração clandestina provável, podemos estimar em cerca de 73 mil o total de portugueses que, naquele ano, atravessaram os Pirenéus.

São, entretanto, raros os que regressam. Muitos fixam-se, definitivamente, no novo país, «porque, lá também, a miséria os toma e os domina». Alguns voltam tão pobres como partiram e «bastantes vêm vencidos e doentes, apenas para morrer na sua terra e junto dos seus». Todavia, na última década, a emigração portuguesa legal para a Europa aumentou na proporção seguinte:

1958	4823	pessoas
1959	3678	»
1960	3805	»
1961	6027	»
1962	9163	»
1963	17 099	»
1964	38 414	»
1965	71 499	»
1966	86 973	»
1967	63 918	»

A emigração só é autorizada após satisfação dos requisitos estabelecidos na lei (decreto n.º 44 428 de 29 de Junho de 1962, art. 4.º). Assim, cada emigrante deverá ser titular de um contrato de trabalho firmado por contratante idóneo, ou de uma carta de chamada passada a pedido do chamante no consulado de Portugal da área da residência deste. Além disso, a

obtenção do passaporte encontra-se condicionada pela declinação da identidade do candidato, prova da sua robustez física para o desempenho da profissão que pretende exercer, licença militar, registo criminal, etc. Por outro lado, há que ter em conta as exigências do país de destino (idade, aptidão física, aptidão profissional, antecedentes penais, habilitações literárias).

Nenhum legislador pode proibir a emigração. Mas enquanto não forem superadas as razões que a determinam, pertence às instâncias oficiais esclarecer e proteger os emigrantes. Sem protecção, eles continuam a ficar definitivamente no estrangeiro ou a regressar, vencidos e doentes, tão pobres como antes...

LIVROS E ROMARIAS

AFONSO PRAÇA

Mais de dois mil livros, atingindo um montante de cerca de 47 contos, foram vendidos na Feira do Livro de Peniche que, durante uma semana, funcionou com quatro stands no jardim público daquela vila.

A iniciativa (que merece os maiores aplausos) fica a dever-se ao Círculo de Iniciação Cinematográfica da Associação Recreativa Penichense que está a desenvolver esforços notáveis no sentido de contribuir para a valorização cultural dos habitantes da simpática vila de pescadores, muito conhecida em todo o País, por motivos vários.

A Feira do Livro (a que se seguiu uma «Semana Cultural», com colóquios e sessões de cinema) não teve todo o apoio que mereceria. Com efeito, além do patrocínio da Câmara Municipal, apenas deram a sua colaboração as editoras Ulisseia, Europa-América, Arcádia, Portugalia, Prelo, D. Quixote, Moraes e União Gráfica. Isto quer dizer que ficaram de fora muitas outras editoras e até o próprio Grémio dos Editores e Livreiros. Porquê? Receio de um fracasso económico a que se juntaria a despesa com as instalações? Mas os organizadores trataram de tudo, incluindo da montagem de stands e às editoras pediram apenas livros! Já não é necessário divulgar o livro fora dos grandes centros consumidores? Mas toda a gente diz que Portugal lê pouco!

Seja como for, a Feira do Livro de Peniche foi uma realidade agradável que promete continuar no futuro. É a iniciativa leva-nos, agora, a perguntar se a realização de feiras do livro nas diversas cidades do País, em algumas vilas e, até, em aldeias, não seria um bom investimento a longo prazo, tanto para os editores e livreiros como para a promoção da cultura em Portugal.

Mas a Feira do Livro de Peniche (assim como a Semana Cultural) foi integrada no «Festival de Verão». À primeira vista, seriam iniciativas sem lugar em festejos de maior ou menor tradição, nem em festivais de terra à beira-mar, em épocas de praia. Quem assim pensar, está redondamente enganado.

Com efeito, qualquer das duas realizações constituiu um êxito assinalável, provando que o povo, nas suas festas, não quer apenas carrocéis e arraiais com fogo-de-artifício, barracas de comes-e-bebes e de louças regionais. É certo que os chamados divertimentos populares são indispensáveis, mas não devem constituir um fim em si próprios, sob pena de serem pouco mais que inúteis. Também não se pretende que os festejos populares sejam transformados em manifestações culturais, porque o resultado seria nenhum. Muito pelo contrário.

Queremos apenas que o exemplo de Peniche seja posto à consideração de todos, aqui e agora, nesta época alegre de romarias.

Pergunte a quem sabe, como a sua mãe



Provavelmente, ela já usava os tampões Tampax antes de você ter nascido. Na verdade, um médico aperfeiçoou-os há mais de 30 anos. Desde então, as mulheres de todo o mundo, como você e a sua mãe, têm usado tampões Tampax.

As razões? As mesmas que as suas. Os tampões Tampax são a melhor forma de protecção e a mais fácil. Com eles, você pode fazer o que quiser, quando quiser. Você não tem que consultar o calendário; você pode patinar, nadar, dançar — ou ler um livro. Os tampões Tampax deixam-lhe a escolha.

E você pode ter confiança em si própria. São absolutamente invisíveis quando colocados e não se sentem. Não há alfinetes, chumaços ou cintos. E nenhum odor, ardor ou irritação.

E no caso de ter dúvidas, os tampões Tampax são completamente seguros para as mulheres solteiras ou casadas, como a sua mãe. Eles são o meio moderno de protecção higiénica.

NEM CINTOS
NEM ALFINETES
NEM CHUMAÇOS
NEM CHERMO

tampões
TAMPAX

PROTECÇÃO HIGIÉNICA PARA USO INTERNO

PEÇA UMA AMOSTRA A:
ANTÓNIO PACHECO AGOSTINHO, LDA.
R. RODRIGUES SAMPAIO, 15-2 - LISBOA

PROGRAMAS

SEXTA-22

- 19.00** — ABERTURA.
19.02 — NOS BASTIDORES DA AVENTURA — Programa para jovens.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — A CRIANÇA PERANTE A VIDA — Por Ana Maria Varela Cid.
20.05 — CARTAZ TV — Os principais programas da próxima semana apresentados por Jorge Aves.
20.35 — TURISMO.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — NOITE DE CINEMA — «O Orfão Perdido» — Com os seguintes intérpretes principais: Dan Dailey, Diana Lynn, Chet Allen.
22.30 — A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
23.35 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
23.50 — MEDITAÇÃO e FECHO.

SÁBADO-23

- 19.00** — ABERTURA e JUVENTUDE NO MUNDO — Magazine de actualidades para jovens.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — DIALOGOS DE SÁBADO — Pelo Rev. Padre Dr. Serafim Ferreira e Silva.
20.00 — TELEDESPORTO — Revista dos principais acontecimentos desportivos da semana.
20.30 — SÉRIE JUVENIL — «Aventuras de Sesspray».
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — FADOS E GUITARRADAS — Por Deolinda Rodrigues que interpreta: «Madragoa», «Rosa Caida», «Gente de Alfama», «Aquela Rua». Acompanhada à guitarra por Acácio Rocha e à viola por Amadeu Rami e Victor Ferreira.
21.55 — TV 7 — Revista dos principais acontecimentos da semana.
22.35 — O FUGITIVO — Episódio com o título «Vento Mau» — Com os seguintes intérpretes principais: David Janssen, John McIntire, Jeanette Nolan, Lonny Chapman, Tim McIntire, Bonne Beecher e Barry Morse.
23.35 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
23.50 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.05 — FECHO.

DOMINGO-24

- 1.º período**
12.30 — ABERTURA e MISSA DE DOMINGO.
13.05 — FECHO.

2.º Período

- 19.00** — ABERTURA e DESENHOS ANIMADOS — Kimba.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — BARREIRA DE SOMBRA. — Programa de actualidades taumomáquicas.
20.05 — TV RURAL — Pelo Eng.º Sousa Veloso.
20.35 — FOLCLORE.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — HORIZONTE — Magazine de actualidades.
22.30 — NOITE DE CINEMA — «Ladrão Precisa-se».
23.30 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
23.45 — DOMINGO DESPORTIVO — Reportagem dos principais acontecimentos do dia.
00.00 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.15 — MEDITAÇÃO e FECHO.

SEGUNDA-25

- 19.00** — ABERTURA.
19.02 — TV EDUCATIVA — Ginástica Infantil.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.45 — ENCICLOPÉDIA.
20.15 — MOMENTO DESPORTIVO — Entrevistas e comentários aos principais acontecimentos da actualidades desportiva.
20.35 — TEMPO INTERNACIONAL — Relatório sobre a Roménia — Um programa de António Ruano.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — IMAGENS DA POESIA EUROPEIA — Pelo Dr. David Mourão Ferreira.
21.55 — ZIP-ZIP — Programa realizado no Teatro Villaret.
23.40 — A VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
23.55 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.10 — MEDITAÇÃO e FECHO.

TERÇA-26

- 19.00** — ABERTURA.
19.02 — SÉRIE JUVENIL — «O Bom Gigante».
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.50 — SEGREDOS DA VIDA ANIMAL — Documentário.
20.15 — TV SOCIAL — Programa da Junta de Acção Social.
20.40 — SE BEM ME LEMBRO — Pelo Prof. Doutor Victorino Nemésio.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — AS ENFERMEIRAS — Série dramática, episódio intitulado «Zelo a Mais», com Shirli Conway, Zina Bethune.

Uma enfermeira estagiária, vinda de um hospital da aldeia é colocada num grande hospital da cidade.

- 22.30** — CONCERTO — Pela orquestra de câmara de Praga que executará «Water Music».
23.40 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
00.05 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.15 — MEDITAÇÃO e FECHO.

QUARTA-27

- 19.00** — ABERTURA.
19.02 — TV EDUCATIVA — Educação Musical.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.50 — PROGRAMA FEMININO.
20.15 — QUER SABER?... ENTÃO PERGUNTE! — Por Diamantino Faria.
20.30 — EM FOCO.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — GRANDE PLANO
22.05 — NOITE DE TEATRO — «ANATOMIA DE UMA HISTÓRIA DE AMOR» — Obra de Luzia Maria Martins, com o seguinte elenco: Helena Félix, Isabel de Castro, Margarida Mauperrant, Jorge de Sousa Costa, Vasco de Lima Couto, Joaquim Rosa, Filipe La Féria, José Manuel Osório e Luís Alberto.
00.10 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
00.25 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
00.40 — MEDITAÇÃO e FECHO.

QUINTA-28

- 19.00** — ABERTURA.
19.02 — DESENHOS ANIMADOS.
19.30 — TELEJORNAL — 1.ª edição.
19.50 — NO MUNDO DA ARTE.
20.10 — SANGUE NA ESTRADA — Por Joaquim Filipe Nogueira.
20.30 — PARADA DA INDÚSTRIA — Programa do Gabinete de Divulgação Económica.
21.00 — TELEJORNAL — 2.ª edição. Inclui o boletim meteorológico.
21.35 — MUSEU DO CINEMA — Um programa de António Lopes Ribeiro.
22.05 — VARIEDADES — Com Amália Rodrigues, acompanhada à guitarra por Fontes Rocha e Carlos Gonçalves e à viola por Joel Pina e Júlio Gomes.
22.45 — GET SMART — Episódio com o título «Chefes a Mais», com Don Adams, Barbara Feldon.
O agente «Olho Vivo» é encarregado de proteger uma beleza eslava que vai testemunhar contra uma sociedade secreta.
23.15 — VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA.
23.30 — A MARCHA DO MUNDO — Serviço informativo.
23.45 — MEDITAÇÃO e FECHO.



Ford à frente em preço
O Escort só custa 56.704\$10. E é mais carro.
Não se contente com menos!

Porquê contentar-se com menos quando realmente pode ter um carro moderno, mais confortável, com 5 lugares e um porta-bagagens a sério, tudo por uma pequena diferença de preço?

O seu palmarés é a prova de quem sabe ganhar as mais duras provas internacionais: o Escort é campeão europeu de ralis.

O Escort tem novas características de segurança — coluna de direcção com dispositivo amortecedor e sistema de travões com 2 circuitos independentes.

Vá ao Concessionário Ford e peça uma demonstração. Com o Escort. O tal que torna os quilómetros mais pequenos e mais económicos. Ao seu dispor, também, Escort DeLuxe, Escort GT, Escort Estate Car, Escort Van.

Ford Escort

só é pequeno no preço



fale
mais
perto...
com
halazon
spray oral

Um hálito fresco aumenta o seu encanto pessoal. e permite-lhe sentir-se à vontade em todas as situações. **Halazon**, depois de comer, beber ou fumar oferece-lhe a vantagem de falar, sorrir e... continuar a agradecer!

HALAZON aplica-se facilmente (basta um gesto discreto) e cabe na mais pequena das suas algibeiras.



halazon[®]
SPRAY ORAL



Mais de 200
pulverizações

**UM HÁLITO FRESCO...
MESMO TÃO PERTO!**

cartas ao Director



INDÚSTRIA DO TOMATE

Lemos com o maior interesse a primeira reportagem publicada esta semana na revista «Flama», de que V. é director, e não podemos deixar de vir imediatamente felicitar V., e o seu corpo de Redacção, pela objectividade de tal publicação, tanto mais que lamentamos constatar que um assunto de tão magna importância para a economia nacional continua a passar quase despercebido para a Imprensa.

A reportagem, em questão, teve também uma grande oportunidade visto atravessarmos uma época em que se fala continuamente na necessidade da reconversão das nossas produções agrícolas, das quais a nossa produção extensiva do tomate pode representar o mais frisante exemplo quanto a essas possibilidades nacionais.

Infelizmente, um tal aspecto da questão nunca foi convenientemente considerado. E, pelo contrário, vem-se assistindo de há anos a esta parte ao contínuo desregramento da comercialização internacional dos produtos do tomate, à falta de planeamento das suas instalações fabris e até ao inadequado — e até prejudicial — alargamento dessas produções agrícolas com prejuízos e descrédito para a própria agricultura nacional, quando os industriais fomentadores desta riqueza nacional tantos avisos ou apelos vinham fazendo às entidades competentes para se evitarem tão grandes desastres.

Na verdade, e para falarmos somente nos apelos mais concretos e colectivos, bastará citarem-se os seguintes factos:

1.º — Já em Dezembro de 1964, todos os industriais de tomate, então existentes, fizeram um apelo ao Governo quanto à conveniência de ser feito um profundo estudo sobre a previsível posição conjuntural do sector. Mas tal exposição não foi considerada digna de qualquer atenção.

2.º — Logo a seguir, em Agosto de 1965, nova exposição foi endereçada ao Governo quanto à necessidade de ser estudada e preparada uma diversificação de culturas como utilização dos novos regadios que se estavam a criar no País, e para cujo estudo todos os industriais de tomate, então existentes, estariam dispostos a dar o seu concurso de trabalho e até financeiro. Mas essa exposição ficou sem qualquer resposta ou decisão.

3.º — Finalmente, e tendo sido decidido, pela Sociedade de Estudos Agronómicos, promover em Março de 1967, na Associação da Agricultura, uns colóquios, sobre a industrialização do tomate, todos os industriais de tomate que foram convidados a tomar parte nesses colóquios não deixaram de lhes dar o concurso dos seus conhecimentos e dos quais avultaram, não somente as apreensões, mas a completa certeza do desastre para onde se encaminhava uma indústria agrícola tão relevante.

A tais colóquios assistiram, e até presidiram, entidades oficiais das mais representativas do Ministério da Economia. E apesar das comunicações desses colóquios terem sido publicadas pela Sociedade dos Estudos Agronómicos nenhuma medida ou disposições foram tomadas para obviar à terrível crise do sector que já, então, se começava a manifestar.

Para esses colóquios, o signatário foi convidado a fazer a exposição de abertura sob o tema: «Breve História da Indústria do Tomate», na qual tudo se esclarecia.

Julgamos, por isso, que a presente crise poderia muito bem ter sido grandemente diluída, se não mesmo evitada, se, em devido tempo, certas medidas de planeamento tivessem sido tomadas.

No estudo desta premente situação debruça-se, afanosamente, o Grémio dos Industriais de Tomate já há 7 meses, ou seja desde a sua promulgação oficial no final de Dezembro de 1968. Mas os problemas são de tal amplitude e gravidade que não poderão ter qualquer solução sem uma intervenção directa e precisa do próprio Governo, conforme já o constataram todos os industriais durante as várias sessões plenárias em que têm sido estudados todos os assuntos.

Terminamos renovando a V. as nossas felicitações pela objectividade e oportunidade da reportagem da sua Revista, e apresentando a V. os nossos cumprimentos. — MANUEL DA COSTA BRAGA, gerente delegado da FIT — Fomento da Indústria do Tomate, Lda.

SANDEMAN



FLUMEN

FAZ O SUCESSO DO SEU "PARTY"



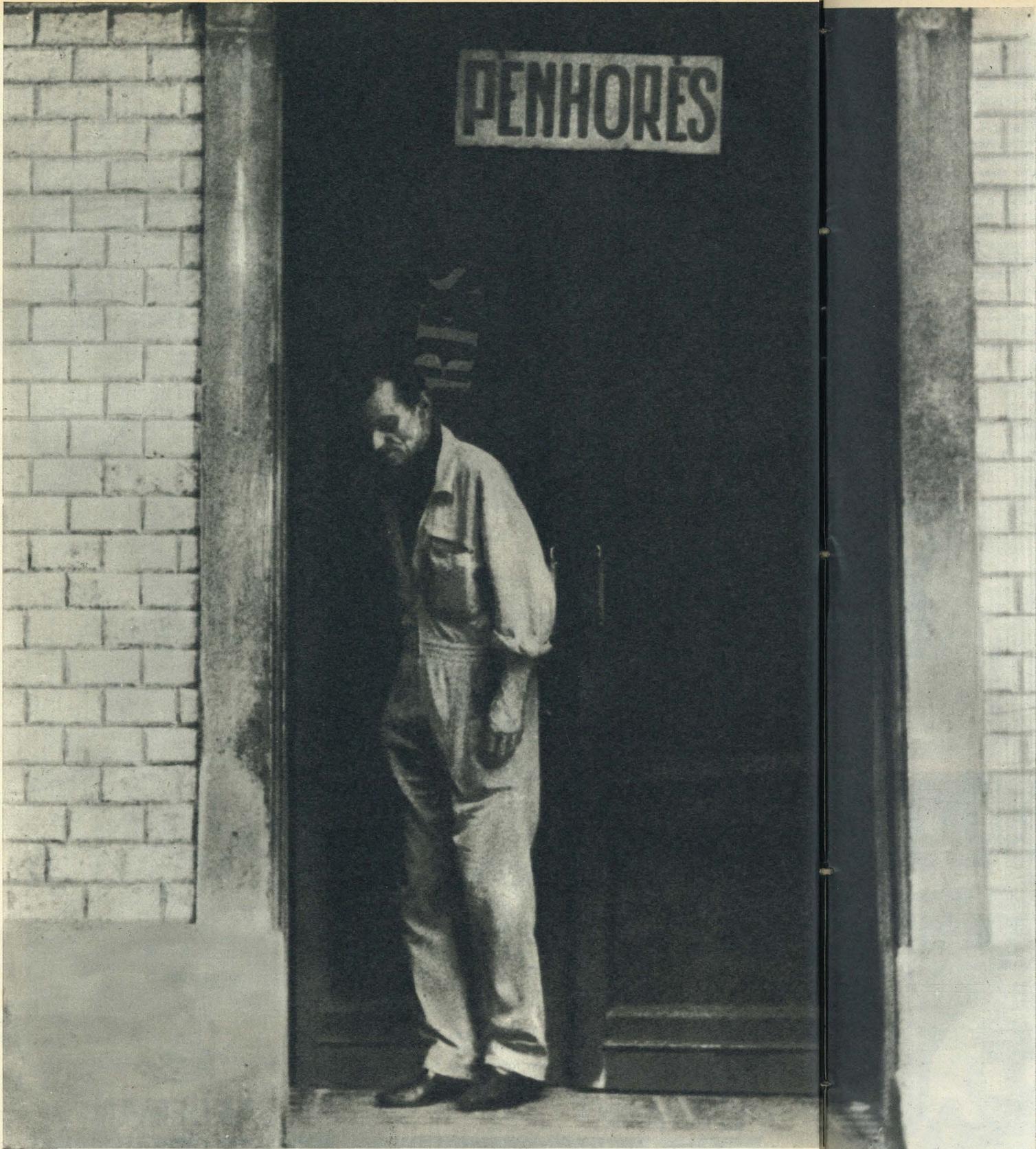
Peça já o magnífico livro de receitas de "tapas e aperitivos" que Sandeman tem o maior prazer em lhe oferecer.

Basta colar num postal o pequeno folheto que acompanha a sua garrafa de Porto Branco Sandeman e enviá-lo a:

SANDEMAN & C.^A L.^{DA}
Largo Miguel Bombarda, 3
VILA NOVA DE GAIA

BY APPOINTMENT TO  HER MAJESTY THE QUEEN

SANDEMAN



PENHORES: QUEM EMPRESTA NÃO PIORA

Quem é rico mas tem necessidades, pede dinheiro emprestado ao banco. Quem não tem posses agarra na camisa e vai a uma casa de penhores. Um problema que interessa a muitos milhares de portugueses é agora analisado pelos nossos repórteres, que partiram ao encontro dos meandros da «indústria» dos empréstimos sobre penhores sem ideias preconcebidas, recusando a especulação.

TEXTO
SAMUEL LIMA
FOTOS
JOAQUIM LOBO

15 SEGUE

Uma porta estreita protegida por um guarda-vento de vidro fosco com letras inscritas a vermelho, um interior amarelado, o espaço seccionado em gabinetes de madeira, prateleiras com embrulhos pardos — é uma casa de penhores. Por detrás do balcão o prestamista, há séculos vítima de uma atávica ira popular, investido sobretudo pelos mais assíduos frequentadores das casas de prego, inspeciona, à lupa, um anel de brilhantes.

Mas em que medida é justo este sentimento de hostilidade popular? Exprime um fenómeno autêntico ou transforma os prestamistas em bodes expiatórios?

O assunto é, por natureza, polémico. Na Idade Média a usura era condenada pelos teólogos católicos. Considerava-se então que não era justo que alguns homens se aproveitassem do estado de necessidade de outros para enriquecerem. A prática do recebimento de juros remunerados de empréstimos efectuados em dinheiro chocava, também, com a oposição eclesiástica. Argumentava-se que o dinheiro era um bem de Deus, insusceptível de produzir frutos por si próprio. Mais tarde, com o advento do capitalismo, tornou-se geralmente mais elástico o critério de apreciação destas operações. O risco e os danos causados pela não aplicação, por parte do próprio, dos fundos de que era possuidor, vieram legitimar o juro, antes severamente banido. Na mente popular, contudo, nunca o prestamista, como o banqueiro, deixaram de ser associados a usurários, judeus, inimigos do povo...

QUEM EMPENHA O QUÊ?

Em Lisboa há cerca de uma dúzia e meia de agências da Casa de Crédito Popular (departamento da Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência); em todo o país existirão 50. Na capital está aberta cerca de uma centena de casas de penhores particulares. Empréstam sobre ouro, prata, platina, pedras preciosas, títulos da dívida pública portuguesa, matérias-primas, produtos industriais e agrícolas, roupas e ferramentas. Não negociam armas de guerra, matérias inflamáveis ou explosivas, coisas que a lei considera fora de comércio, artigos de moda de efémera aplicação, chapéus usados, objectos ofensivos da moral. Também não é permitido efectuar operações de valor inferior a 50 escudos.

Os objectos de ouro são os mais frequentemente empenhados, substituindo a hegemonia das roupas. Do mesmo modo a clientela sofreu mutações. Anos atrás, eram sobretudo os pobres os fregueses principais das casas de penhores; hoje em dia, na cidade, a média burguesia tem papel preponderante no movimento prestamista. As zonas mais férteis para o negócio são as do litoral; em contrapartida, no interior, sobretudo nas Beiras, devido às características das mentalidades e da economia, as transacções são diminutas. Mas nem só pessoas pobres e remediadas utilizam os serviços das casas de penhores: «Muita gente de nome é assídua frequentadora dos nossos estabelecimentos», afirmam os funcionários que, subordinando-se à regra do sigilo, não revelam nomes: «há tempos veio numa re-

PENHORES: O CRÉDITO DOS POBRES

vista, como se fosse uma coisa extraordinária, a afirmação de que um conhecido prestamista tinha peças empenhadas por 80 contos. Nós já temos tido penhores de 200 contos e clientes que, no total, empenharam valores superiores a mil contos».

O exercício da indústria de empréstimo sobre penhores é regulamentado por dois decretos fundamentais: 8162, de 29 de Maio de 1922, e 17 766, de 17 de Dezembro de 1929. O primeiro regula a actividade da Casa de Crédito Popular; o segundo respeita às casas de penhores particulares.

Em relação à Casa de Crédito Popular são já aí definidas as suas funções: «regular e moderar os lucros da indústria prestamista, proporcionando assistência económica às classes menos abastadas». Intenção louvável... «O conselho de administração da Caixa estabelecerá o juro a pagar pelos mutuários, tendo em vista as circunstâncias do mercado...»

«Os empréstimos poderão ser feitos pelos prazos máximos de seis ou doze meses, conforme os penhores que os garantem forem de difícil ou fácil conservação.»

«Quando, porém, não haja estipulação expressa, entender-se-á que os contratos vigoram por um mês, podendo renovar-se sucessivamente até os sobreditos limites.»

JUROS ELEVADOS

Esclarecem-nos os economistas drs. Alberto Ramalheira e António Pimenta da Silva, técnicos do Secretariado Técnico da Presidência do Conselho:

Grande parte das casas de penhores particulares, contrastando com as das Casas de Crédito Popular, apresenta um invólucro assim decrépito... Mas também o conteúdo difere...



PENHORES CHINA RÔ

Telefone

A maior parte das pessoas tem vergonha de ir pedir dinheiro às casas de penhores, embora ninguém sinta o pudor alvejado ao ir pedir dinheiro a um banco.

Muita gente pede a intermediários para ir empenhar resguardando o nome de tão «terrível» mácula...

Com a desgraça de uns se querem remediar outros. Depois de ter lucrado a casa de penhores, também eles, que ouviram dizer que há coisas em com. à venda nas mont. dos prestamistas, querem apanhar umas migalhas.



«As operações realizadas pelo prazo de um mês implicam que se pague no momento do contrato o respectivo juro, bem como a taxa de avaliação (1%). Se no fim do mês o devedor não liquidar a sua dívida nem, como é normal, entregar o montante do juro referente à renovação do contrato por mais um mês, então o montante de juros dos meses vencidos e não pagos somar-se-á ao montante do capital em dívida, devendo ser integralmente reembolsado no momento do resgate (se for resgatado vo-

luntariamente) ou no momento do leilão.»

Como já vimos, as taxas de juro nominais anuais variam consoante o objecto dado em penhor e a instituição prestamista. As taxas de juro reais anuais dependem, além dos factores anteriores, do prazo de amortização do empréstimo e da contagem, ou não da taxa de avaliação.

Note-se, por último que se o prazo de amortização do empréstimo for inferior a um mês (e não raro acontece ser mesmo semanal), as taxas de juro reais anuais virão

substancialmente acrescidas» — esclarecem os economistas que entrevistámos.

«Os penhores de empréstimo em que o pagamento de juros esteja atrasado três meses poderão ser vendidos em leilão, devidamente anunciado, ou pela forma que o prestamista julgue produzir mais alta valorização» — mas quem poderá aceitar justiça de um tal poder discricionário?

Estão também previstas determinadas percentagens máximas que podem ser empres-

SEGUE

tadas, relativamente ao valor dos objectos mutuados. Como a avaliação é feita pelos agentes da Casa de Crédito, o mutuário fica à mercê da entidade prestamista.

SECTORES DISTINTOS

Analisámos o decreto referente ao Serviço da Caixa Geral de Depósitos. Em boa verdade, existindo este departamento, não se compreende como a maior parte das pessoas continua a dirigir-se aos prestamistas particulares. Dentro dos limites da lei, sumariamente apontados, e que não são, como se verificou, os mais justos, os funcionários (do Estado) movem-se sem o recurso a manobras desonestas, sem a preocupação de espalar com os mutuários, porque daí não lhes advirá lucro algum. Além disso, enquanto a Casa de Crédito cobra os juros de 10 por cento e 18 por cento, as casas particulares levam 24 por cento sobre ouro, prata, etc., e 36 por cento sobre os restantes objectos, conforme já registámos.

Apresentando a Casa de Crédito tantas vantagens (relativas), porque preterem os particulares muitas vezes os seus serviços? Em virtude do desconhecimento puro e simples, em virtude de hábitos que se criam, em virtude do incómodo das deslocações; e, aceitando o preâmbulo do Decreto 17 766, «visto que a organização burocrática da Casa de Crédito Popular não pode deixar de dificultar as operações, quer uma vez, porque não é possível sujeitá-la a sério risco, quer porque as horas do expediente são mais reduzidas, quer ainda pela fria relação entre o mutuário e o funcionário».

PRÁTICA DE ABUSOS

Como já se disse, as casas de penhores particulares são reguladas pelo Decreto n.º 17 766: «Urge portanto subordinar a normas claras o exercício de uma indústria que, *prestando-se à prática de grandes abusos*, corresponde contudo a uma necessidade das pequenas economias privadas que não tenham recurso a outra espécie de crédito. Respiquemos algumas passagens (deliciosas) da lei: «O estabelecimento de casas de penhores fica dependente da verificação da idoneidade moral e financeira dos que pretendam exercer a indústria...» (...) «O juro deve ser ao mesmo tempo *retribuição do capital e função do risco*». «Nos contratos, sendo impossível impor uma taxa de juro certa, fixa-se a máxima cobrável, que, é, como na legislação anterior, de 3 e 4 por cento, (ao mês, accentue-se) conforme as quantias, sendo a taxa mais baixa aplicada aos empréstimos cujo penhor por sua natureza está sujeito a menor risco». Propugna ainda o legislador pela concentração económica das casas de penhores particulares... E em seguida: «Ora, se bem que a venda em leilão cheguem geralmente os penhores cujo valor dificilmente excede a importância da dívida...». Em relação aos empréstimos: «Pela avaliação, as casas de penhores poderão cobrar uma vez por ano em relação a cada contrato uma taxa única não superior a 1 por cento». Acerca das vendas e leilões: «Quando o pagamento do juro estiver atrasado mais de três meses ou quando se verifique a depreciação do penhor(?), o prestamista poderá vendê-lo em leilão». (Sic).

PENHORES: OS JUROS DE MUITAS VIDAS



O CUMPRIMENTO DA LEI

Tememos termos sido demasiadamente fastidiosos com essa exegese jurídica. Foi nossa intenção evidenciar algumas das deficiências da legislação que regulamenta a indústria dos penhores. E afirmar que se a actividade prestamista é adversa aos interesses populares a culpa é, em grande parte, dos próprios textos legislativos. Que os prestamistas não podem ser acusados de conduta desonesta pelo cumprimento de normas jurídicas foi o que o sr. Jaime Rodrigues tentou dizer ao auditório do «Vilaret» e da R.T.P. quando da célebre disputa com Raul Solnado. Nesta medida, os prestamistas são bodes expiatórios...

Reconhece o legislador que a indústria dos empréstimos sobre penhores se presta a grande abusos. Mas o próprio legislador permitiu a existência de lacunas que originam certos e determinados abusos. Ora, mais do que visar os prestamistas numa personalização simplista da crítica, interessa lutar pela revogação das regras insertas nos decretos. Nunca essas normas estiveram ade-

quadas às realidades e agora, com a acção do tempo, muito pior.

O desconhecimento leva ainda a mais prejuízos para os mutuários. Com efeito, se o produto da venda exceder a quantia emprestada fica esse excedente em depósito para ser entregue em troca da respectiva cautela. Acontece que muitas vezes o remanescente atinge valor muito superior ao produto do empréstimo e só muito raramente as pessoas o vão levantar, por incúria ou desconhecimento.

PORTAS QUE SE FECHAM

Teríamos gostado de estabelecer um diálogo amplo com funcionários das casas de prego particulares. Mas os primeiros contactos foram de ordem a desencorajar-nos. Queríamos saber o que pensa a classe da fama que tem, quais os principais problemas com que se debate... Porém, os gerentes resolveram ausentar-se em massa dos habituais locais de trabalho...

Na «Caixa Auxiliar», Rua de Santa Marta, declararam-nos em tom carrancudo:

«Não, não dou informações, aqui não damos informações...».

«Mas, sr. Aníbal...».

«Anda a correr o processo do Zip-Zip e não, não damos informações. É escusado insistir!».

Mais acolhedor foi o sr. Alberto, de uma casa dos Anjos:

«Isto é um ramo de comércio como outro qualquer. Actualmente temos uma dificuldade de venda muito grande, há muita mercadoria que nos fica, que não conseguimos despachar... Como todo o comércio o ramo está um bocadinho atrapalhado...».

Se a intenção de alguns dos prestamistas foi esconder manobras menos lícitas que alguns praticam, conseguiram então, para já, os intentos. Tivemos, com efeito, muita dificuldade em penetrar no meio, e certas informações obtidas, por impossibilidade de confirmação, permanecerão incógnitas.

Um ex-funcionário de uma casa de penhores particular falou-nos de uma possível manobra:

«Calcule o senhor que vai empenhar uma máquina de escrever nova, no valor de dois contos de réis, e deixa a máquina ir para leilão. Os prestamistas, antes de a licitarem, no leilão, podem trocá-la, por uma antiga que valha menos uns 500 escudos, supunhamos. Perdem 1500 escudos que são, porém, recuperados na venda da máquina nova. A vantagem da casa é a seguinte: os 1500 escudos perdidos na operação efectuada no leilão são debitados como prejuízo, aliviando os impostos pagos ao Estado».

«E como pode ser evitada esta possível manobra?»

«Selando os penhores».

E continua o ex-prestamista:

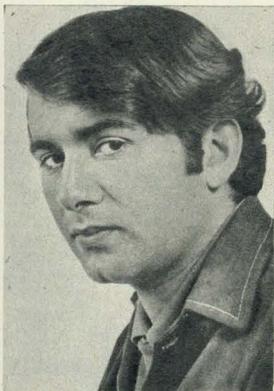
«Também não é justo que a casa de penhores possa arrematar coisas num leilão como qualquer licitante. Isso permite que os estabelecimentos obtenham frequentemente os objectos por preços ridículos».

«Um truque muito usual é o *cambão* (e aqui já não estou a falar de prestamistas). *Cambões* são aqueles que se combinam para reduzir a concorrência, não permitindo subida dos lances. Os principais compradores dos leilões são revendedores, nomeadamente os que têm negócio na Feira da Ladra».

JOSÉ FRANCO: nova voz para o fado

José Amaro é estudante, tem 25 anos e gravou há dias o seu primeiro disco. Cantando desde os sete por vocação, fá-lo agora também pela necessidade que sente de exprimir um pouco de si e comunicar algo aos que o rodeiam. Operário, primeiro (até aos 21 anos), estudante agora, olhou, de modo diferente, os velhos e abandonados «já quase sem possibilidades de sobrevivência», pelos quais passava diariamente, nos Olivais, quando ia para as aulas.

«Cantar é, para mim, transmitir uma mensagem libertadora que diga alguma coisa aos que dela sentem íntima necessidade» (Es livre meu pensamento / Tua luz cantou o vento / Pela terra sem destino / Ouviam tua canção / Que digam sim ou que não / As badaladas do teu sino).



José Amaro: «cantar é transmitir aos outros qualquer coisa de válido».

Alegre e comunicativo, a sua conversa quase se perde no muito que pretende transmitir ao mesmo tempo e na quantidade de ideias que tem dificuldade de exprimir. O mesmo se verifica em relação aos seus poemas. «Sinto dificuldades enormes para transformar em poesia temas relacionados com a vida operária, com o trabalho, com o valor das pessoas e com tantas outras coisas». Talvez também por isso, pensa utilizar poemas de outros autores.

Canta o fado tradicional porque, por um lado, não conseguiu quem lhe musicasse os seus poemas («também não procurei muito») e por outro, porque «também é no fado que me sinto melhor, mais à vontade. Não condeno de modo algum a balada, antes pelo contrário, mas penso que ela não está a ser apreendida pelas pessoas de menor cultura. Essas precisam de alguém que vá ao seu encontro, que fale a sua linguagem, que lhes diga as coisas de modo que elas entendam». O fado de que gosta não é o de «candeia acesa» a cantar lamúrias e amores, a comover corações e puxar lágrimas. «O fado acantonou-se demasiadamente no passado. Mas assim deixa de ser fado. Para o ser verdadeiramente tem de ser vida. E por isso terá, de evoluir. As pessoas que o cantam ficaram agarradas ao passado, a um passado de al-

famas e mourarias dos séculos anteriores. É necessário que se convençam de que ele pode ser um elemento valiosíssimo para ajudar a construção do mundo em que vivemos. É também verdade que alguns (poucos ainda) parece terem começado a esboçar de algum modo esta preocupação. Mas será conscientemente ou apenas mero acaso?»

Cantor nas horas vagas, José Amaro não aspira a ser vedeta. «Nada mais

pretendo do que focar problemas, levantar interrogações, tentar obrigar as pessoas a pensar um pouco. Desejaria que esta minha intenção fosse bem compreendida e, se tem algum valor, fosse acarinhada. Sócios, nada podemos».

A sua estreia propriamente dita foi em Dublin, num congresso de jovens operários de vários países do Mundo. Actuou já também em Paris (Restaurante «Nazaré» e «Les Vikings») e em várias festas particulares, em Portugal («Espelho de Água», «Cinema Europa», etc.) Mas quando actua em público

sente que «as pessoas aplaudem sem saber porquê. Aplaudem porque é normal, mas no fundo aquilo que é principal (a mensagem) não é apreendido. Por isso, penso que os grandes festivais acabam por resultar em frustração. Tudo se resume a aplausos e isso é o que menos deve interessar.»

José Amaro, que é jovem, que tem sede de aventura, que apenas pretende dar aos outros uma mensagem válida, escreve e canta com desejo de que as pessoas ouçam: «Dos punhais fazei arados / Há campos para lavrar / Paraí engenho de guerra, / Tendes pão p'ra semear».

ALEXANDRE MANUEL



para o estudante

desenhar, pintar,
sacar, escrever
e colar
o professor aprova

Pelikan

Günther Wagner Pelikan-Werke Hannover

IRLANDA: DESUNIÃO NO REINO UNIDO

A Irlanda do Norte está a ferro e fogo. Católicos e protestantes lutam duramente. O número de feridos eleva-se já a algumas centenas e há mais de uma dezena de mortos. Todos os dias se repete a mesma cena: multidões de jovens levantam barricadas, lançam fogo a tudo quanto encontram e atiram pedras contra os agentes da Polícia.

SEGUE

© GAMMA - AG. DIAS DA SILVA - FLAMA



Jovens lançam pedras contra os agentes da Polícia que, escondidos atrás de escudos de



ação, procuram impedir mais um encontro entre os grupos protestante e católico.



A agitação impera nas mais importantes cidades do Ulster. Os conflitos entre católicos e protestantes, que só remotamente foram determinados por razões de ordem religiosa, ganham, pouco a pouco, as dimensões de uma autêntica guerra civil. Na Irlanda do Norte, os escombros de inúmeras habitações incendiadas e o sangue de centenas de vítimas dos graves tumultos constituem o emblema da intolerância.



Pela primeira vez, desde 1921, num país anglo-saxónico a Polícia utilizou gases lacrimogéneos para deter a avalanche de manifestantes em fúria, que ameaçava destruir bairros inteiros.

IRLANDA: O ULSTER A FOGO E GÁS

N o plano político é grande a desorientação. Jack Lynch, primeiro-ministro do Eire, deu à crise dimensões internacionais sugerindo ao Governo que peça à ONU para que sejam os «capacetes azuis» a restabelecer a ordem e propôs, em seguida, uma revisão do estatuto do Ulster. A luta entre católicos e protestantes irlandeses é mais um exemplo dos resultados a que conduz a obstinação dos privilegiados que ignoram todos os princípios de justiça social. As violentas desordens dos últimos dias, em Londonderry, Dungiven e Belfast seguiram-se a dez longos meses de luta entre protestantes e católicos e traduziram a situação criada, há 49 anos, com a divisão da Irlanda e a criação, ao Norte, de uma região onde predominam os protestantes. Nesta região, que se encontra ligada à Grã-Bretanha, vive uma comunidade católica minoritária. Em contrapartida, a República da Irlanda do Sul, independente e católica, alberga uma minoria protestante. Foi a recente exigência de um alargamento dos direitos cívicos subscrita pelos católicos do Norte que, determinando a imediata reacção dos protestantes ultra-leais, desencadeou, simultaneamente, ondas de agitação que abalaram as principais cidades do Ulster.

SEGUE



As forças policiais distraíram, por momentos, os grupos em presença. Católicos e protestantes tiveram de enfrentar um problema comum...



EM CADA RUA UMA BATALHA

A violência dos recontros levou Wilson a encurtar as suas férias. As preocupações provocadas pela agitação social, possível desvalorização da libra, desequilíbrio do comércio externo, perda de popularidade, juntava-se o problema da Irlanda que parece estar longe de uma possível solução. As tropas britânicas tinham entrado em acção, no Ulster. Observadores consideravam essa intervenção como a aceitação pela Inglaterra de um compromisso político e previram que Wilson exigiria, nas suas conversações com o major James Chichester Clark, primeiro-ministro da Irlanda do Norte, a realização das condições necessárias ao estabelecimento de um sistema de supervisão pelo Governo de Londres, dos assuntos da província. Entretanto, em cada rua fere-se uma batalha. Até quando se prolongará a luta religiosa que, a pouco e pouco, ganha na Irlanda do Norte as dimensões de uma guerra civil?



O CROCODILO

LÁ VÃO ELES, COITADINHOS, A PEDALAR POR ESSAS ESTRADAS FORA...

Não contentes com as outras trinta e uma, eles pedalam agora pela 32.ª vez o Portugal alcatroado, empedrado, esburacado, etc., incluindo os circuitos.

Acontece que para as duas centenas de ciclistas em prova não há um «Portugal desconhecido» que os espere: as curvas, contracurvas, lombas, rectas, vales, cidades, vilas e aldeias são suas conhecidas do ano passado, de há dois anos, de sempre... Só o senhor Dom Afonso Henriques teria algumas surpresas se, por acaso, nos visitasse de novo...

E uma Volta a Portugal original, cómoda, direi mesmo desportiva. É claro que os inventores do roteiro vão de automóvel (a butes, a butes é que eles deviam ir!) e, ainda por cima, dizem aos ciclistas para correr, correr, correr o que, em termos jornalísticos, se traduz por «frases de incitamento»...

Crocodilo sente profundamente as 27 etapas a que foram castigados os representantes das «briasas turmas» e deseja-lhes boa viagem na companhia de todos os seus, excepto dos que vão de automóvel, a quem deseja muitos furos à torreira do sol alentejano...

P. S. — Os jornalistas desportivos que acompanham a «Volta» estão isentos dos desejos do Crocodilo. Com as «ajudas de custos» de cada um não se brinca.

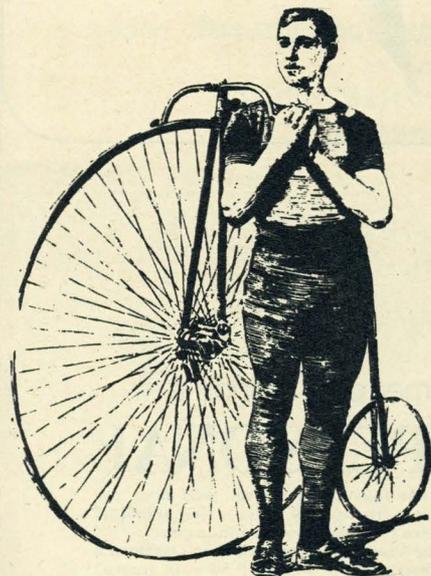


LÁ VAI O CRONOMETRISTA

Início de uma etapa: o sr. António Pontual, cronometrista oficial da «Volta», é o primeiro a partir.

Ex-xerife num filme português, o sr. António Pontual não dispensa o seu meio próprio de locomoção (na foto, em cima) e, por isso mesmo, tem sido muito aplaudido. Diz o sr. Pontual que o transporte equestre lhe poupa muitos dissabores, principalmente no que diz respeito a furos e a problemas alimentares nalgumas pensões por onde a caravana passa. Como é lógico, as corridas do cronometrista não contam para o «Jogo da Volta».

A ESPERA DO RETARDATÁRIO



Deve chegar a Lisboa no próximo Natal o famoso ciclista Leandro, sobrevivente da segunda Volta a Portugal em Bicicleta, que partiu do Porto em 1930. A prova tem sido um bocadinho mais demorada visto o itinerário incluir oitocentas partidas e chegadas à cidade Invicta, além de dois mil circuitos em todas as vilas, cidades e aldeias do percurso. Leandro é acompanhado pelo menino Carlos Miranda, enviado especial de «A Bola».



O SOSSEGO DA INÊS

Depois dos cortejos de oferendas e das cavalhadas, é a Volta a Portugal o que mais entusiasma a menina Inês. Ver assim tantos homens juntos, gritar pelos seus nomes e incitá-los à pedalada são momentos que a menina Inês não perde. Foi inspirado nesta figura da «Volta» que Eduardo Damas escreveu o célebre poema. Estava a linda Inês posta em sossego / talvez já cansada de esperar / quando os corredores apareceram a pedalar...



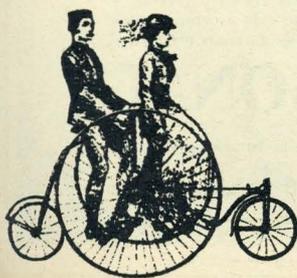
DEPOIS DA «FRIMATIC» TALVEZ A «CHANEL»...

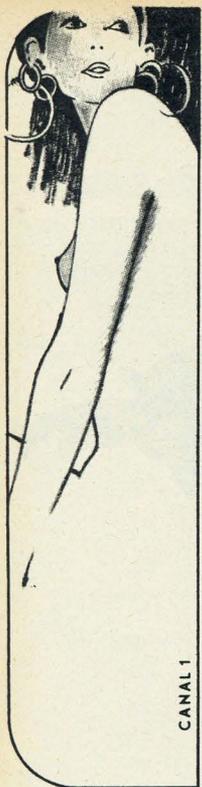
Sabe-se como os corredores procuram o patrocínio das grandes empresas que aproveitam estas competições para divulgar as suas marcas. Joaquim Agostinho, que em França representou os frigoríficos «Frimatic», não desdenharia assinar contrato pela «Chanel» e integrar, assim, uma radiosa equipa feminina. Só para o irritar, Crocodilo imagina a constituição da vistosa «turma»...



O C. D. C. PROCURA NA VOLTA O «HOMEM IDEAL»

Os programas radiofónicos do C.D.C. acompanham entusiasticamente a grande prova velocipédica de 1969. Os locutores Maria João Aguiar e Henrique Mendes (na foto) que utilizam um moderno meio de transporte, não só fazem a cobertura das etapas como recolhem elementos para a eleição do «Homem Ideal Português», que tem o patrocínio de conhecida marca de capilés fresquinhos.

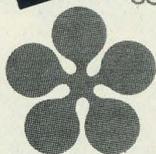




camisas
pijamas
blusas
saias

CORTEL

CONFEÇÕES TEXTEIS
SANTO TIRSO



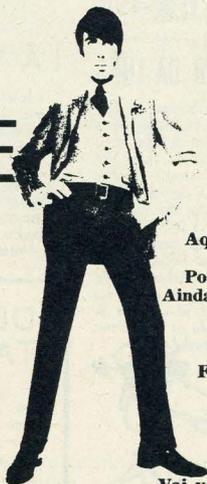
um
brinde
da moda

CANAL 1



espiral

**PORQUE
TENHO
TANTO
CABELO
E VOCÊ
NÃO TEM?...**



Entre nós, meu caro amigo... é

PERSONAL

Aqui onde me vê, tenho idade para ser seu pai! Bem, seu pai não direi, mas seu irmão mais velho... Não acredita? Por causa da cabeleira? Pois é, pareço um rapaz. Ainda ontem a «Pat» me disse com certo sorriso: «trrrinta e trrrrés...». Quer saber o segredo? Vê este frasco? É Personal, o tônico capilar que evita a calvície prematura pois é uma loção cientificamente preparada. Fundamentado em vitaminas, hormonas, antibacterianos, antimicóticos (são estas palavras difíceis que lhe garantem resultado tão fácil), Personal é o tratamento contra a calvície e a caspa. Faça como eu: aplique sistematicamente o concentrado Personal nocturno e a loção Personal diurna na sua toilette matinal.

Vai ver que, dentro em breve, outra «Pat» lhe dirá, também com certo sorriso «twenty trrrrés...»

Mas que isto fique entre nós... Não vale a pena darmos a chave do êxito a toda a gente! Lembre-se da concorrência, é



PERSONAL

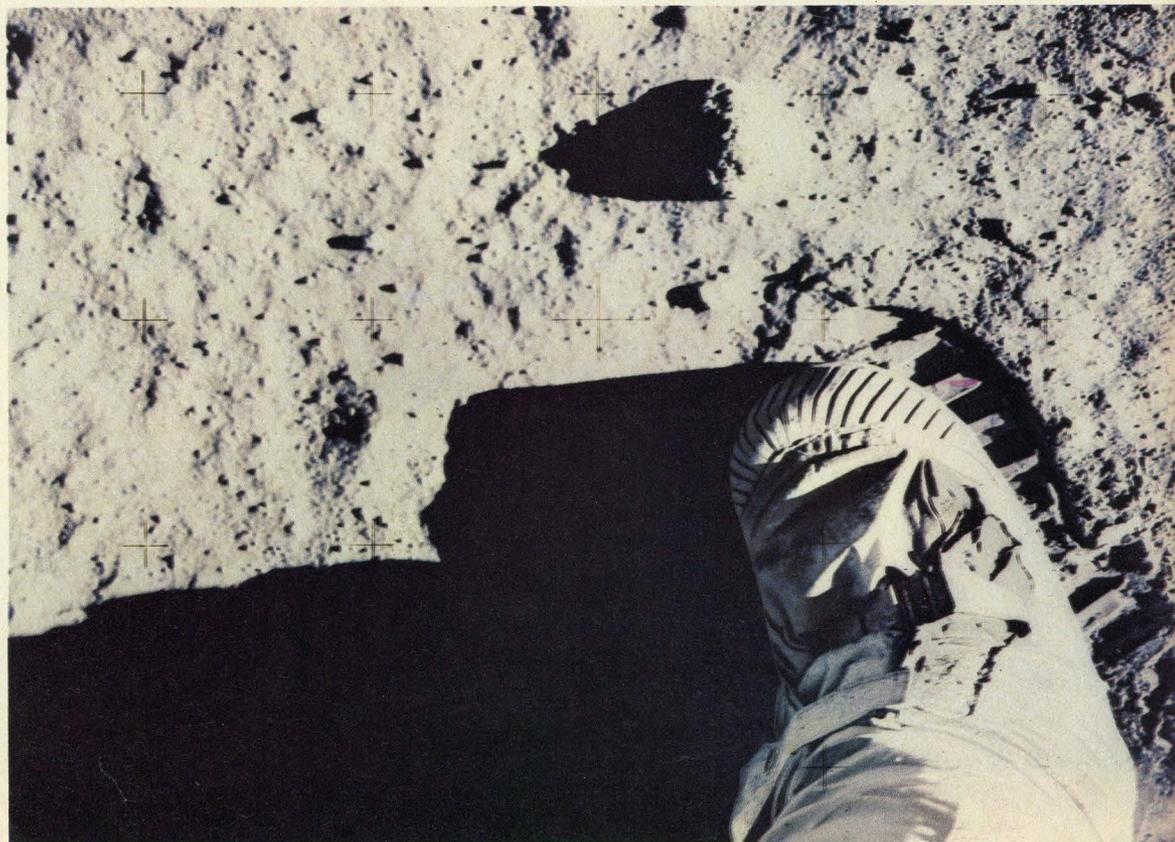
A venda na sua farmácia habitual

Representantes:  Aymami Peig, Lda.

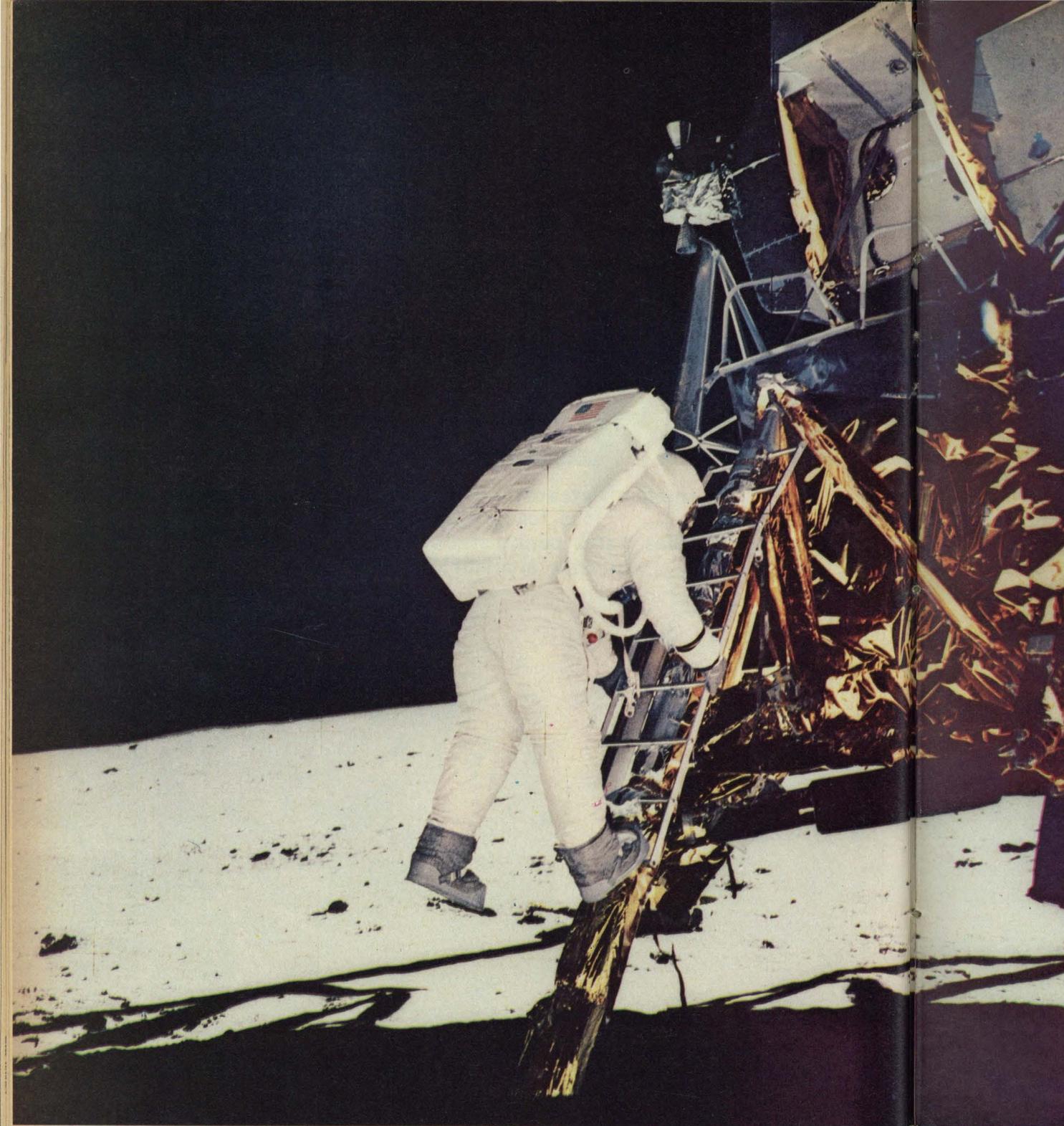
Av. Grão Vasco, 45, r/c., Esq. Lisboa-5

A LUA

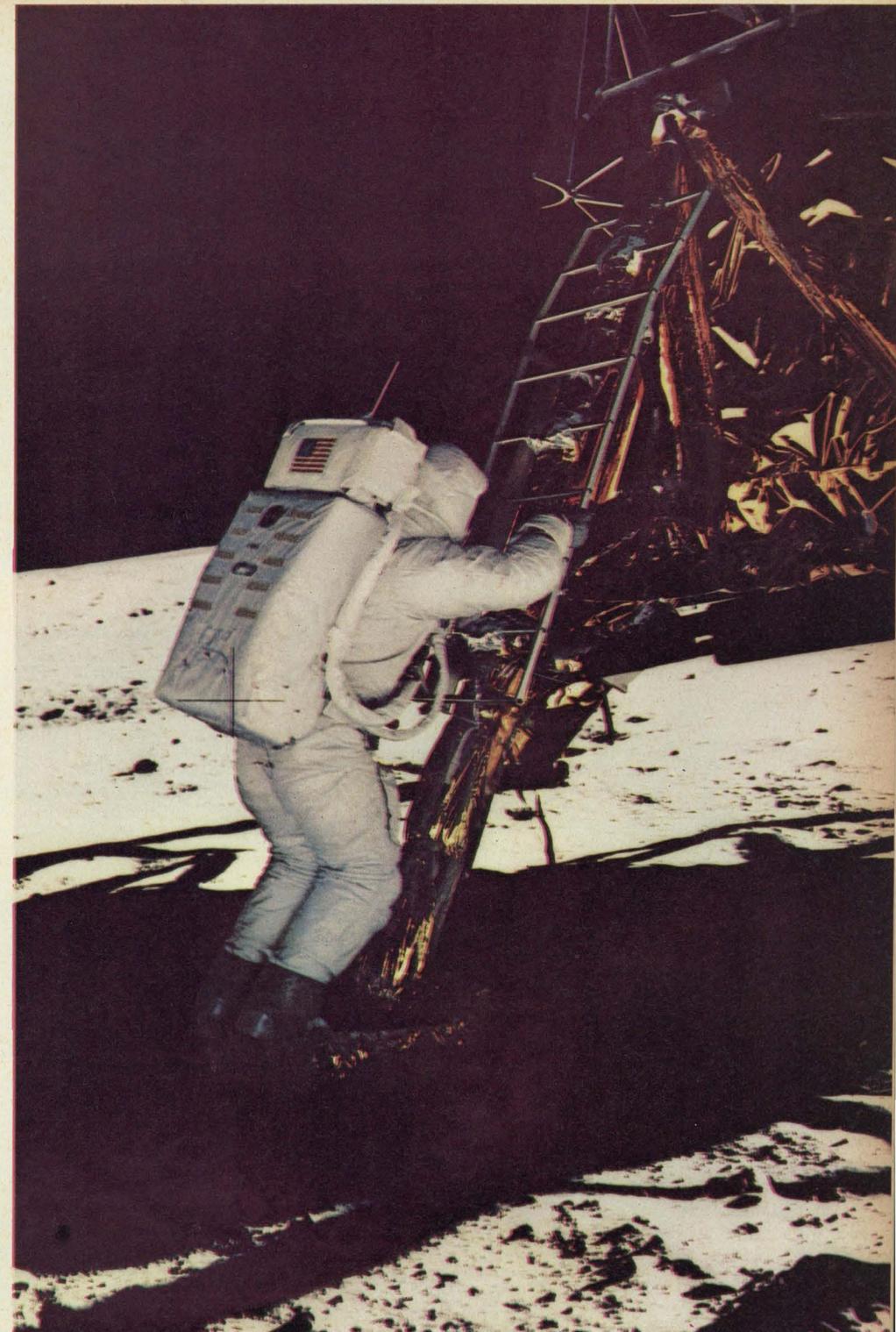
Um documento extraordinário para conservar e arquivar:
as fotografias a cores
obtidas pelos conquistadores do nosso satélite
durante a histórica exploração.



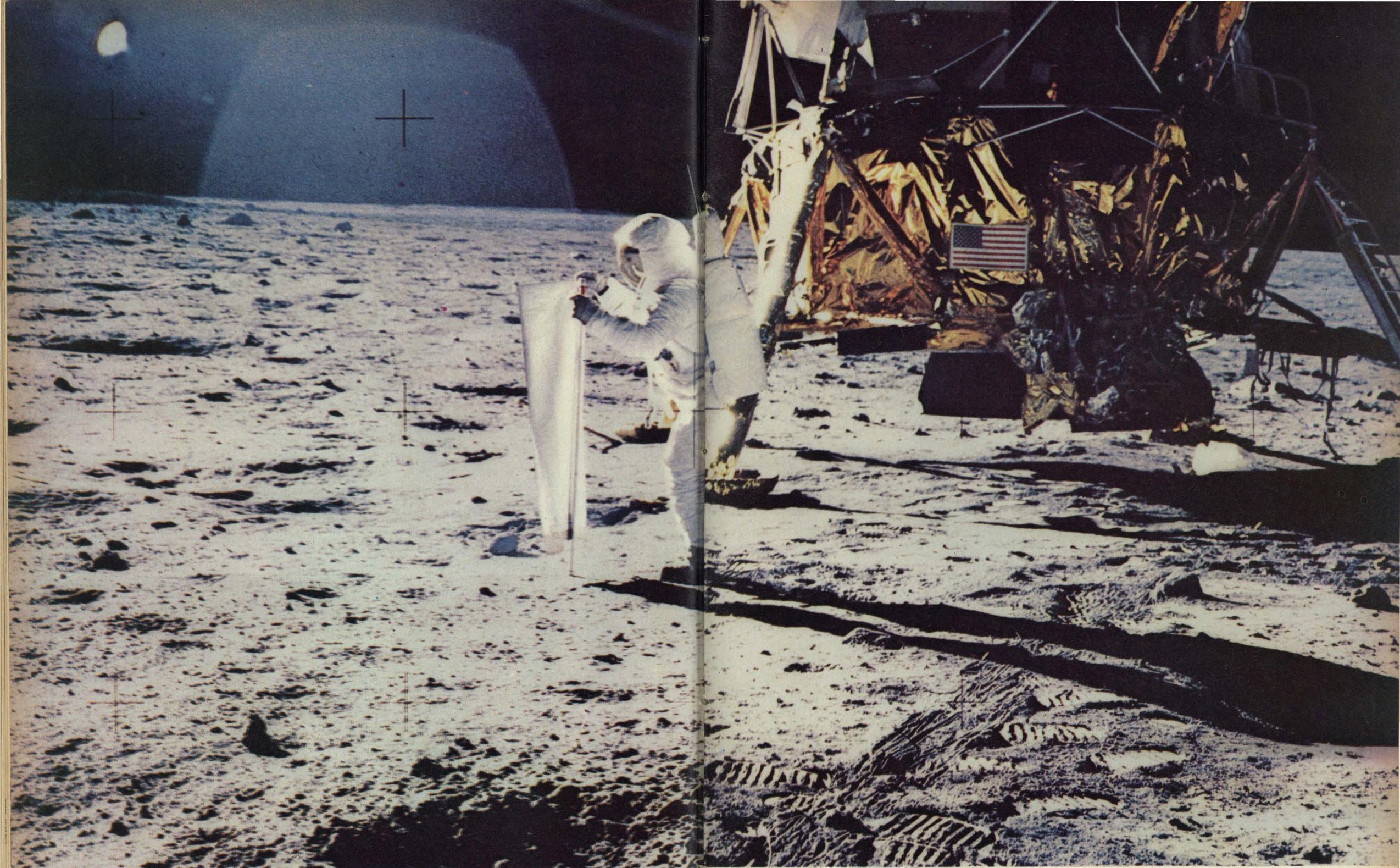
Primeiro contacto do homem com a Lua — Imagem da pegada do astronauta Armstrong.



**Seis vezes mais leve
do que na terra
Aldrin pisa o solo lunar**

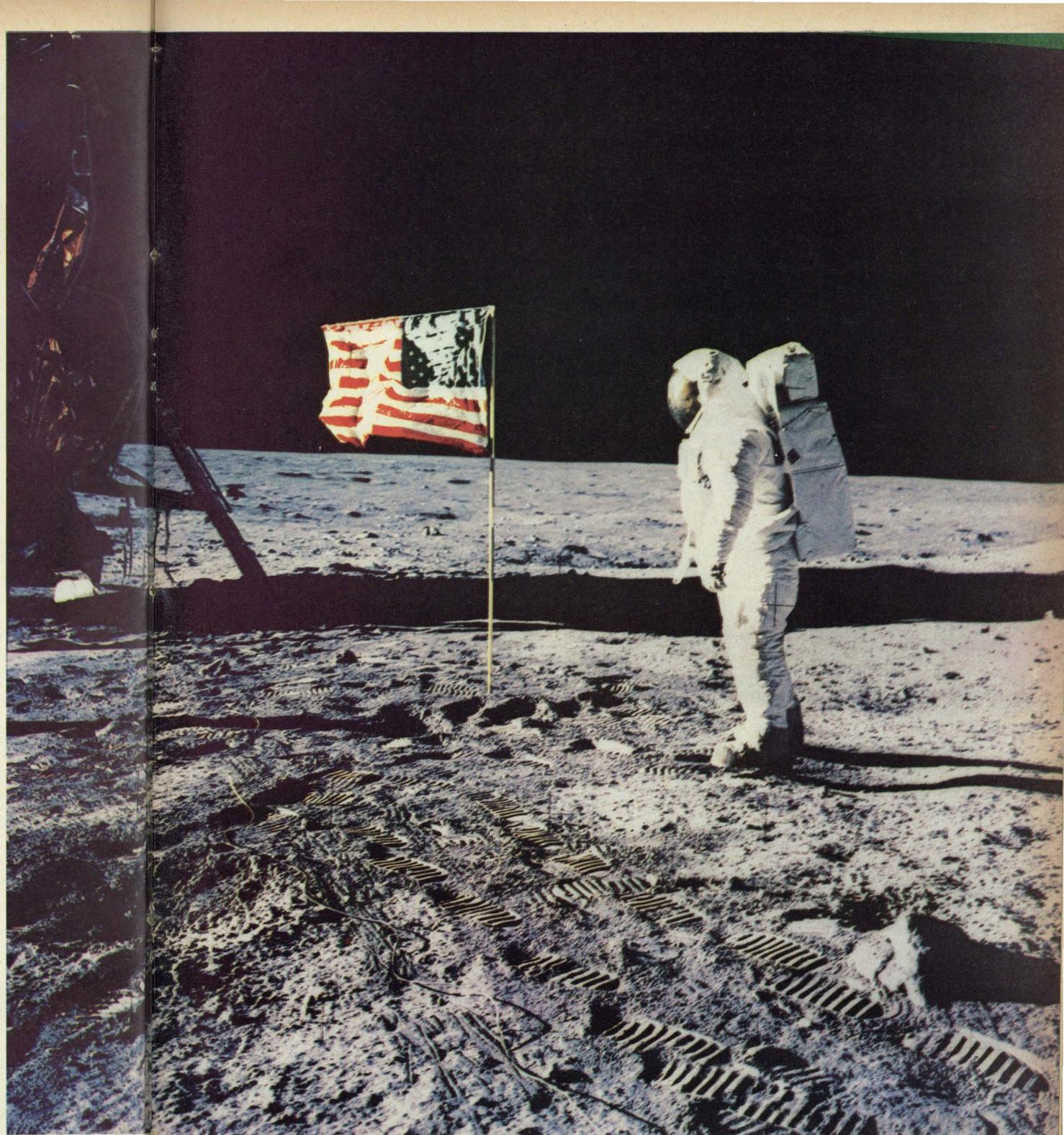
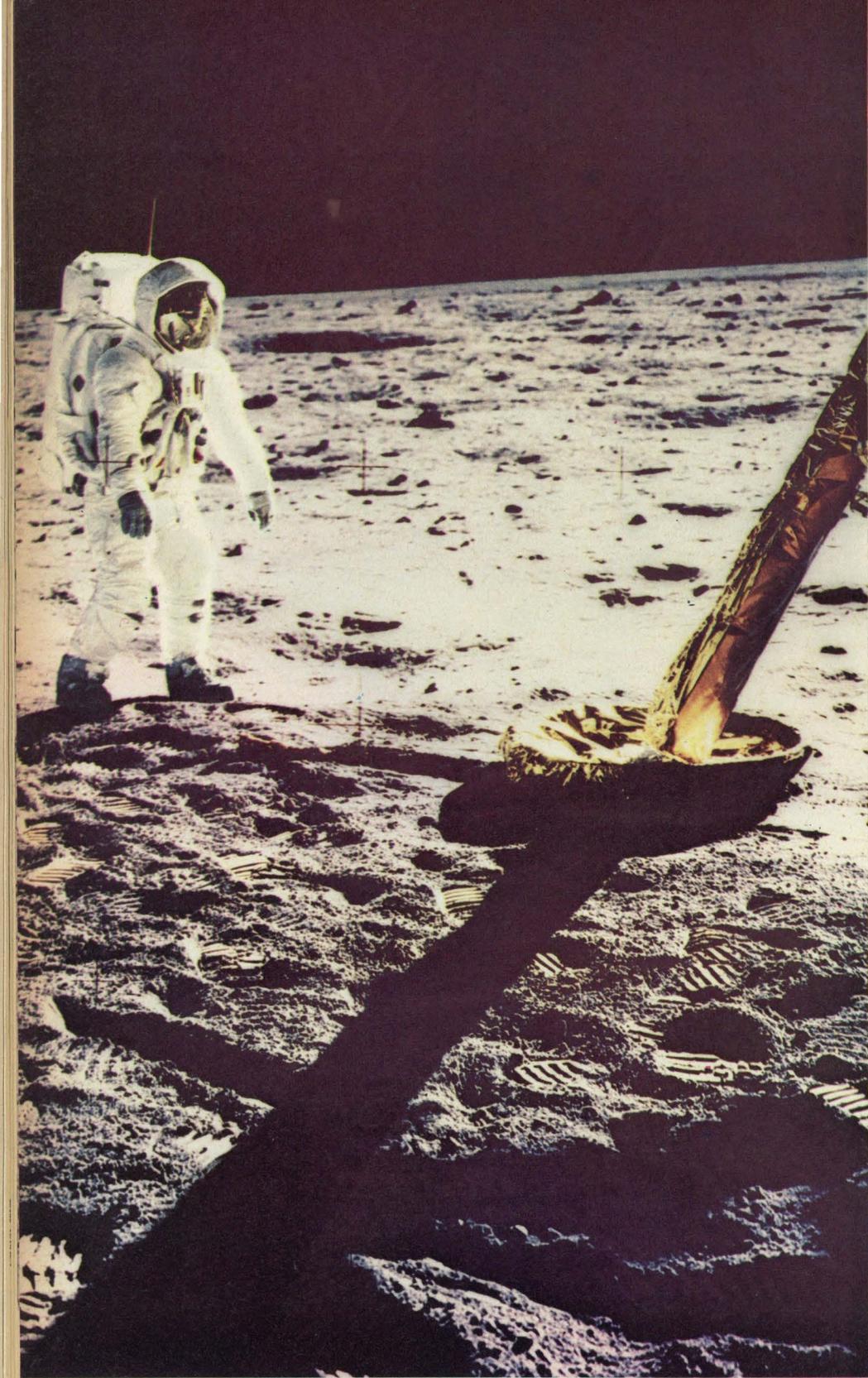


Seis vezes mais leve do que se sentiria na Terra (devido à fraca gravidade lunar), Aldrin prepara-se para descer os degraus que o levarão a pisar, pela primeira vez, o solo do nosso satélite. À DIREITA: depois de ter descido os nove degraus, o astronauta coloca os dois pés sobre a Lua.



Esta folha de alumínio
registrará
os «ventos solares»

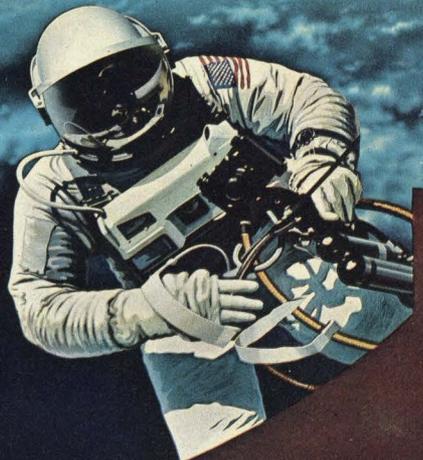
Aldrin coloca na Lua uma delgadíssima folha de alumínio (fabricada com uma liga especial) destinada a captar os «ventos solares», isto é, as partículas emitidas pelo sol que afectam o nosso satélite, dado que não está defendido pela atmosfera. Este instrumento foi reconduzido para terra e entregue ao cuidado dos investigadores de Astrofísica, que dele extrairão preciosas informações para o futuro.



O primeiro passeio humano sobre a Lua

Eis os seus primeiros passos, à volta dos quatro pés redondos do LEM, procurando verificar todos os pormenores das condições em que a nave alunara. À DIREITA : o momento em que Aldrin se perfilou diante da bandeira americana colocada na Lua.

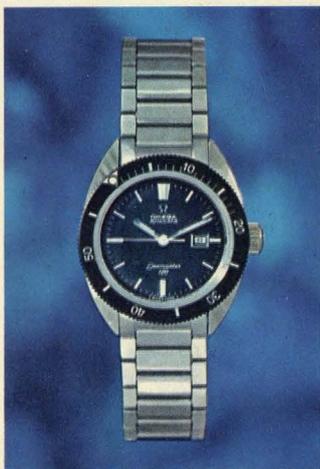
Ω
OMEGA
Speedmaster



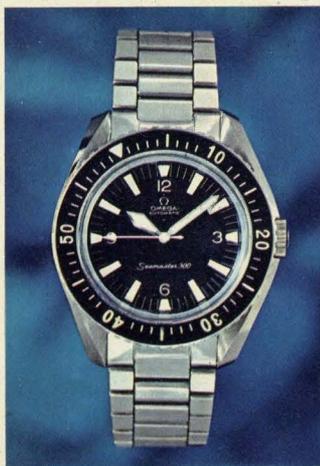
Speedmaster. Cronógrafo com escala taquiprodotométrica. Estanque, antimagnético e amortecedor de choques. Totalizadores de minutos e de horas.



Seamaster Cosmic, de plaqué. Automático, estanque, antimagnético e amortecedor de choques. Há também modelos de aço inox. 3.000\$00



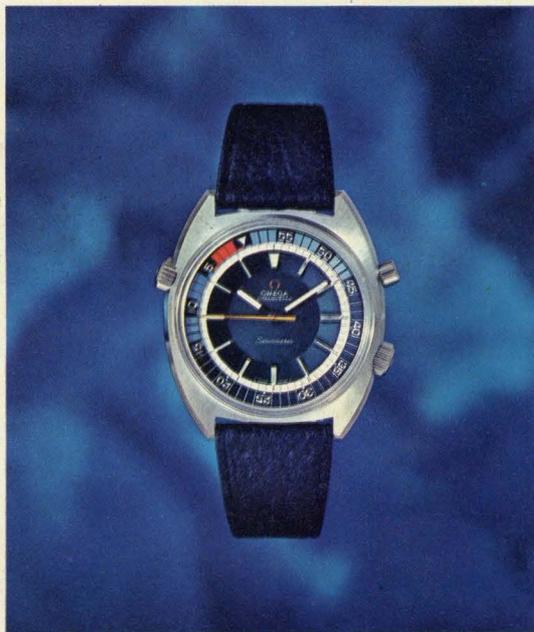
Seamaster 120. Relógio de mergulho para senhoras. Modelo com aro giratório. Impermeabilidade verificada até 60 m. com correia 3.000\$00



Seamaster 300. Relógio para mergulho, com aro giratório. Impermeabilidade verificada até 200 m. Automático, antimagnético. 3.300\$00

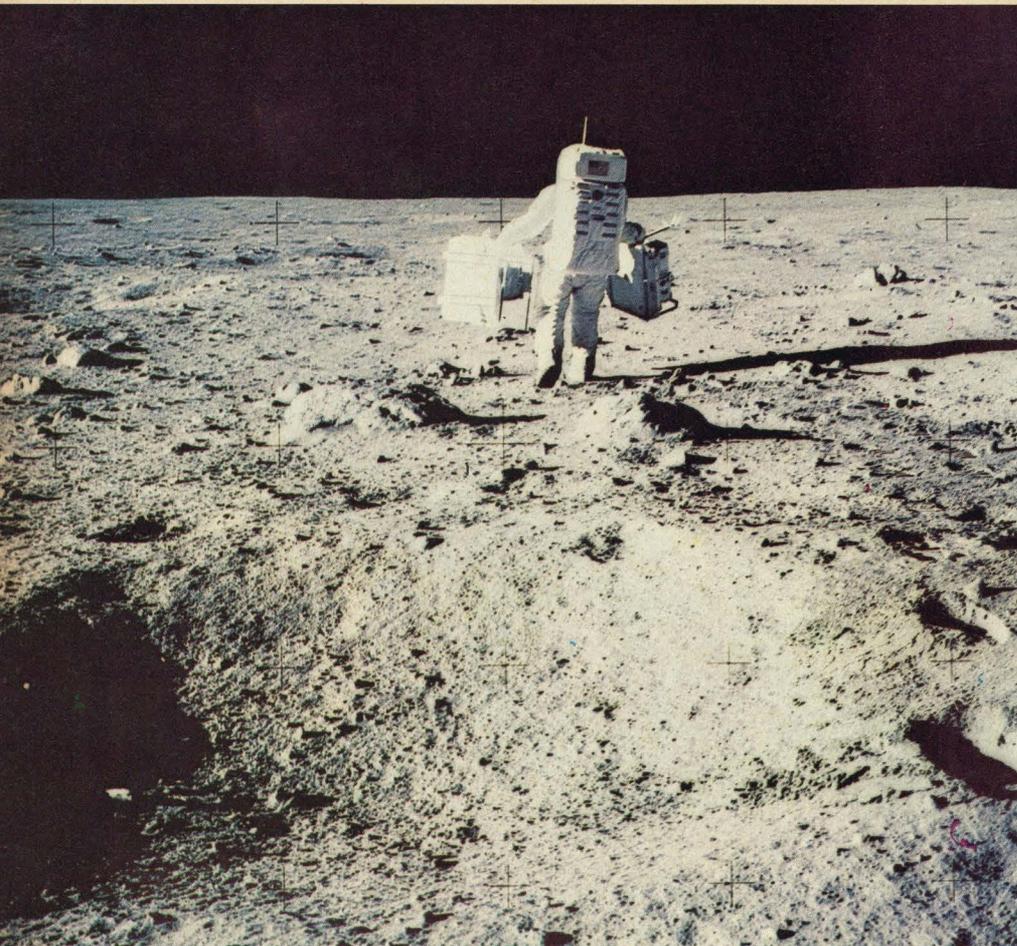
O OMEGA SPEEDMASTER é o relógio de confiança dos astronautas americanos e, por isso, ele faz parte do equipamento padrão desses astronautas para os seus passeios espaciais.

O OMEGA SPEEDMASTER é um cronógrafo de classe impar, que permite a leitura da fracção do segundo.



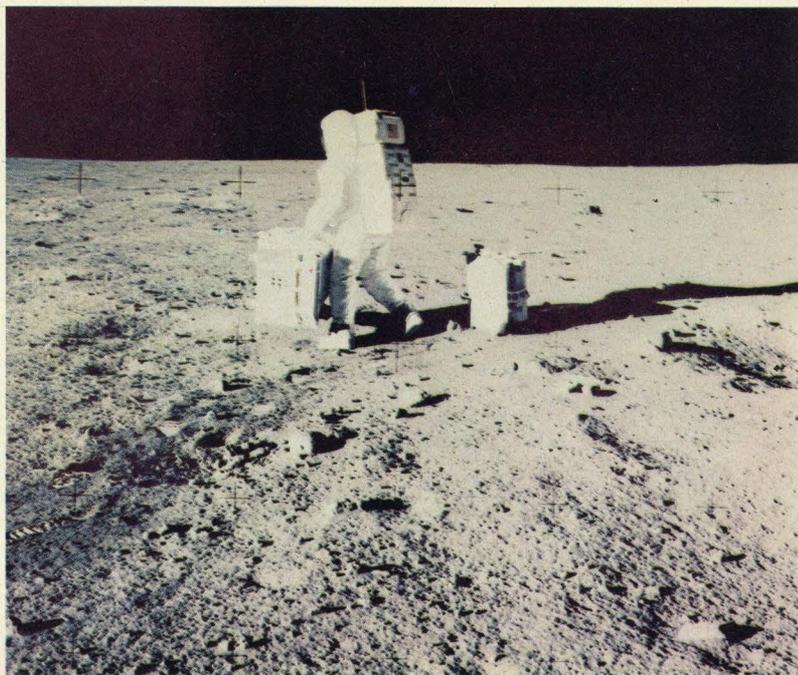
Chronostop Seamaster. Com escala taquimétrica. Antimagnético e amortecedor de choques. Permite leituras às avessas - de 60 a 0 - de 1/5 de segundo.

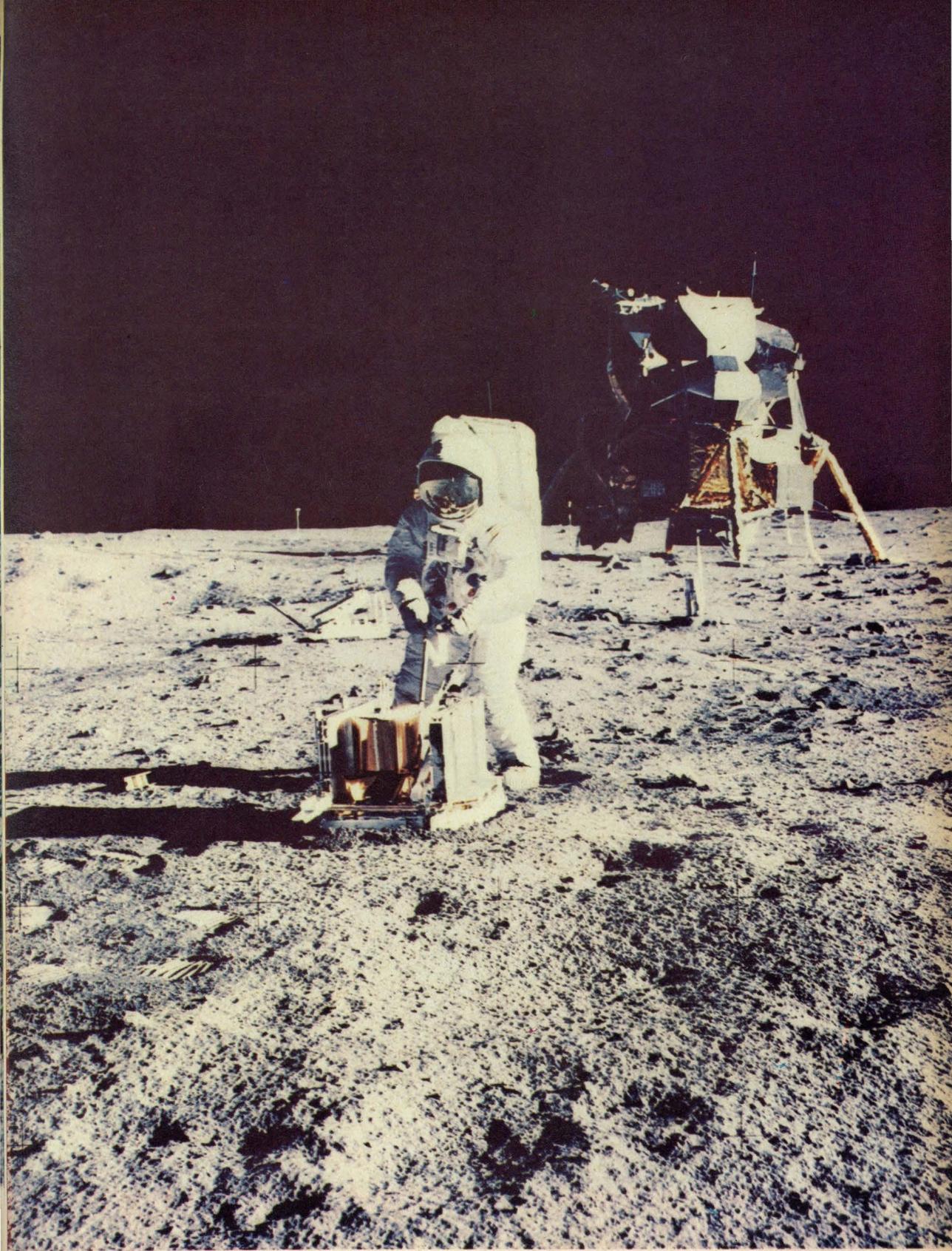
2.400\$00

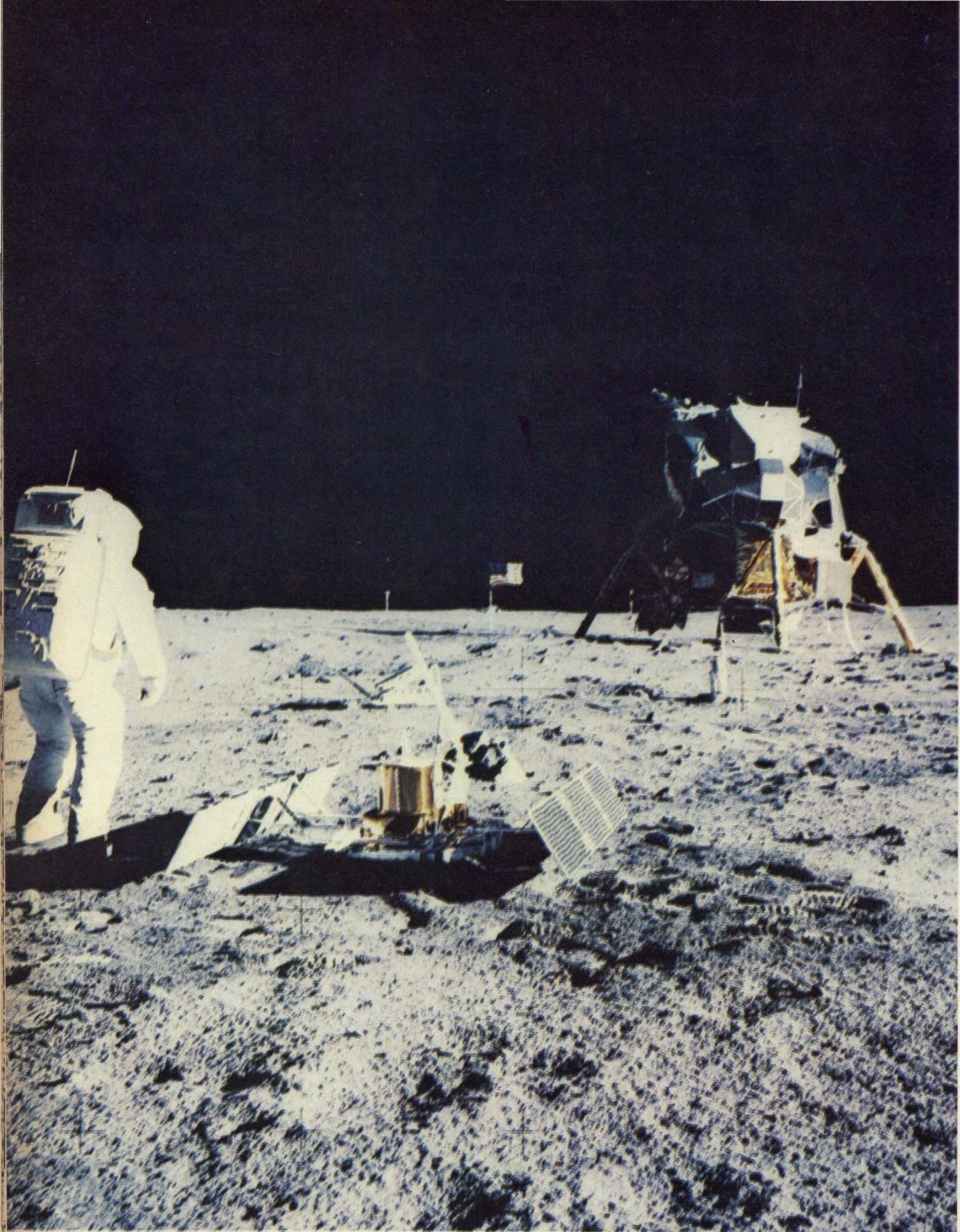


As fotos assinalam a colocação dos aparelhos científicos que os astronautas retiraram do «porta-bagagens» do LEM. Devido à sua delicadeza, esses aparelhos deviam ser colocados o mais longe possível do módulo lunar: ao acenderem-se os motores deste, para o regresso, a chama produzida poderia destruir tudo num raio de trinta metros em redor. Entretanto, sabe-se já que todo esse esforço não foi inútil, pois estão a ser recolhidas preciosas informações do sismómetro ali colocado.

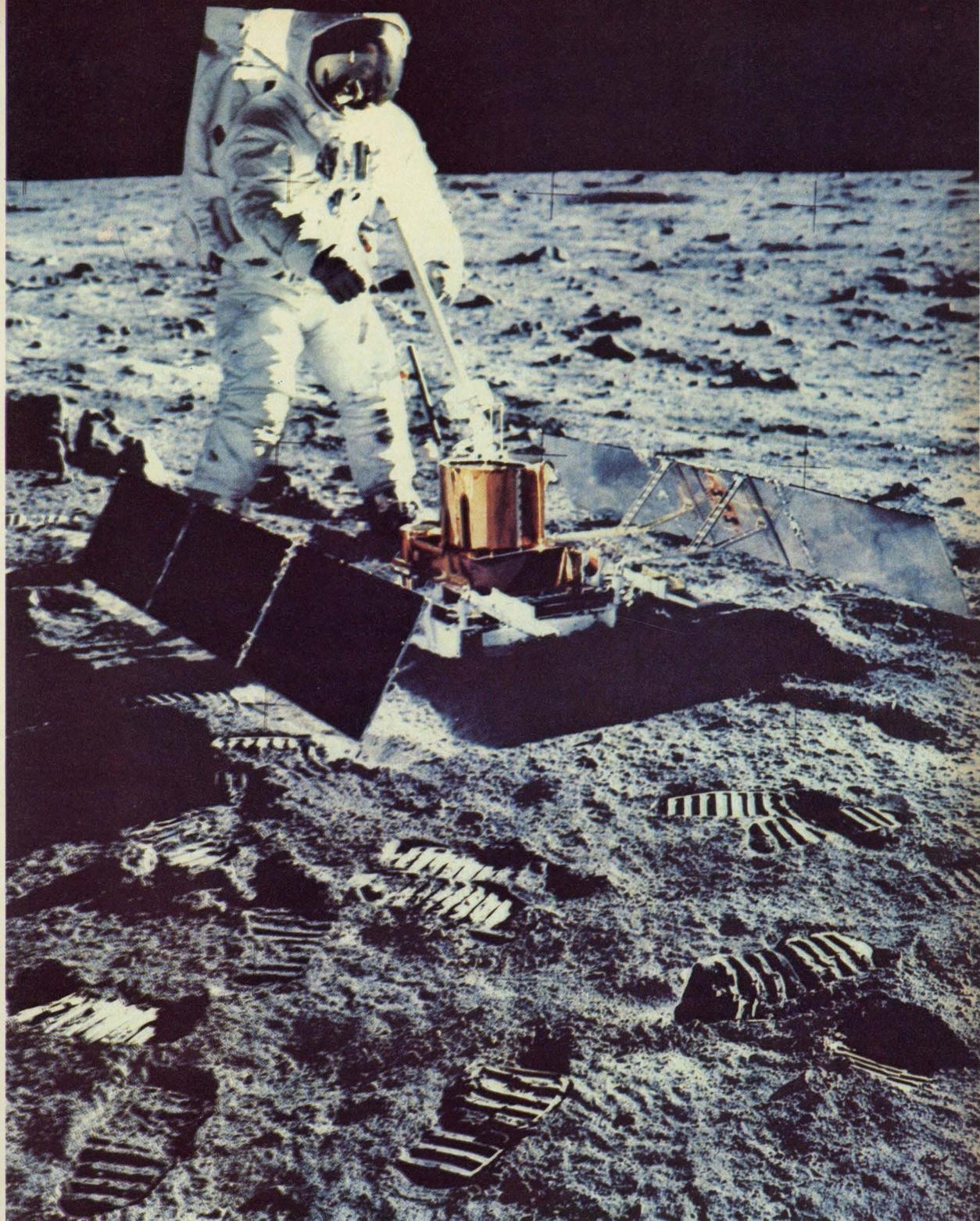
**Começam
os trabalhos do homem
no satélite
da terra**



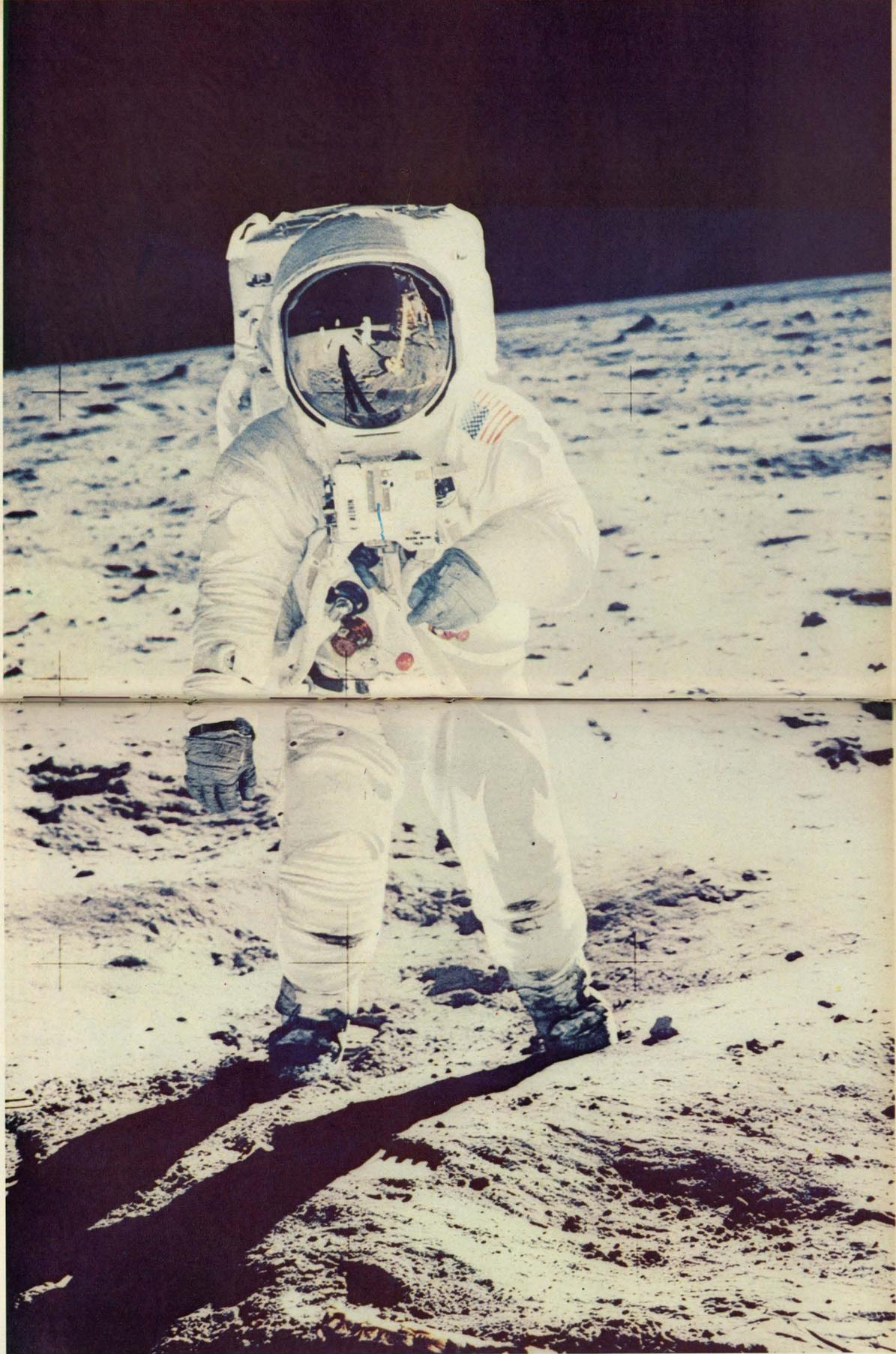




Um trabalho
em que tudo
estava previsto

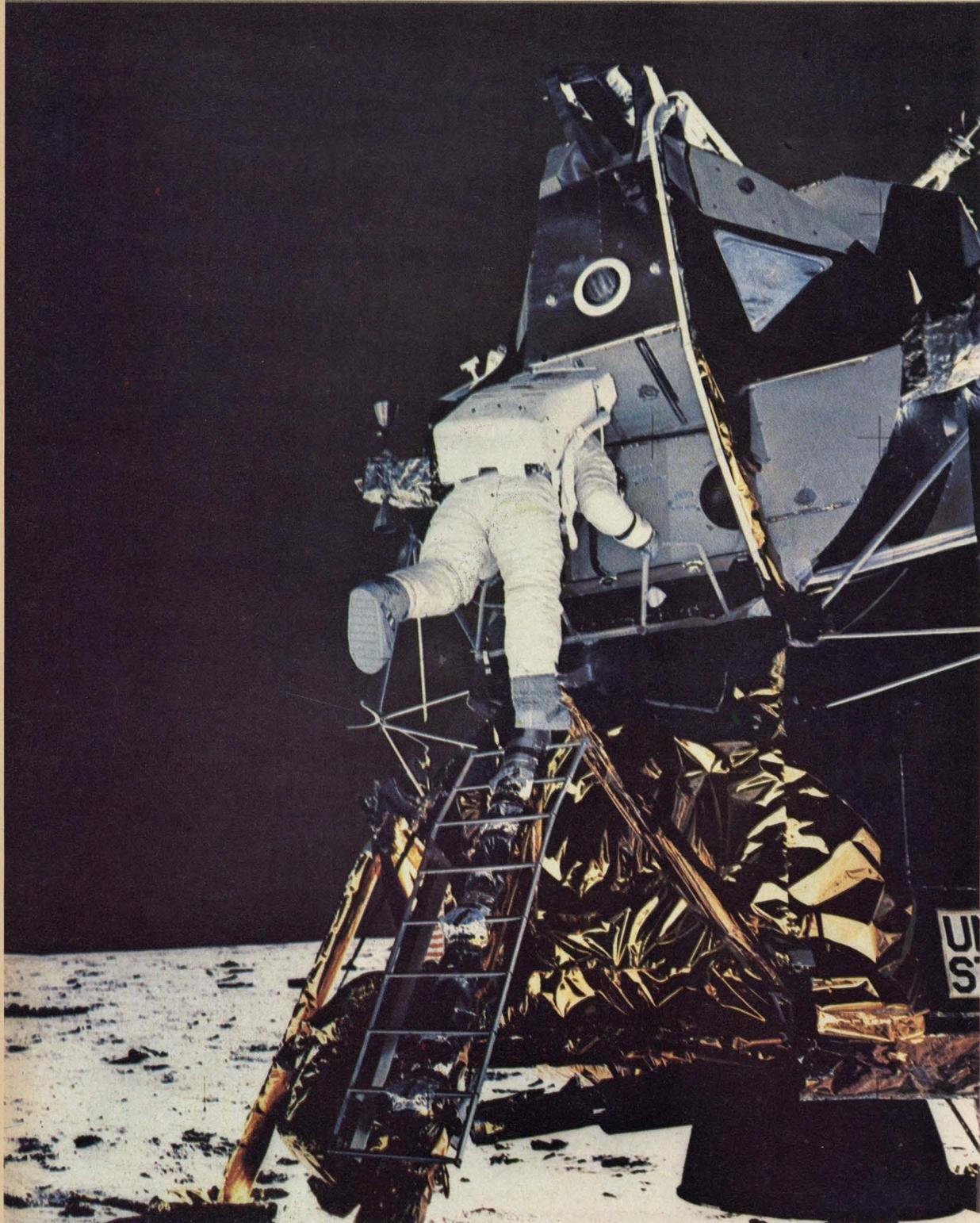


Colocação do sismógrafo. Aldrin executa as necessárias e meticulosas ligações do aparelho que contém as fotocélulas destinadas a transformar em electricidade a energia do Sol. Ao redor do aparelho, o solo lunar surge como areal num dia de Verão.



**Um extraordinário
documento fotográfico**

Eis um documento fotográfico, talvez involuntário: na viseira que protege o rosto de Aldrin dos raios do sol, reflete-se as imagens do fotógrafo (Armstrong) e do módulo lunar.



**Subida pela escada
que conduziu
a um outro mundo**

Armstrong documentou, nesta imagem, a subida de Aldrin, seu companheiro de glória e de perigo, dos nove degraus da escada do LEM: a escada que conduziu ao solo dum outro mundo.

EXCLUSIVO

SEIS ESCUTAS CONQUISTARAM O TEJO



Seis escuteiros desceram o Tejo, desde Vila Velha de Ródão até ao Terreiro do Paço, em duas jangadas rudimentares construídas com pneus e traves de madeira. Lutando contra todas as dificuldades que marcaram a sua aventura, improvisaram soluções, derrubaram obstáculos e venceram o rio. Os nossos repórteres reconstituíram todas as fases da sua difícil viagem.

REPORTAGEM
CÁCERES MONTEIRO
E DANIEL RICARDO
FOTOS
JOAQUIM LOBO E CARLOS SOARES

SEGUE

APANHARAM AZEITONAS E LAVARAM AUTOMÓVEIS

Nas jangadas seguiram, além do chefe da equipa, Moisés Barata Silva, de 20 anos, aluno do 7.º ano do Liceu, o «engenheiro construtor naval», Carlos Filipe Soares, da mesma idade, estudante de Psicologia Aplicada, o «navegador» José Frederico Soares, de 18 anos, aluno de Germânicas, o «repórter» António Salavessa, de 17 anos, aluno do Instituto Comercial de Lisboa, o «enfermeiro» António Lourinho e o «cozinheiro» Manuel Alves Rosa, ambos de 18 anos, estudantes liceais (o primeiro é, também, empregado de escritório).

FEITOS NUM FANICO

Os seis rapazes pertencem ao agrupamento de Castelo Branco do Corpo Nacional de Escutas. São «caminheiros». Na hierarquia da organização, isso significa que já prestaram provas como «exploradores» e puderam reunir-se num «clã», espécie de célula de base que funciona autonomamente, programando as suas actividades anuais e bastando-se a si própria. O «clã», que é orientado por um chefe, integra, apenas, jovens com mais de 18 anos.

Embora a descida do Tejo numa jangada constituísse um sonho antigo, arquetizado e aperfeiçoado por sucessivos grupos de «caminheiros» desde 1963 (ano em que o escutismo surgiu no distrito), dificuldades de vária ordem tinham, até há pouco, impedido a sua concretização.

Era um projecto difícil e caro. mesmo que os escuteiros conseguissem obter gratuitamente os materiais necessários à construção da jangada, teriam, que resolver, depois, os problemas suscitados pela alimentação ao longo de quinze dias de viagem. Um estudo prévio do percurso revelou a existência de obstáculos de natureza física: ventos, marés, baixios, correntes e cachões, águas mortas e zonas lodosas. Mas nem por isso o projecto foi abandonado e, em Outubro,

o «clã» elaborou um plano de acção.

Todas as actividades dos seis rapazes se dirigiram, a partir daí, no sentido da realização do plano. Trabalharam para angariar fundos, procuraram auxílios financeiros, materiais de construção, produtos alimentares e, sobretudo, mapas e relatórios científicos relacionados com o trajecto que tinham decidido percorrer. Nas férias do Natal empregaram-se numa herdade. Durante dois dias, temperaram os músculos na apanha da azeitona. Com detergente trazido de casa e fatos-macacos emprestados, lançaram-se depois à tarefa de lavar automóveis. Nos escritórios e nas oficinas de uma garagem descobriram, por fim, aspectos insuspeitados de uma vida particularmente difícil. Ao todo, amalharam 1750\$00. Mas havia tantas coisas para fazer...

Não perderam o norte. Antes de mais trataram de mobilizar e decorar a sede do «clã» que era uma velha cavaleriza de paredes descolouridas e esburacadas. Compraram madeira e forraram a sala com um rodapé de costaneira, fabricaram mesas e estofaram os bancos e as cadeiras, construíram uma lareira e, utilizando tijolos, completaram as obras. A sede do «clã» ficou, então, preparada para albergar o quartel-general da «Operação Pingarelho».

«Começámos por construir uma jangada de «bidons», quatro latas de 200 litros presas a um estrado. Fizemos experiências no rio Ponsur. Pode dizer-se que tivemos êxito, apesar de tudo quanto aconteceu», contou-nos Carlos Soares.

A descida do Ponsur foi aventureira. Depois de navegarem sem dificuldade, ao longo de muitos quilómetros, regressaram, remando contra a corrente. O vento batia de través e a embarcação que teimava em afastar-se do rumo certo, encalhou. Escorram-se várias horas enquanto os jovens procuravam, em vão, safar a jangada. A noite caiu. Na cidade, os pais aflitos telefona-



No cais do Porto do Tejo, pescadores assistem aos últimos preparativos da expedição. O equipamento já se encontra sobre as jangadas.



vam, insistentemente, para o chefe do «clã», em busca de notícias.

«Chegámos à meia-noite a puxar a embarcação à sirga. Estávamos feitos num fanico».

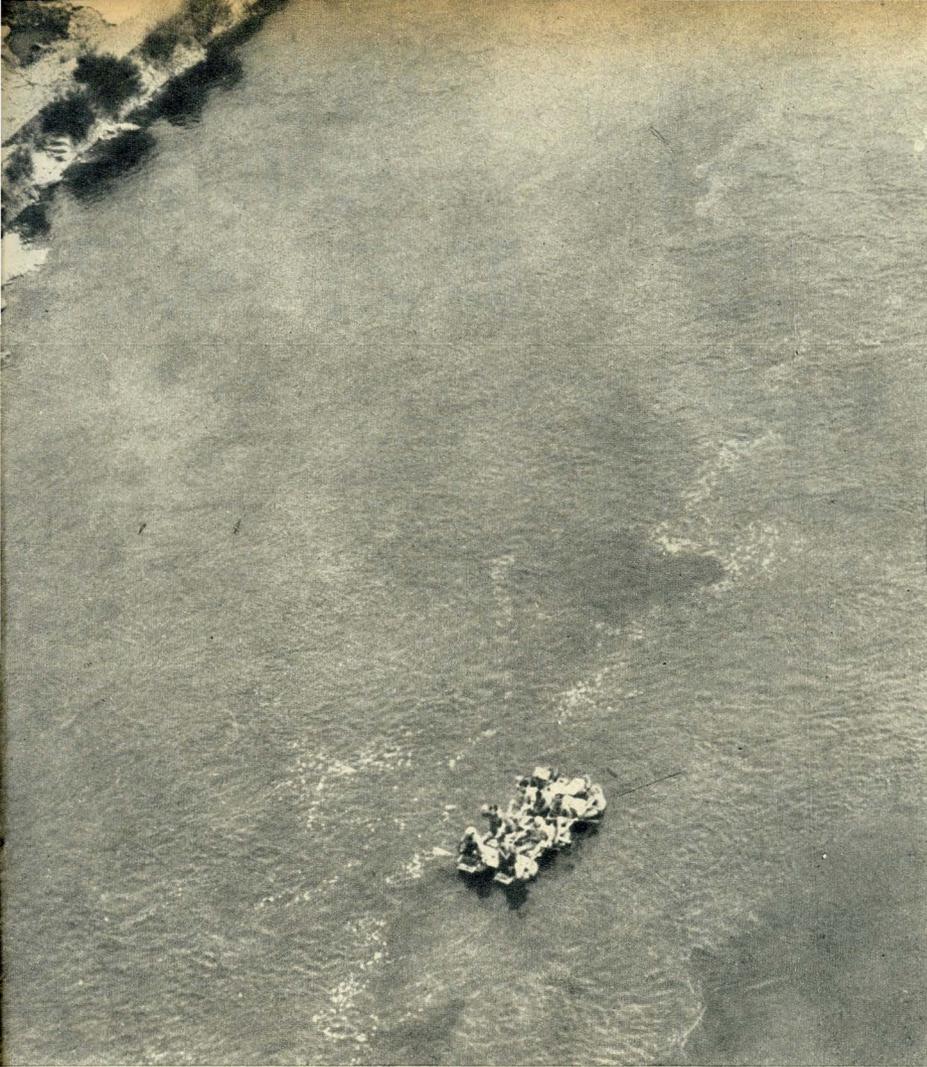
LÁPIS, RÉGUA, COMPASSO

A jangada de «bidons» passara, em todo o caso, no exame. Mas uma notícia vinda de Espanha e confirmada por funcionários da barragem de Monte Fidalgo determinaria a introdução de profundas modificações no plano dos escuteiros. Dizia a notícia que, durante algum tempo, as barragens espanholas permaneceriam encerradas. Esta medida, que se destinava a facilitar a abertura de túneis na região fronteiriça, provocaria uma descida pronunciada do nível das

águas em todo o curso do rio. Consultando os mapas que a «Hidráulica do Tejo» lhes cedera, os jovens tinham constatado, entretanto, que os períodos de seca, a profundidade do rio não ultrapassava, em certas zonas, trinta centímetros. Se a situação se repetisse agora não seria possível utilizar a jangada de «bidons», extremamente alta e pesada. Tornava-se, pois, necessário conceber outro tipo de embarcação.

«Resolvemos construir botes de fuzileiro com câmaras-de-ar de tractor. Mas fizemos contas e concluímos que não poderíamos suportar a despesa. A ideia da utilização de câmaras de borracha ficou a pairar...».

Ficou a pairar e tomou forma. Carlos Soares passou uma tarde inteira sentado à secretária, a de-



senhar: com um lápis, uma régua, um compasso e imaginação, traçou, no papel, o esquema de duas jangadas. Submeteu-o, depois, à apreciação dos colegas. Foi aprovado.

O esquema era simples, os materiais pouco dispendiosos: três câmaras-de-ar de pneus, presas por meio de cordas e tiras de borracha a três traves de madeira colocadas transversalmente sob uma tábua com cerca de dois metros de comprimento. Os remos de duas pás seriam fabricados com aço

Entusiasmados, os jovens correram a cidade. Pediram a madeira aqui, os pneus ali e, em breve, conseguiram juntar, na sede do «clã», todo o equipamento previsto. Em porcas, parafusos e tubos de aço tinham gasto, apenas, 180\$00.

Entretanto, José Soares, irmão do «engenheiro construtor naval», percorria as bibliotecas da cidade em busca de estudos sobre navegação no Tejo. Como nenhum dos escuteiros conhecia a arte de navegar, nem as marés, os ventos predominantes e as correntes do rio, que, de resto, variam muito, de ano para ano, a consulta de obras da especialidade revelava-se extremamente importante. Contudo, o «navegador» da equipa não encontrou o que procurava.

«Não há nada disso nas bibliotecas. Assim, ao longo da viagem, tivemos de perguntar aos barqueiros e aos pescadores, quais eram as características do troço que iríamos percorrer a seguir», disse-nos.

SEGUE

Perto de Abrantes, José Soares e Moisés Silva dão uma ajuda à corrente do rio, remando com entusiasmo. À esquerda: Junto da margem rochosa, nas proximidades da barragem do Fratelo, os escuteiros detêm-se para estudar as condições de navegação na zona. À direita: Com as jangadas unidas, o grupo passa sob a ponte de Vila Velha de Ródão





Em Constância, na confluência do Zêzere com o Tejo, Alves Rosa examina atentamente as águas que ali correm muito velozes.



Salavessa, Alves Rosa e Moisés Silva repousam, por momentos, a poucos quilómetros de Santarém. A boa disposição dos escuteiros ajudou-os muito a vencer as grandes dificuldades da viagem.



Em Santarém, durante o segundo dia de descanso, Alves Rosa, Moisés Silva e Salavessa visitaram a torre das cabaças e sentaram-se sob o grande sino. José Soares disparou, imediatamente, a máquina fotográfica.

"EM ABRANTES PARECIAMOS OS ASTRONAUTAS"

Quando as duas jangadas ficaram prontas, os jovens reuniram o material necessário (trém de cozinha, mochilas com objectos pessoais, roupa, sacos-camas e as tendas) e escreveram a cinquenta firmas, pedindo géneros alimentícios. Receberam uma única resposta. Mas as mercearias de Castelo Branco acabaram por contribuir com leite, salsichas, açúcar, azeite e latas de conserva. O que faltasse seria comprado pelo caminho. Para isso, cada um dos rapazes levaria consigo 200\$00 e o chefe da equipa — coordenador das actividades do grupo e responsável perante o chefe do «clã» — administraria os 500\$00 oferecidos à expedição pelo agrupamento de escutas. (No fim do percurso, teriam gasto um total de 1680\$00).

AO ENCONTRO DA AVENTURA

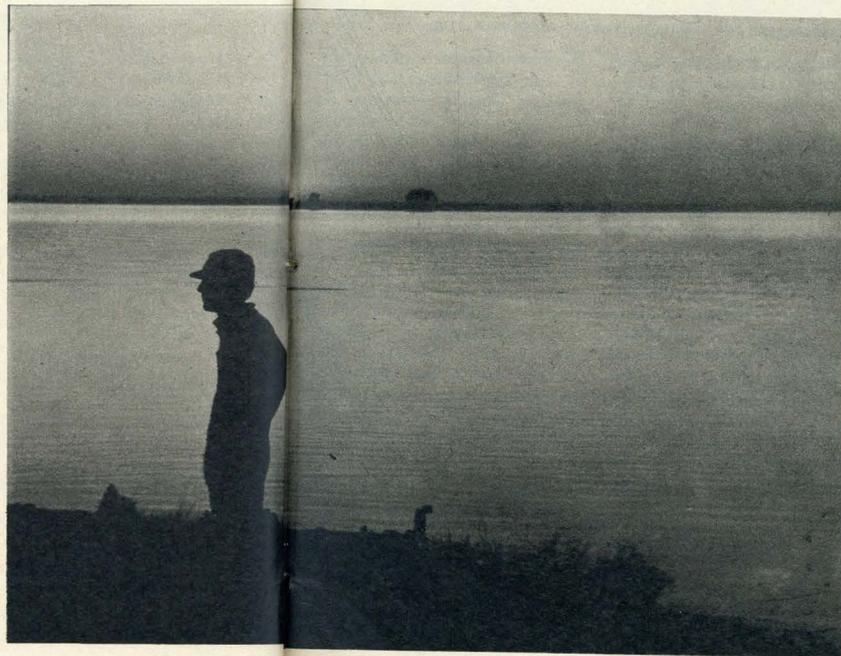
Moisés Barata Silva contou-nos: «Pela manhã do dia 1 de Agosto, tudo estava preparado. Embarcámos o material e os oito coletes salva-vidas que o Serviço de Socorros a Náufragos nos emprestara e metemo-nos à água, no cais do Porto do Tejo, em Vila Velha de Ródão. A nossa divisa era: «Sol e vento, sempre estrada». Eu confiava na capacidade de todos, pois todos tinham uma perfeita noção da sua responsabilidade e do modo como haviam de actuar. O Carlos Soares, por seu turno, estava seguro das possibilidades das embarcações que projectara e o José Soares sabia que em virtude da nossa falta de experiência poderíamos recorrer ao auxílio dos pescadores, os serviços Hidráulicos de Sacavém e Abrantes e da Capitania de Vila Franca em caso de necessidade. Só o chefe do «clã» se mostrava céptico e preocupado. Isso, no entanto, parecia-nos natural porque ele ficava em terra. As nossas «férias deslizantes» iam começar. Procuraríamos consolidar a camaradagem que nos unia e comentar o espírito de equipa no âmbito do «clã», contactar com as populações ribeirinhas e estudar o rio e a respectiva bacia hidrográfica, bem como as características sócio-eco-

nómicas das regiões que margina-m o Tejo, realizar o nosso próprio desenvolvimento físico e moral e, sobretudo, ir ao encontro da aventura, de uma aventura cujos resultados ainda representavam, para nós, um grande mistério...».

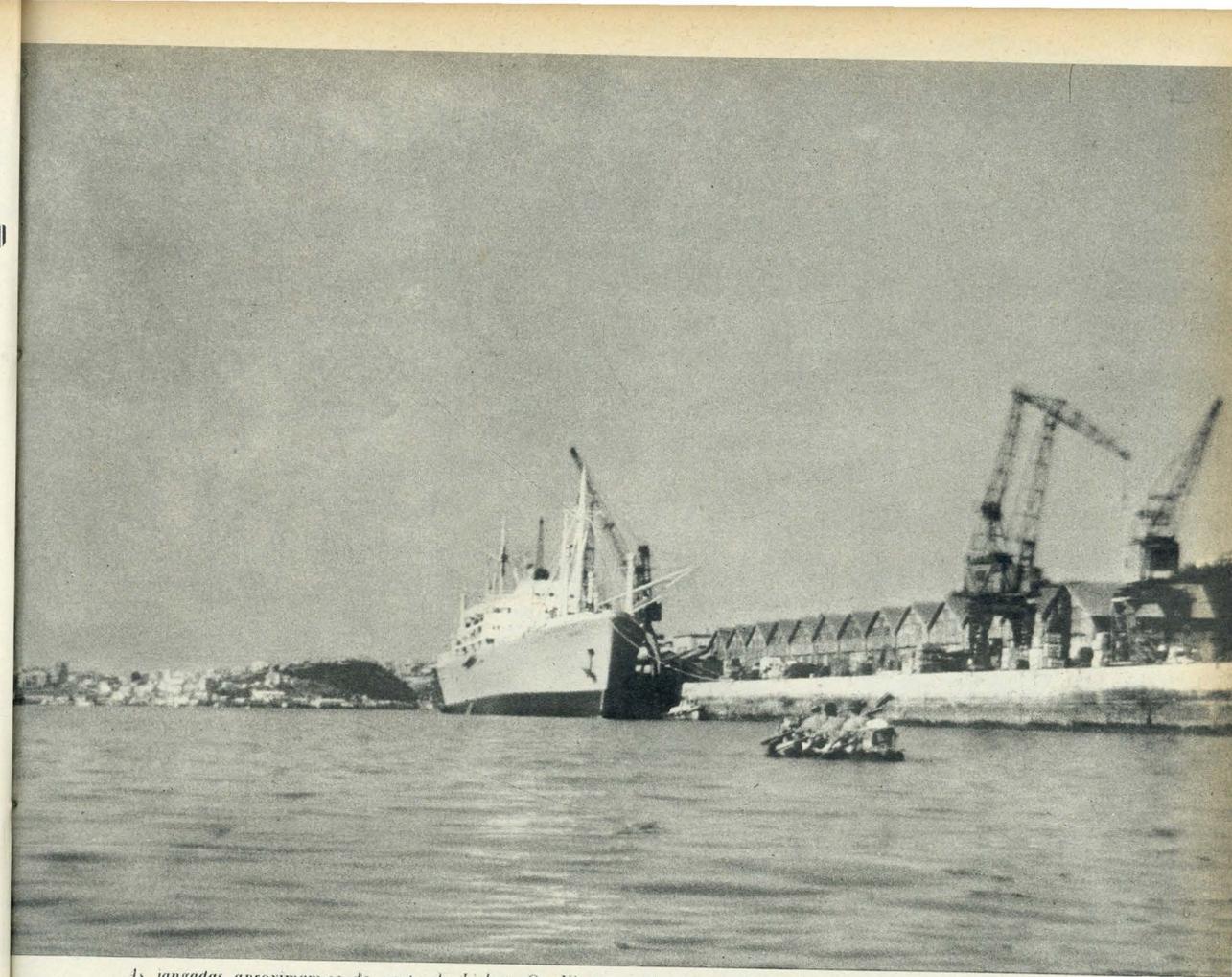
Os últimos dias tinham sido, pois, gastos na azáfama dos preparativos da partida. No dia 30, em Vila Velha de Ródão, na fronteira com a Espanha, colheram informações. Fora o peso de cada um, transportavam as jangadas 145 quilos. E o almejado dia chegou finalmente. Eram precisamente 10 e 27, quando os seis rapazes (sem cão) deixaram a margem, com as jangadas unidas uma à outra por meio de cordas, com a finalidade de alcançarem maior estabilidade nos rápidos. «A malta ia toda cheia de medo» — confessa o Carlos Soares.

O PESCADOR OCTAVIO

A poucas centenas de metros do local da partida cruzaram as



Em Athandra, quando o Sol aparece no horizonte, os escuteiros já estavam de pé para seguir viagem.



As jangadas aproximam-se do porto de Lisboa. O «Niassa» assiste, benevolente, à passagem das pequenas embarcações.

trionfais (prematuramente triunfais) Portas do Ródão. Começavam a ganhar confiança, atacavam o rio com alegria, deslizando por entre os vales. As águas mortas da barragem do Belver em breve quebraram o encanto. O rio resolvera não caminhar para a foz e o vento soprava-lhes de frente. Remavam, remavam, primeiro com energia, depois com desespero, mas não saíam do mesmo sítio. Até que o pescador Octávio os rebocou com o seu barco. José Soares es-corregara e dera, entretanto, o primeiro mergulho, sem consequências. Finalmente, às 14 e 30, com o moral abatido, alcançaram Barca da Amieira, montaram tendas perto do «ancoradouro» das jangadas e deram por finda a aventura daquele dia, dispostos a recomençar muito cedo, na madrugada seguinte, cumprindo o conselho do pescador Octávio, que dissera: «As melhores horas para remar são as da manhã!». Mas, partiram já tarde, e, de novo, o vento se

lhes opôs, afirmando-se como inimigo principal. Antes da viagem, o que eles mais temiam eram as correntes impetuosas e os baixios — começaram, pois, a pensar que tais realidades não passam de lenda... Quando já estavam cansados e havia vento, avançavam junto à margem, à sirga, isto é, puxando de terra a jangada, por meio de cordas. Mas tantas contrariedades desalentam um homem, porque os aventureiros são, ao fim de contas, homens como os outros... E os seis rapazes decidiram trepar a margem do rio e transportar as jangadas às costas pela linha férrea. Já lá estavam em cima, quando reconsideraram. Seria viciar as regras do jogo: tinham-se comprometido a vencer o rio navegando em jangadas... Tornaram a descer e rumaram, épica-mente, a Belver (povoação) onde resolveram descansar. Em Belver não tinham nada, porque antes da partida haviam despachado bagagens para



No Cais das Colunas, uma pequena multidão de familiares e amigos e alguns curiosos aguardavam os escuteiros. Terminava, com êxito, a fabulosa aventura. • Moisés Silva, Alves Rosa, Carlos Soares, Salavessa, José Soares e Coutinho, estão fadados, mas sorriem satisfeitos consigo próprios.

META FINAL NO CAIS DAS COLUNAS

Alvega, por comboio, mas Alvega era, por enquanto, miragem pura. Foram ter com o prior da freguesia, que lhes indicou a taberna de uma senhora viúva, onde poderiam retemperar as forças com alguns bons pitéus. Deixou a boa senhora, confiadamente, que os escuteiros pernoitassem em sua casa, indo ela dormir algures.

No dia 3, às sete horas, abandonaram Belver. É então que o «enfermeiro» Lourinho se res-

sente das queimaduras solares, sobretudo nas pernas e nos pés e regressa, para tratamento, a Castelo Branco, lágrima ao canto do olho.

MÍUDAS E COMIDA

Acharam contrastante a diferença observada até à Barragem de Belver e no troço compreendido entre Belver e Valada. Na primeira zona, a população vive do peixe do rio e o nível de vida, não sendo razoável, é menos mau do que na parte regulada pela barragem, onde o peixe já não chega.

Os aventureiros, à partida temerosos dos cachões, desejam-nos agora. Alcançam Alvega. «Caro chefe: acabámos de chegar a Alvega onde fomos bastante bem recebidos com miúdas e comida» — mandam dizer num postal dirigido ao chefe escuteiro. Tinham os aventureiros anunciado para Alvega a próxima chegada. Por isso são recebidos festivamente com comida, refres-

cos, escuteiros e escutas. E tão entusiasmados ficam com a recepção que resolveram passar todo o dia 4 em Alvega, de onde saíram no dia seguinte às 11 e 15. Objectivo: Abrantes. Os rápidos (do rio) com que até então depararam acabam-se entretanto e mais árduo é o esforço despendido. São recompensados em Abrantes com uma recepção principesca: «Parecíamos os astronautas!». Contam, irónicamente, os contactos com as «altas individualidades». No intervalo de um desafio de futebol foram inclusivamente chamados ao «relvado», recebendo uma calorosa salva de palmas...

As reacções das pessoas que os observam vencendo o rio são desencontradas. Enquanto umas exprimem o mais primitivo espanto, outras apodam-nos de «maluquinhos» e houve mesmo quem pretendesse tirar as medidas às jangadas para fazer umas iguais. Passaram a manhã em Abrantes e depois do almoço rumaram ao Tramagal, com todo

o remanso porque no dia seguinte a etapa seria longa, até à Barquinha. Quando passaram em Constância, sentiram a água frigidíssima e limpa. Era o Zêzere que se juntava ao Tejo, tornando-o mais caudaloso. Apreciaram Almourol, com a beleza (turísticamente inexplorada) ensombreada pelo aparato militar de Tancos. Pararam em Tancos e ao fim do dia foram «muito bem recebidos» na Barquinha («Ontem ficámos na Barquinha. Hoje fizemos a etapa da Chamusca (nove quilómetros) e amanhã vamos até Santarém (20 quilómetros), onde passamos o fim-de-semana. Já não devemos ter dificuldades em chegar, no dia 15. A hora é que está dependente das marés»). Na Chamusca, onde as margens do Tejo são áridas, devido às cheias, apareceram os primeiros baixios. Visitaram a Quinta da Cardiga e acamparam numa outra quinta, dormindo tão profundamente que nem as meninas da casa,

convidando-os para uma festa de anos, lograram despertá-los.

O ESCUTA «DESENRASCA-SE»

Detiveram-se observando palafitas, barracas de madeira clandestinas, assentes sobre estacas, por fora casas miseráveis, por dentro pobres mas muito arrumadas... Entrevistaram as mulheres — os homens, pescadores desenraizados, trabalhavam no campo, nas tarefas agrícolas.

Na etapa para Santarém, no dia 9, foi necessária muita força de vontade para vencer os 20 quilómetros de monotonia. Só o facto de terem trabalhado durante tanto tempo para a expedição, a teimosia e o quererem «fazer ver» a todos aqueles que afirmavam que os escuteiros não chegariam a bom termo, impediram que os aventureiros, reduzidos a cinco, desistissem. À chegada a Santarém contaram, porém, com a ajuda do vento, navegando mesmo à vela, servindo-se das toa-



Moisés Silva, Alves Rosa, Carlos Soares, Salavessa, José Soares e Coutinho, estão fadados, mas sorriem satisfeitos consigo próprios.

SEIS HORAS ISOLADOS

No dia 11 avançaram até Valada, instalando-se num futuro parque de campismo. Estavam numa nova região. Margens mais baixas que o leito do rio, devido ao assoreamento. Precisavam, agora, de se regular pelas marés, navegando com a baixa-mar, na vazante. Possuíam o horário das marés na barra do Tejo e só necessitavam de efectuar os ajustamentos, conforme a altura do rio onde se encontravam. A expedição tornara-se mais dura, as etapas eram mais longas e eles dormiam menos. No dia 12, pelas oito da noite, alcançam Valada, sofrendo vento e frio. Era a zona da plantação de tomate. As mulheres, produzindo mais trabalho, ganham apenas 50 escudos diários, na tarefa da apanha; os salários dos homens, muito mais elevados, correspondiam a um menor rendimento. À medida que iam avançando reduziam o material, dando aqú-

car, arroz e outros artigos aos pescadores que os alojavam.

No dia 13, apanharam a maré bastante tarde e permaneceram muito tempo parados. «Está a maré cheia. É encher o papo e dormir a sesta» — dizem os pescadores. Atracaram as jangadas à vista da ponte de Vila Franca de Xira, foram almoçar à vila e resolveram pernoitar onde calhasse. Em Vila Franca reapareceu o «enfermeiro» Lourinho, feliz e meio curado. Tinha vindo à boleia desde Castelo Branco e havia um dia que estava em Vila Franca, enganado por notícias publicadas num jornal. Lourinho tinha ficado tão contrariado com a desistência que não resistiu e regressou para junto dos outros. Dormiram em Alhandra, começo da zona industrial, facilmente referenciável pelo aumento de lama no leito do rio. Querendo ganhar tempo, e como nunca conseguiam acordar à hora, descansaram por turnos e levantaram-se às cinco

ABRAÇOS NO FIM DA AVENTURA

horas. Eram sete quando partiram rumo à Póvoa de Santa Iria. Perto de Sacavém interromperam a viagem, porque a maré vazava e não podiam saltar para terra, em virtude do lodo que cobria as margens. Estiveram imóveis, deitados na jangada, seis horas, desde as 10 da manhã às quatro da tarde, à torreira do sol, seguros a um remo espetado na lama.

ATAQUE DAS MELGAS

Foram acampar nesse dia, no cais do Cabo Ruivo, passando uma noite péssima, devido às melgas que infestaram o local. O Moisés não pregou olho. Os outros borrifavam-se com vinagre. Estavam em Lisboa. A contrastar com a simpatia das pequenas povoações foram mal recebidos em Cabo Ruivo. Numa certa propriedade não os deixaram passar pelo portão da quinta e foi de má cara que lhes facultaram água. Para irem telefonar precisaram de seguir ao longo da linha férrea.

E o dia 15, curiosamente esperado, anunciou-se finalmente. As famílias, entusiasmadas, aguardavam os aventureiros (seis novamente) no Cais das Colunas. Sairam às 7 e 30. Esperavam uma etapa difícil. Mas não houve dificuldades de qualquer espécie. Nem ventos, nem ondulação, a não ser a provocada pelos navios. Mas havia pouco movimento e só à entrada de uma doca receram chocar com uma embarcação, porque não tinham sinal de aviso. Emitaram o som das sirenes com as bocas e lograram passar incólumes. Eram 10 e 55 quando chegaram ao Cais das Colunas, metralhados pelos «flashes» insistentes do Joaquim Lobo. Compareceram pais, tios, primos, irmãos, padrinhos, amigos, chefes dos escuteiros, curiosos, pescadores de enguias, alguns estrangeiros, um amigo que veio do Porto de propósito... A ondulação provocada por um cacilheiro molhou a bagagem até então a salvo. Desmantelaram rapidamente as jangadas e um automóvel de Castelo Branco levou de volta o material, digno

de vir a ser colocado num futuro museu albacastrense. Os aventureiros foram tomar banho ao Balneário da Bica e almoçaram lautamente no João do Grão. Era o epílogo da aventura.

Alguns dos componentes do clã virão para Lisboa estudar e a constituição do grupo vai, por isso, ser alterada. Mas os escuteiros que substituirão os que vão partir já têm mais planos. Parar é morrer... A próxima aventura será, talvez, descer o Douro, o que constituirá aventura bem mais temerária do que esta de agora.

«O TEJO É NAVEGÁVEL»

Não foram os primeiros a navegar no Tejo. Não pretendem vestir as roupagens de pioneiros. Rebuscando em poeirentos arquivos descobriram que, em 1565, um espanhol, pretendendo demonstrar a sua navegabilidade subiu (!) o rio num barco de seis remos, até Toledo. Em jangada, há cerca de cinco anos, houve quem fizesse umas tentativas. Entre os aventureiros conta-se um grupo de americanos que acabou por desistir. Não conhecem, pois, quem os tenha precedido utilizando jangadas, mas é bem possível que não tenham sido os primeiros. Mas isso não os incomoda muito.

Os escuteiros, como o espanhol de Quinhentos, estão convencidos de que o Tejo facilmente se poderá tornar um rio navegável, com a dragagem de algumas zonas. Esta a conclusão principal da empresa.

Estão contentes os aventureiros. Conseguiram provar a si próprios que são capazes de fazer coisas difíceis. Criaram espírito de equipa, através de quinze dias de vida comunitária intensa e de dificuldades comuns. Contactaram com povoações e respectivos habitantes. Souberam adaptar-se a situações complexas, ganharam resistência. E, acima de tudo, deram largas ao espírito de aventura que possuem e escaparam à rotina quotidiana. Por isso, estão felizes os seis rapazes que uma manhã partiram Tejo abaixo à procura de Lisboa, em busca de enseada amena.



No Terreiro do Paço, o grupo desce das jangadas. Momentos depois, a ondulação provocada por um cacilheiro molharia todo o equipamento. Em baixo: Apesar dessa contrariedade, foi com alegria que os jovens reencontraram os familiares e os amigos que esperavam, no cais.

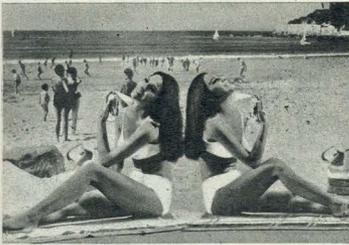
A Verdade acerca dos efeitos do sol e dos produtos para bronzear

Uma **franca declaração** acerca daquilo que tem direito a receber contra o seu dinheiro, quando compra produtos das grandes marcas de bronzadores e, também, acerca das consequências da sua escolha para a beleza da sua pele, feita por «Spray-Tan», uma das principais marcas de produtos solares que pode encontrar em qualquer mercado da Europa.

Bronzear com ou sem sol?

Atenção: não confundir os produtos para bronzear **naturalmente** com os produtos cosméticos, para bronzamento **artificial** (sem sol). O bronzamento natural é o da verdadeira beleza e da saúde da pele. No entanto, não se deve expor a mesma ao sol sem empregar um verdadeiro produto de protecção solar: senão a pele «queima-se» e acaba por cair ou envelhecer antes de tempo.

As embalagens «Spray-Tan» ou creme «Spray Tan» são autênticos produtos científicos para um bronzear saudável e natural.



Hoje em dia, já é possível o fabrico de produtos para bronzear de duplo efeito, os quais pigmentam a pele desde a primeira aplicação dando-lhe um tom dourado protegendo-a do sol.

O «Bronze Solaire» é um deles. Apresenta-se sob duas formas: tubos e óleo-filtro em frascos. A sua acção é, de facto, sensacional. Pode parecer inacreditável, mas é verdade: com «Bronze Solaire» a pele começa a bronzear antes dos primeiros banhos de sol e, depois, intensifica o seu processo de pigmentação natural de forma espectacular. Desde a primeira aplicação, a pele reveste-se de um lindo pré-bronzado dourado que evita as queimaduras e lhe dá um aspecto imediatamente atraente. Sem maquilhagem, sem bronzamento artificial!

Uma vez que o «Bronze Solaire» é um concentrado de óleos tropicais impermeáveis à água, a sua acção protectora só se elimina completamente com a utilização de sabão, ficando o rosto e o corpo totalmente protegidos do Sol durante todo o dia.

Para intensificar o seu bronzamento

Quanto melhor a sua pele estiver protegida do sol mais intensos e duradouros serão os efeitos do bronzear. Mas, para isso, o produto escolhido deve conter um «filtro». Tais substâncias são mais ou menos activas (segundo

a intensidade de isolamento dos raios que queimam e a facilidade de passagem aos raios que bronzeiam) — e a sua actividade pode determinar-se com rigor e exprimir-se cientificamente através de graduações precisas: Percentagem de transmissão de raios bronzadores e índice de protecção contra as queimaduras.

O filtro «F 29 : 31» contido nos produtos Spray Tan (e somente nestes produtos) é de tal forma eficaz, que a sua actividade foi detalhadamente comentada nas revistas médicas e dermatológicas. Graças a este filtro de alto poder, o **Creme especial Spray-Tan** é hoje aquele que possui o índice de protecção mais forte e o único vendido com garantia de eficácia e segurança. No caso das peles ultra-sensíveis (a pele das loiras e das ruivas) ou no de um sol muito intenso (mediterrâneo ou montanha) aconselha-se o creme Spray-Tan, que tem dado resultados surpreendentes e conseguido o que até aqui tinha sido impossível com qualquer outro produto.

Experimente: seja onde for que aplique o creme Spray-Tan a sua pele bronzeará como nunca. Porém onde não o aplicar, «queimar-se-á».

Para acelerar o bronzamento

Quanto menos esforços pedir à sua pele para se adaptar ao sol, mais depressa se bronzeará. Assegure-se de que adquira um produto solar perfeitamente adaptado aos problemas particulares da sua pele — pois que nem todas as peles reagem da mesma maneira aos efeitos do sol.

Não faça da sua pele uma «vítima do sol». Melhor, sim, as condições de receptividade aos raios bronzadores do sol e obtenha pig-



mentação natural e surpreendente. Escolha, desde já, o produto Spray-Tan, especialmente concebido para o seu tipo de pele.

Pele normal com tendência para secar?

Spray-Tan Hydratante (espuma de lanolina). Hidrata as células cutâneas à medida que o sol as desidrata.

Pele com tendência para engordurar?

Spray-Tan não gorduroso, loção solar com vitamina A. Protege a pele sem a engordurar e resiste à água.

Pele seca ou delicada?

Spray-Tan extra macio, óleo. Alimenta a pele e evita a formação das rugas de Verão.

Pele extra-sensível ao sol?

Creme especial Spray-Tan (ultrafiltrante): o máximo de protecção para um bronzear intenso.

Uma marca diferente das outras

Presentemente, todas as grandes marcas de perfumaria ou de cosmética fabricam também produtos solares mas, se a maior parte destes produtos são bons, os da marca «Spray-Tan» são obrigados a serem **ainda melhores** que bons, sob pena de perderem a sua reputação mundial de produtos diferentes dos outros.

Com efeito, «Spray-Tan» ocupa-se unicamente de produtos solares destinados em especial a uma elite exigente e vendidos a preços relativamente acessíveis.

À venda em farmácias, perfumarias e todos os grandes estabelecimentos.

F. LIMA & C.ª SUCR., LIMITADA
Avenida Fontes Pereira de Melo, 174.ª — LISBOA



Toda a gama de produtos solares — e só produtos solares

AUTO DA FLORIPES:

Neves é um lugar do concelho de Viana do Castelo. No largo principal há uma mesa de granito, rectangular, com três bancos de pedra. Chamam-lhe a mesa dos três abades. Era aí que antigamente, no dia do compasso, se reuniam os abades de três freguesias — Mujães, Vila de Punhe e Capareiros —, numa confraternização sim-

bólica. Cada um deles sentava-se num banco e estava efectivamente no limite da sua freguesia: a mesa e os bancos são o marco divisionário das três freguesias. Pois é nesse mesmo largo triangular, o principal de Neves, que se representa anualmente o «Auto da Floripes».

Os actores, uns 32, são gente do povo, recrutados

por tradição. Os papéis passam de pais a filhos, como uma herança preciosa. Isso permitiu que o «Auto da Floripes», uma jóia rara do teatro popular português, com raízes mergulhadas no teatro medieval, considerado como o único do seu género no País, chegasse até aos nossos dias. Há meia dúzia de anos, quando os fatos dos comediantes já

não eram mais do que farrapos ligados por fios da boa-vontade, o sr. Leandro Quintas Neves, um dos maiores estudiosos da etnografia e história do Alto Minho, actual director do Museu de Viana do Castelo, decidiu debruçar-se, esquecendo todos os sacrificios, para o recolher da tradição

SEGUE



Floripes, a protagonista do Auto, é a única mulher em cena. Na vida real chama-se Maria Antonieta e tem 25 anos; na peça, libertou Oliveiros e fugiu com ele para o campo cristão. À DIREITA — Um dos mais belos momentos da representação: o confronto entre os dois campos.

a História que o povo sabe

AUTO DA FLORIPES

oral. «Tive então oportunidade de apreciar verdadeiros milagres de memória. Um homem com 82 anos recitou-me tiradas do auto sem que lhe falhasse uma palavra. Uma coisa espantosa!». O sr. Quintas Neves evitou que o único espécime do teatro medieval que resta do Alto Minho se perdesse.

«O Auto da Floripes», que mereceu de distintos etnógrafos não só estudos em síntese como a classificação de coisa notável do que



Etnólogo, historiador, director do Museu de Viana do Castelo, o sr. Leandro Quintas Neves, de 74 anos, foi quem recolheu a matéria de Floripes.

nos resta das velhas formas do nosso teatro popular, andava, quase sempre na sua totalidade, na memória do povo da localidade e na dos seus velhos actores. Nos últimos anos, antes de 1962, por falta de guarda-roupa apropriado, a sua representação teve largas intermitências».

Mas nenhum subsídio oficial apareceu para ajudar a salvar o «Auto da Floripes». Foram as boas-vontades locais que fizeram o milagre. Dois beneméritos facilitaram a aquisição de novos trajes. Neves mostra que sabia conservar o seu tesouro.

CARLOS MAGNO CONTRA BALAAO

Um estrado longo de uma vintena de metros serve de cenário ao «Auto da Floripes». O público fica em volta, em cadeiras ou em improvisadas bancadas de

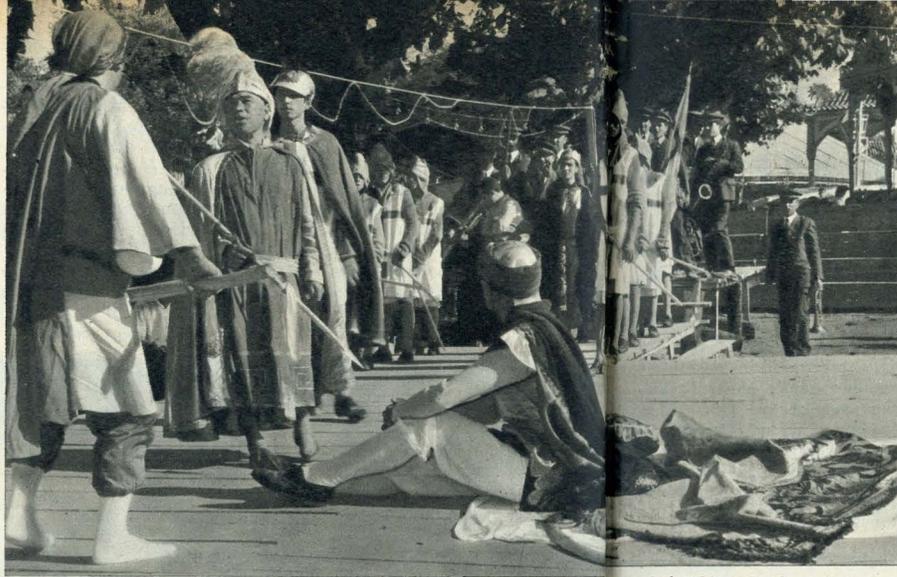
madeira, ao sol e ao pó. De um lado e do outro do estrado alinham-se os participantes, cada um deles apoiado por uma banda de música. De um lado, é Carlos Magno e o seu séquito. Do outro, Balaão, o rei turco, e as suas tropas.

O «Auto da Floripes», que segundo o eng.º Rebelo Ecnito deve ter surgido entre os séculos XVI e XVII, é «o tipo mais perfeito de Mourisca coreo-dramática. Nele se encontram reunidos e engrandecidos os motivos do prélio entre mouros e cristãos, com pormenores observados na dança dos turcos limiana, a cantoria poética da loa e um fio de intriga que termina pela prisão dos infiéis».

O auto é um misto de pantomima, bailado e recitativo, reproduzindo uma luta do tempo de Carlos Magno. Evoca a luta de Ferrabrás, rei de Alexandria, filho do almirante Balaão, que foi desafiar os cavaleiros cristãos. Carlos Magno encontrava-se com o seu exército em Moniona, em divertimentos e torneios. Ferrabrás foi lá provocá-lo. Carlos Magno chamou seu sobrinho Roldão, mas este, magoado por uma anterior observação do seu tio, recusou combater. O cavaleiro Oliveiros ofereceu-se então a Carlos Magno para dar luta a Ferrabrás. Não aceitando em princípio, Carlos Magno acabou por ceder. Oliveiros foi defendê-lo.

FLORIPES GANHOU A BATALHA

De um lado e do outro do estrado, os exércitos turco e cristão espreitam o despique que se trava a meio do palco entre Oliveiros e Ferrabrás. Este é derrotado. Mas os turcos, num golpe hábil, levam Oliveiros e o seu escudeiro como prisioneiros. Carlos Magno, por seu turno, manda recolher o seu adversário, Ferrabrás, que está ferido no campo de luta. É a altura em que entra em cena Floripes, a única mulher do auto, que vem muito modernamente de automóvel até junto do estrado. Ela é



Carlos Magno, Oliveiros e o seu séquito. À ESQUERDA — Ferrabrás desafia Carlos Magno.



irmã de Ferrabrás. Floripes, apaixonada, liberta Oliveiros e foge com ele para o campo de Carlos Magno. O rei turco recrimina-a do seu campo, mas acaba por lhe perdoar. Segue-se depois a batalha final, entre as duas forças. Os turcos são derrotados e aprisionados.

OS SAPATOS DO DIA A DIA

De um lado e do outro, os acompanhamentos musicais sublinham com intervenções várias fases da representação. Os actores, embora vestindo segundo a tradição, conservam os seus sapatos do dia a dia. É o que poderemos classificar de anomalia, mas o teatro popular está cheio delas e não deixam de ter o seu encanto. A representação, não perdendo o seu fio condutor original, vai, no entanto, tomando o molde dos nossos tempos, em face de circunstâncias adversas. Por exemplo, há uma centena de anos, as tropas chegavam ao terreiro da representação em cavalos. Estes animais são, porém, cada vez mais raros na província, e foi necessário prescindir deles. Assim, Carlos Magno e o rei turco aparecem agora a pé.

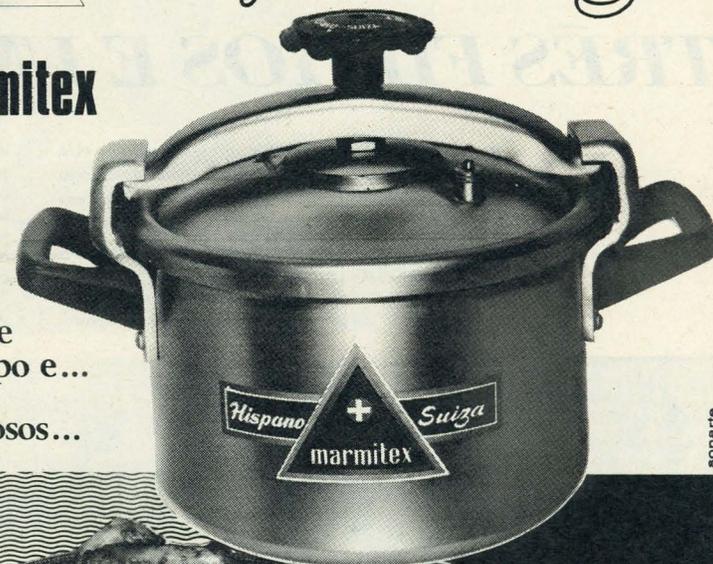
Mas o «Auto da Floripes» é um espectáculo singular que Neves, sem qualquer protecção oficial, guarda avaramente, com pureza e sinceridade de arte popular.



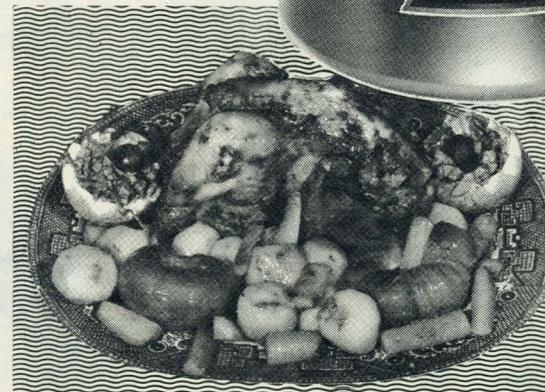
SUPER PANELA DE PRESSÃO

Hispano Suíza

modelo marmitex



sempre a tempo e... mais saborosos...



Utilize os seus compartimentos auxiliares. Poderá ter ao mesmo tempo dois pratos diferentes sem que tomem o sabor um do outro.

Representantes:

RÁDIO INDÚSTRIAS, LDA.

RUA PASCOAL DE MELO, 127 — LISBOA — TEL. 53 64 43

RÁDIO ATLÂNTICA

Rua de Santa Catarina, 615 - 1.º — PORTO



Todos os êxitos!

estão à venda na

discoteca

ASTROTÉCNICA

Rua dos Anjos, nº 71 b
Av. Ant.º A. Aguiar, 58b
LISBOA

OS MELHORES OURIVES DE TODO O MUNDO RECOMENDAM

Hagerty para limpar pratos

procure nas ourivesarias

BELMONDO

EM FÉRIAS: TRÊS FILHOS E UMA PISCINA

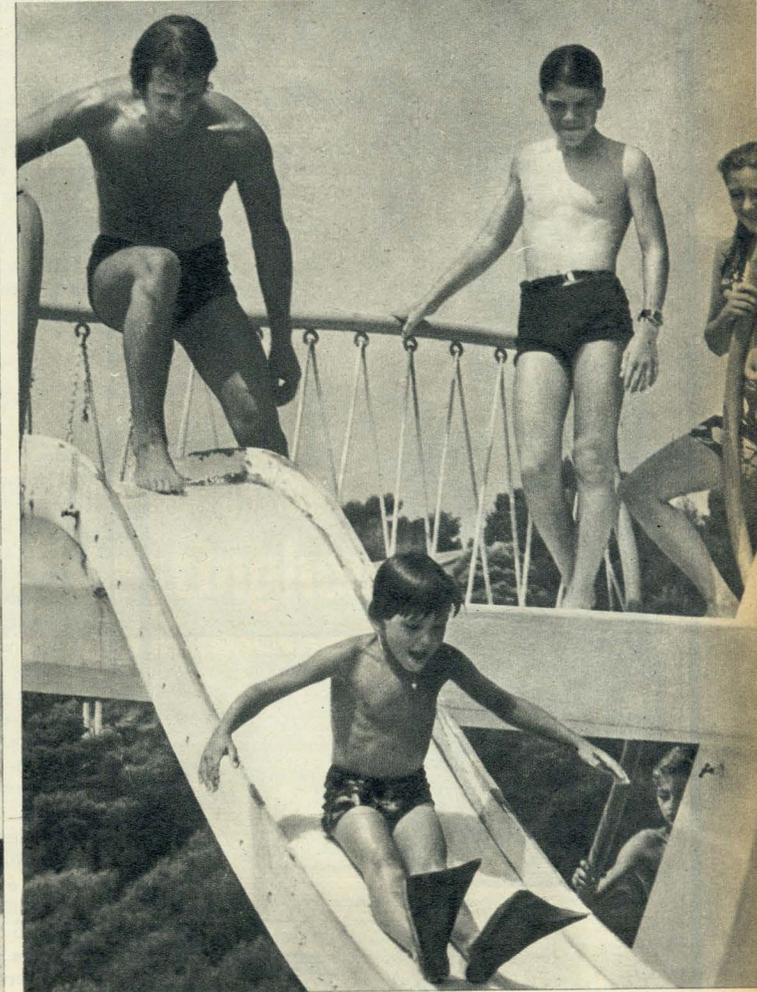
Logo que terminou as filmagens da película «Un homme qui me plaît» («Um homem ao meu gosto»), de Claude Lelouch, no qual contracena com Annie Girardot, Jean-Paul Belmondo, resolveu passar alguns dias na Côte d'Azur, com os seus três filhos. Jean-Paul aproveita estas curtas férias para desempenhar o papel de pai de família junto de Patrícia, de 15 anos, Florence de 10, e Paul de 5, que raramente têm oportu-

nidade de passar muitos dias seguidos com o pai. Na piscina do Grande Hotel de Cap Ferrat, Belmondo brinca com os filhos como se fosse uma criança grande. Desliza no escorregadio e mergulha com eles nas águas transparentes. Jean-Paul Belmondo decidiu consagrar inteiramente as férias aos filhos, antes de voltar aos estúdios cinematográficos para rodar «Carbone e Spirito», de Jacques Deray, filme em que terá como «partenaires» Alain Delon.

© APIS - AG. DIAS DA SILVA - FLAMA

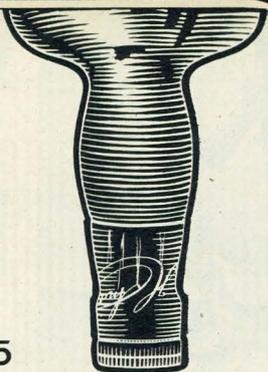


Um momento de descanso, sentados na beira da piscina. Da esquerda para a direita, Paul, Florence, papá Belmondo e Patrícia.
EM BAIXO — Paul desliza no escorregadio, observado pelo pai, que também aprecia o «desporto».



Jean-Paul Belmondo prepara-se para uma competição amigável, com os filhos, mas, entretanto, Florence adiantou-se.

EST. 1845



*Mais de
um século
de reputação
mundial*



ANDRESEN

TOIROS

Toiros: O terrível dilema do ganadero e do aficionado

Os ganaderos e os aficionados portugueses encontram-se perante um dilema: ou ficam sem toiros... ou sem toureiros! Sem toiros não pode haver toureiros e toureiros sem toiros nada têm que fazer. Lógica evidente.

É verdade dita e redita que a selecção do toiro se faz à base da vara, único método (até hoje) susceptível de avaliar a bravura. Criadores portugueses conseguiram encontrar na alquimia laboratorial da tenta, após porfiados estudos; escolhas de sementais e de vacas e uma aturada e beneditina paciência aficionada, o toiro ideal para uso interno, aquele que permita a faena sem a utilização da vara. (Evidentemente que mesmo estes toiros para uso interno chegam ao final da lide sem nunca terem atingido o terceiro estado).

Contudo, o ganadero que possua o toiro ideal para as nossas arenas não está livre (e ainda bem) que lhe saia pela porta dos curros um hasteado a pedir meças, a mostrar temperamento. Aliás, para a minha sensibilidade de aficionado, que repudia o toiro fero e pretende gozar o espectáculo da arte taumáquica sobretudo no que há nele de beleza estética, não abdicou do toiro sem sua pontinha de génio, de picardia, a pôr luta, a investir para atacar e não para se libertar de algo que o incomoda. O toiro suave, a tonta, a *pera en dulce* considero-o, como certas pessoas, os não-terales, os marias-vai-com-as-outras, os tais excessivamente bons que ninguém lhes liga importância.

Para o toureiro de inspiração e largo repertório

(raríssimos) é o toiro adequado e delicia-nos como arte, como impacte de beleza, mas nunca como espectáculo de toiros, onde a emoção está umbilicalmente ligada.

A corrida das «3 nações» no Campo Pequeno foi morte para esta crónica no excelente curro de oito toiros enviado pelos ganaderos Oliveira (Irmãos): com trapio, com peso, a idade conveniente para o nosso espectáculo, com casta, sua ponta de temperamento e a codícia agressiva e suficiente.

Por isso (falta de varas) e por aquilo (falta de habitação) e por aqueloutro (etc., etc...) os oito toiros saíram da arena praticamente como entraram: frescos como alfaces, de boca fechada!

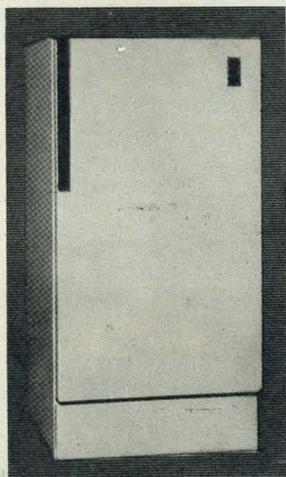
Gustavo Zenkl e Victor Ribeiro tiveram pormenores de brega aceitáveis, com relevo para o luso-austriaco. Amadeu dos Anjos, o mexicano António Lomelin e o espanhol António Rivera «Riverita» não se entenderam, é o termo, com os bichos que tinham pela frente, salvo um ou outro pomenor em que Amadeu somou mais pontos. Este, aliás, era o único que tinha desculpa para estar ausente de espírito. Nasceram-lhe uma filha (a encantadora Patrícia) quatro horas antes da corrida. E só quem nunca foi pai poderá achar estranha esta afirmação.

Palmas justas e merecidas para os forçados Amadores de Alcochete Aníbal Pinto e Francisco Sequeira.

Desfaça-se o dilema e venham as varas.

SARAIVA MENDES

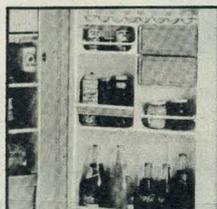
a técnica e experiência
da westinghouse
que colaboram na conquista
da lua...



...estão na base
da construção
do seu futuro

FRIGORÍFICO DH 180 (180 LITROS)

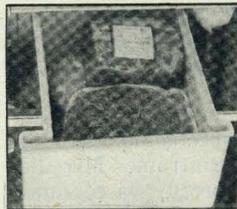
Westinghouse



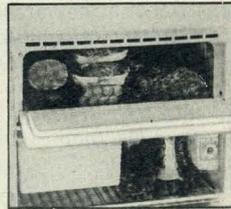
Aproveitamento total da porta



Caixa de legumes espaçosa



Ampla gaveta para carne



Congelador a toda a largura

ASSISTÊNCIA TÉCNICA ESPECIALIZADA

Pode estar seguro se é Westinghouse

Distribuidores:



SEDE: Av. 5 de Outubro, 56 - Telef. 56 25 41 - PPC 5 Linhas - LISBOA 1
FILIAL: R. Miguel Bombarda, 221 - Telef. 2 80 08 - 2 05 53 - PORTO



Mireille Darc faz cinema, canta, encanta, e pratica «karting».

**A OUTRA
MIREILLE**

Mireille Darc só entrou definitivamente no rol das vedetas consagradas depois do seu trabalho na película «Valia»? Desde então, o estudo dos papéis que é chamada a desempenhar e as filmagens deixam-lhe, presentemente, pouco tempo para descansar. Mas, numa pequena pausa do trabalho, conseguiu passar alguns dias, sôzinha, na Cote d'Azur.

Foi em La Siesta, uma praia muito frequentada pelos grandes nomes do espectáculo, situada perto de Juan-les-Pins, que encontramos Mireille, ao volante de um «kart» que procurava conduzir como um campeão da modalidade.

Depois de uma volta à pista, Mireille conquistou um novo admirador, um adorável leão bebé, que ficou feliz quando se encontrou nos seus braços. «Crisly», é este o seu nome, não queria deixá-la.

Quando estas curtas férias terminarem, Mireille Darc, que tem já três discos gravados, tenciona dedicar-se sèriamente à canção.



Mireille «em pose», desta vez para uma máquina fotográfica.



PORQUÊ A TERRÍVEL DECISÃO DE KUZNETZOV

De um determinado ponto de vista, Anatoly Kuznetzov tinha uma situação deveras invejável, em relação aos usuais moldes de vida dos seus camaradas escritores. As suas novelas, *Babi Yar* e *Fire* provocaram grande reacção entre o público, conquistando centenas de milhares de leitores — o que não é anormal na União Soviética, mas que para os ocidentais representa uma percentagem bastante considerável. Aos 39 anos, Anatoly era membro de uma admirada e respeitada «élite» e podia dar-se ao luxo de ter um quarto próprio, em Moscovo, e uma pequena casa, no campo, longe das sombras de Kremlin.

É verdade que Anatoly tem sido acusado de «excessos ideológicos» e de ter tomado uma posição demasiado estável na vida da União Soviética; mas estas acusações eram apenas tiros de pólvora seca que nada conseguiam destruir nem afundar. Uma espécie de ataque, conhecido de todos os escritores soviéticos. E, para fazer notar que Kuznetzov estava a ser chamado à razão pelo desgosto que provocava e não por motivos mais sérios, e que se pretendia ajudá-lo a encontrar um caminho e não castigá-lo, foi recentemente nomeado conselheiro da editora da *Yumost* (Juventude), uma revista com uma tiragem de dois milhões de exemplares, e que tem sabido resistir às enormes imbecilidades de um sistema reaccionário. Anatoly Kuznetzov teve mais sorte, neste lugar, do que o impetuoso e brilhante Aksionov, que foi demitido pouco tempo após a nomeação, e do que o próprio Eugene Yevtushenko.

O MUNDO A SEUS PÉS

Para além de tudo isto, e numa altura em que o Governo soviético pensa mais de duas vezes antes de permitir aos escritores qualquer viagem aos países ocidentais, Kuznetzov foi enviado a Londres com a missão de recolher material sobre a vida de Lenine na capital britânica. O mundo estava a seus pés. Se tivesse sido cuidadoso com aquilo que publicava, poderia ter subido cada vez mais, tendo em conta os exemplos de muitos camaradas seus — a prisão de Sinyavsky e Daniel, o silêncio de Solzhenitsyn, o brilho suave do poeta meteórico Voznessensky e outros.

No entanto, agora, e por escolha pessoal, Kuznetzov inicia a vida de um emigrado, num país estranho cuja língua não fala, e onde a vida tende, muitas vezes, a caminhar para a alienação. Nalguns aspectos, Kuznetzov encontra-se na posição de um visitante, vindo de outro planeta. Está

separado de tudo aquilo sobre o que escreveu, de tudo o que sentiu. Para falar e para ler tem necessidade de um intérprete; para escrever necessita de um tradutor. E não sabe nada do povo para o qual, agora, tem de escrever. Foi uma decisão terrível.

Desde que se sentiu compelido a tomar essa decisão, a realidade da sua situação tornou-se completamente diferente da visão que dela poderia ter um observador exterior que analisasse a sua carreira, apenas há alguns dias atrás. Não importa grandemente aquilo que ele próprio possa dizer sobre as razões que o levaram a tomar uma tal decisão. Não há ninguém, conhecedor da actual situação dos intelectuais e artistas soviéticos, que não se aperceba de que o quadro era falso, tanto no pormenor como no geral.

LIDO E ADMIRADO, MAS...

Kuznetzov era lido e admirado — mas tudo o que publicava tinha que ser submetido a uma censura prévia, por parte do autor, seguida da censura oficial, antes de ser posto à venda. Sem sombra de dúvida, podemos afirmar que Anatoly Kuznetzov publicou apenas uma parte da sua produção. A parte restante terá sido impressa e circulado por entre os seus amigos e admiradores — o que, aliás, é vulgar na União Soviética, onde tal prática foi institucionalizada quase como uma indústria, sob um nome de Samizdat. Durante muito tempo, Kuznetzov deve ter sido submetido a pressões que o forçaram a escrever livros e artigos que ele não desejava ter escrito, livros e artigos destinados a apresentar a imagem oficial da União Soviética, que não corresponde, de modo nenhum, à verdade. E, mesmo quando não escrevia, Kuznetzov devia ser forçado a tomar parte em toda uma série de cerimónias oficiais, também destinadas a apresentar aos olhos dos observadores do exterior uma imagem deturpada da União Soviética, mantendo, ao mesmo tempo, as posições de autoridade do corpo governamental que, actualmente, dirige o país no seu próprio interesse.

Dentro de um tal regime, há apenas duas posições a tomar: ou manter-se em silêncio, renunciando, assim, a uma carreira; ou protestar abertamente, correndo o risco de ser preso ou exilado. E, durante todo o tempo, Kuznetzov teve em frente dos olhos o exemplo dos grandes opositoristas que protestaram abertamente e se mostraram prontos a enfrentar as consequências.

Kuznetzov é um nome de ressonâncias exóticas. Para os ouvidos ingle-

ses é um nome irreal. Pertence a um outro mundo: tudo pode acontecer a um homem chamado Kuznetzov. Mas, para os Russos, Kuznetzov é um nome comum. Algo de semelhante ao Smith inglês e ao Silva português. Tudo isto aconteceu a um homem chamado Silva.

Outros, além de Kuznetzov, devem ter sentido, de tempos a tempos, a tentação de sair da Rússia, mas sempre foram esperando melhores tempos. Só que durante os três ou quatro últimos anos as pressões exercidas sobre os espíritos independentes atingiram o limite máximo. Só que a invasão da Checoslováquia, ocorrida há um ano, aclarou, finalmente, a situação, para aqueles que esperavam que a nova repressão, provocada pelo receio e pela incerteza, fosse somente uma fase passageira.

A invasão da Checoslováquia fez cair por terra os ideais do «socialismo humano», tanto na União Soviética como em Praga. A experiência traumatizou muitos intelectuais socialistas. Isto significava o fim de um sonho sustentado, com maior ou menor optimismo, durante os quinze anos que se seguiram à morte de Estaline. Durante o governo de Malenkov, e depois, durante o governo de Kruchchev muitas coisas aconteceram.

Mas Krustchev, que era suficientemente inteligente para ver que, antes de a União Soviética atingir a sua base de estagnação histórica, era necessário encorajar a inteligência, permitindo a liberdade aos grandes cérebros para que surgissem bons pensadores. Entre os russos, não teve nunca a mínima intenção de conceder liberdade total aos intelectuais. Adoptou a política que lhe pareceu adequada e que poderia rotular-se de estalinismo sem terror.

E assim continuou a ser durante dez anos, durante os quais muita coisa aconteceu. Muita coisa foi dita e feita, publicaram-se livros, o que seria impraticável ao tempo de Estaline. Acima de tudo, a inteligência expressava as suas ideias, discutindo livremente e respondendo, em mais ou menos grau, às imperiosas necessidades da juventude, que pedia algo mais do que democracia.

LIBERDADE INQUIETANTE

Durante esta época, chegou a ser inquietante a completa liberdade com que falava a juventude. Muitas vezes se levantou a questão: «será prudente falar deste modo? Não seria conveniente um pouco mais de cuidado?» E os jovens, que não tinham conhecido a vida da época de Estaline, respon-



Anatoly Kurvetzov, cujos livros sobre a imperfeição suscitarão a ira das sociedades soviéticas da U. R. S. S. O escritor refugiou-se na Inglaterra durante uma excursão àquele país, aonde se dirigira com a finalidade de escrever uma obra sobre Lenine

diam: «temos um longo caminho a percorrer, mas sabemos para onde vamos. Devemos lutar contra a burocracia. Pois bem, lutaremos.» Alguns destes jovens encontram-se agora na prisão ou no exílio. Kusnetsov devia ter cerca de 25 anos, na época em que a juventude fazia tais declarações. Talvez falasse a mesma linguagem. A situação manteve-se assim até 1923, quando Kruchchev caiu, lutando pela sua própria vida política.

Entre 1964 e 1969 tudo se modificou. Ninguém sabia, no início, qual seria a política interna que o novo Governo iria adoptar. O próprio Governo não a tinha ainda definido. Durante cerca de dois anos, os seus membros lutaram entre si, tentando encontrar a estabilidade económica. Não foram tomadas, durante este período, iniciativas políticas de qualquer espécie. Mas durante este período de incerteza, a polícia de segurança, a K G B, assumia uma nova autoridade. E, em Fevereiro de 1966, surgiu a primeira «demonstração» da sua força com os irrisórios julgamentos de Sinyavsky e Daniel, presos algum tempo antes por terem publicado, noutros países, livros cuja publicação fora proibida na Rússia.

Muitos dos grandes nomes soviéticos — cientistas, engenheiros, professores universitários — protestaram. Mas o mais veemente protesto partiu das camadas mais jovens, tomando uma forma especial.

Durante o governo de Kruchchev os contestadores tinham pedido liberdade. Pomerantsev fez a sua célebre declaração sobre a verdade na literatura. Tvardovsky manteve abertas as páginas da revista NOVYMR, na qual se iniciaram os melhores dos jovens escritores. Ilya Ehrenburg e vários outros lutaram pela necessidade de liber-

dade de expressão para que a literatura pudesse amadurecer e sobreviver. Actualmente, não é permitido lutar pela liberdade de expressão e Tvardovsky encontra-se sob pressão.

Ginsburg e Galanskov protestaram contra a condenação de Sinyavsky e Daniel e acabaram por ser presos; Kaustov e Bakovsky protestaram contra a prisão de Ginsburg e Galanskov e foram, por seu turno, presos; o jovem Litvncv e Larissa Daniel, mulher de Daniel, protestaram contra tudo o que acontecera antes e, foram, finalmente, presos e mandados para o exílio por se terem manifestado contra a invasão da Checoslováquia; um grupo de jovens de Leninegrado foi processado por distribuir livros publicados no estrangeiro; o jornalista ucraniano Choanovil, que, lúcida e, protestou contra as sentenças de que tinham sido alvo os seus camaradas meranianos (não separatistas), foi, por sua vez, alvo de um processo. As contestações baseiam-se na Constituição de 1938, que, na altura, surpreendeu o mundo.

O PÚBLICO NÃO COLABORA

Os velhos russos quase não recordam a também velha Constituição de 1938, com todas as suas garantias de liberdade, mas os jovens redescobriram-na e decidiram que poderia servir-lhes. Dirigem cartas abertas ao «Comité» Federal, ao Supremo Tribunal Soviético, ao próprio Brezhnev, apontando todas as transgressões à Constituição, artigo por artigo, apontando também transgressões aos estatutos legais. Os contestadores defendem a lei escrita, em face à política e aos tribunais que, várias vezes, a «tornearam».

Trata-se de uma nova tentativa. Não os leva muito longe. E-lhes permitido discutir, argumentar, «arejar» opi-

niões entre si, mas, de cada vez que um deles tenta dirigir um apelo ao público em geral, a polícia aparece.

E o público, em geral, não colabora. Materialmente, tudo está melhor. A maioria das pessoas não está disposta a lutar. Encontram-se bem instalados e não querem renunciar à comodidade, conquistada ou oferecida. Sofreram muito, noutra época das suas vidas, e sentem-se satisfeitos por estarem vivos, por poderem dispor do suficiente para comer. Pretendem apenas uma vida calma. Intransigentes contra tudo o que possa ameaçar o seu comodismo, não nutrem nenhuma simpatia por estes idealistas que falam de liberdade, de verdade e de auto-expressão. Viver e deixar viver é a sua norma.

Os intelectuais dissidentes depressa viram que estavam sós. Muitos dos seus colegas de universidade estão apenas empenhados na conquista de «um lugar na vida», o que significa estarem dispostos a fazer o que lhes mandam. Os cientistas e engenheiros mais bem pagos permitem-se simpatizar com os jovens contestadores, chegando mesmo a criticar o regime, embora sem excessiva rudeza. Esperam o dia em que tenham atingido o número suficiente para fazer tremer as paredes do Kremlin. Sabem que, por agora, nada podem fazer.

Os contestadores e os seus simpatizantes puderam avaliar até que ponto se encontravam sós, quando da invasão da Checoslováquia. Muitos deles recusaram-se a assinar as circulares, que declaravam a solidariedade com a acção governamental. Mas uma grande parte da população urbana soviética — os camponeses nunca tinham ouvido falar na Checoslováquia — era da opinião que os checos estavam a ter o que mereciam. Era necessário pô-los no seu lugar. E não hesitaram em opor-se aos manifestantes que se tinham aglomerado na Praça Vermelha. Esta foi a prova evidente de que os intelectuais estão sós.

Estão sós, mas resistem. Prova-o a carta dirigida às Nações Unidas por um grupo patriotas russos que se tinham reunido num Grupo de Acção Para a Defesa dos Direitos Civis, na União Soviética. Este movimento subsistirá, embora subterraneamente. Mas actividades deste tipo estão condenadas ao malogro, enquanto o Governo puder manter calmas e satisfeitas as grandes massas populacionais.

Foi a esta deprimente e complexa situação que Kuznetzov decidiu voltar as costas. Tentou, como tentam os seus contemporâneos, melhorar a sociedade soviética, pondo a claro algumas das suas corrupções. Falhou, como muitos outros falham. E fugiu.



SERVIÇOS TÉCNICOS DA PHILIPS PORTUGUESA

MÃO-DE-OBRA ESPECIALIZADA
ACESSÓRIOS DE ORIGEM
REPARAÇÕES DOMICILIÁRIAS

LISBOA — 38 28 44 - 68 31 21 - 56 02 00
PORTO — 6 76 62 • FARO — 2 38 99

QUALIDADE PHILIPS
MERECE SERVIÇO PHILIPS



FOI PARA TORRES VEDRAS O AUTOMÓVEL KADETT LS, DO NOSSO CONCURSO SÉRIE PRATA

O sorteio realizado no passado dia 8, na presença do representante do Governo Civil de Lisboa, atribuiu o prémio único do nosso concurso da «Série Prata» à Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Olga Faria Silva Ferreira Custodinho, moradora em Torres Vedras, na Avenida Circular, letras JSP, 3.º, D.

Assim, o esplêndido «Kadett-L. S.», de 4 portas, modelo «sedan fastback», com motor especial de 1100 c. c., com alavanca de velocidade tipo sport, aquecimento e pneus de faixa branca, prémio com que tantos milhares de leitores do continente, ilhas, ultramar e estrangeiro, sonharam durante algum tempo, já tem dono. O sorteio



Maria Olga Faria Silva Ferreira Custodinho, a premiada com o automóvel no concurso «Série Prata».

destinou-o ao postal numerado com o n.º 2585 (dois mil quinhentos e oitenta e cinco), que nos havia sido remetido por aquela leitora de Torres Vedras.



Quem é ele ?
Um homem
de preferências bem definidas
Os melhores fatos...
Os melhores carros...
Objectos raros...
e os cigarros KENT
com o filtro exclusivo micronite

KENT, o cigarro americano
preferido em todo o mundo

A EMPRESA
CLARAS
TRANSPORTA
A «FLAMA»
PARA DIVERSAS
LOCALIDADES

A «FLAMA»
É TRANSPORTADA
PARA O SUL DO
PAÍS PELA EVA

A «FLAMA»
SEGUE NOS
COMBOIOS
DA C. P.
PARA OS
QUATRO CANTOS
DO PAÍS



Ford ã frente em preço
O Escort sã custa 56.704\$10. E é mais carro.
Nã se contente com menos!

Porquẽ contentar-se com menos quando realmente pode ter um carro moderno, mais confortãvel, com 5 lugares e um porta-bagagens a sãrio, tudo por uma pequena diferenã de preã?o

O seu palmarẽs ẽ a prova de quem sabe ganhar as mais duras provas internacionais: o Escort ẽ campeão europeu de ralis.

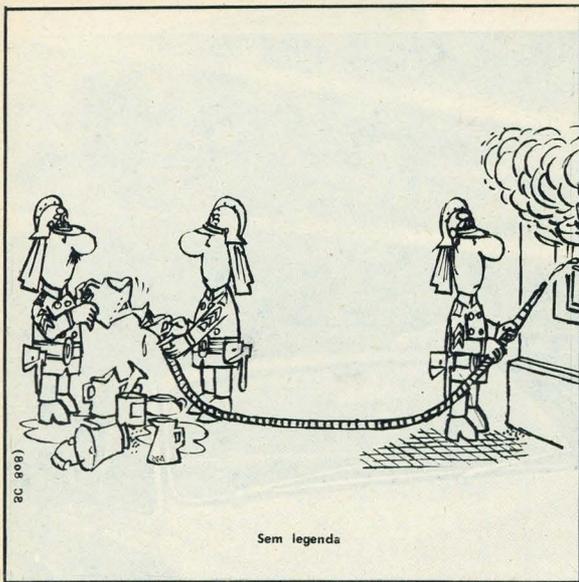
O Escort tem novas caracteristicas de seguranã — coluna de direããõ com dispositivo amortecedor e sistema de travões com 2 circuitos independentes.

Vã ao Concessionãrio Ford e peãa uma demonstraãõ. Com o Escort. O tal que torna õs quilõmetros mais pequenos e mais econõmicos. Ao seu dispor, tambẽm, Escort DeLuxe, Escort GT, Escort Estate Car, Escort Van.

Ford Escort

sã ẽ pequeno no preã





Sem legenda

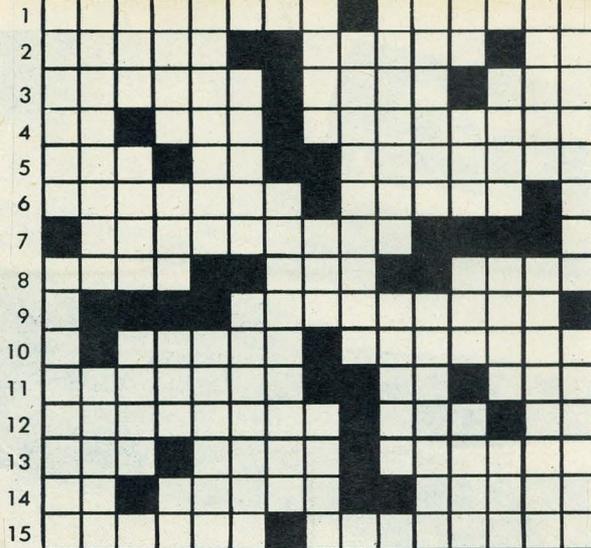


Sem legenda



A comida, aqui, não é grande coisa, mas em compensação o serviço é formidável!

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 978

HORIZONTAIS: 1 — Macaquear; alisar. 2 — Espreitar; aprova; medida itinerária chinesa. 3 — Símbolo da esperança; risonha; suspiros. 4 — Estrépito de desmoronamento; preposição; adversárias. 5 — Prende; s. q. do «boror»; provira. 6 — Malandro; circular. 7 — Transferir; 8 — Flor; nome de homem; pessoa cruel. 9 — Amadura. 10 — Mania; mulher que monta cavalos. 11 — Pautar; apóstolo (abrev.); preposição. 12 — Autoritário; chefe etíope; nome de uma letra. 13 — Piolho; ainda; agastai. 14 — S. q. da prata; repetem; elimine. 15 — Resmungou; amaciadas.

VERTICAIS: 1 — Desejaram; apanhar aqui e ali as espigas do chão. 2 — Rascunhado; íntimo. 3 — Arcaico (abrev.); clima; fruto semelhante ao cacau. 4 — Filtras; nome de mulher; ide (latim); Emissora Nacional. 5 — Rosicler; serício. 6 — Afio; serenou. 7 — Emparceira. 8 — Espécie de corrida de automóveis; lavra; labéu. 9 — Desacreditada; 10 — Remia; ganhara humidade e estragara-se (madeira). 11 — Guarnecer de arame; moços. 12 — Pronome reflexo; sufixo diminutivo (fem); realizou; estampilha. 13 — Figura bíblica; repercussões; forma do verbo dizer. 14 — Agregar; malvada. 15 — Bugigangas; Aberturas feitas, de intervalo em intervalo, no cimo dos muros.

Solução do problema n.º 977: Humanidade — abam — amar — maior — vice — laico — tatu — elan — osada — seduzido — iris — sinas — r — lanceais — TIR — vi — ágios — sabor — ria — prós — ambos — boer — ias — anori — trens — ds — ate — entraras — a — acama — aias — rapariga — amores — iram — coma — anelo — acre — Onega — avia — soas — somatórios.

TL

A. TEIXEIRA LOPES



balamundi

papéis decorativos

UM ESTILO DE VIDA

RUA ANTONIO PEREIRA CARRILHO, 29 A • LISBOA-PORTUGAL • TELEFS. 56 11 29 - 53 07 79
RUA SANTA CATARINA, 286 1.º ESQ. SALA 3 • PORTO • TELEF. 31340



CHARME
SPORT
TABAC

desodorizantes

8x4

A certeza duma presença desejada

Charme... Sport... Tabac... três aromas suaves, frescos, persistentes. Escolha a sua própria frescura, a sua própria simpatia. 8x4 combate e elimina de forma eficaz e duradoira o odor do corpo. Confie na sua presença durante todo o dia.

*8x4 stick pequeno, stick grande,
spray, sabonete, talco.*



KART

O cigarro que **ELE** fuma...

*Conquista pela superioridade absoluta
do seu filtro de extraordinária eficiência*



KART O cigarro que dá
Kilómetros de prazer.